

**ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO**

Maj Cav EDILMAR **SCHUMACKER** SOARES

**A contribuição do SISPRON para o estado de prontidão
operacional da Força Terrestre: estudo comparativo de
modelos de Forças de Prontidão**



Rio de Janeiro
2021

Maj Cav EDILMAR **SCHUMACKER** SOARES

A contribuição do SISPRON para o estado de prontidão operacional da Força Terrestre: estudo comparativo de modelos de Forças de Prontidão

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa.

Orientador: Maj Inf Jairo Luiz Fremdling Farias

Rio de Janeiro
2021

Maj Cav EDILMAR **SCHUMACKER** SOARES

A contribuição do SISPRON para o estado de prontidão operacional da Força Terrestre: estudo comparativo de modelos de Forças de Prontidão

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa.

Aprovado em _____ de _____ de 2021.

COMISSÃO AVALIADORA

Jairo Luiz Fremdling Farias – Maj Inf - Presidente
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

Sérgio Munck – Ten Cel Art - Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

Felipe Araújo Barros – Ten Cel Eng - Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

S676c Soares, Edilmar Schumacker

A contribuição do SISPRON para o estado de prontidão operacional da Força Terrestre: estudo comparativo de modelos de Forças de Prontidão. / Edilmar Schumacker Soares. —2021.

122 f.: il. ; 30 cm.

Orientação: Jairo Luiz Fremdling Farias.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares) —Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2021.

Bibliografia: f. 94-102.

1.FORPRON. 2. FORÇAS DE PRONTIDÃO. 3. PREPARO. 4. PRONTIDÃO OPERACIONAL. I Título.

CDD 355.4

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Maj De Ávila, pela orientação precisa e, principalmente, pela confiança e camaradagem que dispensou a mim, a fim de melhorar este trabalho de conclusão de curso.

Aos senhores oficiais Cel Inf Gerson, Cel R1 Osiris, TC Inf Cajazeira, Maj Cav Pacheco, Maj Cav André, Maj Inf Peixoto e Maj Inf Andrey pelas orientações e informações transmitidas, sem as quais não seria possível concluir o esforço de pesquisa deste trabalho.

Ao meu pai, 1º Ten R1 QAO Soares, e à minha mãe, Marlene Schumacker, pela vida, pelos exemplos de dedicação, pela educação firme e sólida e por seu incentivo constante pelo meu sucesso.

À minha esposa Danielle e meus filhos Davi e Alice pelo amor, dedicação ao nosso lar, compreensão pelos diversos momentos de afastamento empenhados com o estudo, pelo incentivo e, principalmente, pela motivação diária para que eu busque ser um esposo e pai melhor.

RESUMO

O Processo de Transformação do Exército Brasileiro (EB) iniciado em 2010 trouxe a demanda de um sistema que proporcionasse a efetiva manutenção da prontidão operacional da Força Terrestre (F Ter). A partir de então, foram adotadas algumas iniciativas para reformular os Grupos de Emprego da F Ter e eleger, no âmbito dos Comandos Militares de Área, forças com capacidade de pronta-resposta. Em 2019, no escopo do Sistema Operacional Militar Terrestre (SISOMT) e por intermédio do Comando de Operações Terrestres (COTER), o EB estabeleceu um novo sistema visando a obter tropas devidamente adestradas, certificadas e em prontidão. Nesse contexto, foi implementado o Sistema de Prontidão Operacional (SISPRON) e, em 2020, selecionadas as Forças de Emprego Estratégico (F Emp Estrt) para comporem o projeto piloto das Forças de Prontidão (FORPRON). Assim, o presente trabalho tem por finalidade identificar as contribuições do modelo FORPRON, do COTER, para o estado de prontidão operacional da F Ter. Para tanto, foi realizado um estudo comparativo dos principais aspectos do modelo de seleção e preparo da FORPRON com as iniciativas anteriores, em especial as Forças de Atuação Rápidas Estratégicas (FAR Estrt) e as forças com vocação de pronto emprego do Comando Militar do Sul (CMS) e do Comando Militar do Oeste (CMO), procurando identificar o quê o modelo SISPRON agregou em termos de prontidão da F Ter. Nesse mesmo ínterim, comparou-se o modelo da FORPRON com o *Sustainable Readiness Process (SRP, sigla em inglês)*, das *Global Response Forces (GRF, sigla em inglês)*, dos EUA, e o *Managed Readiness System (MRS, sigla em inglês)*, das Forças Regulares do Canadá, com o intuito de constatar se o modelo brasileiro obedecia a parâmetros de preparo de exércitos com participação em operações militares na atualidade. Para subsidiar as conclusões, além da base documental, foram realizadas entrevistas ou questionários a oficiais do COTER, participantes do 1º ciclo de prontidão das FORPRON e a um membro do Centro de Adestramento - Sul. Por fim, foi possível indicar alguns aperfeiçoamentos no processo de seleção e preparo de tropas com impactos para a prontidão operacional da F Ter, devido, principalmente, à sistematização âmbito EB e à priorização de recursos. Adicionalmente, levantou-se algumas oportunidades de melhoria, óbices e desafios para a FORPRON, as quais podem gerar reflexos na viabilidade e continuidade do modelo implementado atualmente pelo COTER.

Palavras-chave: FORPRON; Forças de Prontidão; Preparo; Prontidão operacional.

ABSTRACT

The Brazilian Army (*EB*, in portuguese) Transformation Process of 2010 brought the demand for a model that would maintain the operational readiness of the Land Force (LF) effectively. At this point, some initiatives were taken place to reformulate the Land Force Employment Groups and others quickly responsive forces in the Military Area Command. However, in 2019, inside the Land Force Operational System (*SISOMT*, in portuguese) and Land Force Operational Command (*COTER*, in portuguese) management, the *EB* established a new system to obtaining properly training, certified and ready troops. In this context, during 2020, the Land Force Readiness System (*SISPRON*, in portuguese) was implemented and the Strategic Employment Forces were selected by *EB* to take place in the Readiness Forces (*FORPRON*, in portuguese) pilot project. Thus, the present paper aims to identify the contributions of the model *FORPRON*, by *COTER*, to the operational readiness of the LF. In order to accomplish that, a comparative study of *FORPRON*'s selection and training model with the previous Brazilian quickly responsive forces were settled, seeking to identify what the model *SISPRON* added in terms of LF readiness. In the same way, this paper have compared the model *FORPRON* with the Sustainable Readiness Process (SRP) of the United States Army Global Response Forces (GRF) and the Managed Readiness System (MRS) of Canadian's Regular Forces, attempting to verify if the Brazilian model follow some training templates of armies that have deployed troops in current military operations. In addition to the document data, were conducted some interviews and questionnaires to *COTER* officers, participants of the 1st readiness cycle of *FORPRON* and a member of South Training Center (*CA-Sul*, in portuguese) to support the conclusions. Finally, it was possible to indicate some improvements in the process of troops selection and training with impacts of the LF operational readines, mainly due the *EB* sustainable model of readiness and the prioritization of resources. Additionally, some opportunities for improvement, constrains and challenges for *FORPRON* were raised, which can reflect on the viability and continuity of the currently readiness model of *COTER*.

Keywords: FORPRON; Readiness Forces, Training; Operational readiness.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Adst	Adestramento
<i>BCT</i>	<i>Brigade Combat Team</i>
Bda	Brigada
CA	Centros de Adestramento
CA	<i>Canadian Army</i>
CA-Leste	Centro de Adestramento - Leste
CA-Sul	Centro de Adestramento - Sul
Cmdo	Comando
C Mil A	Comando Militar de Área
CMO	Comando Militar do Oeste
CMS	Comando Militar do Sul
COLOG	Comando Logístico
COTER	Comando de Operações Terrestres
DE	Divisão de Exército
DOAMEPI	Doutrina, organização e/ou processos, adestramento, material, educação, pessoal e infraestrutura
EB	Exército Brasileiro
EM	Estado-Maior
END	Estratégia Nacional de Defesa
EP	Efetivo profissional
EUA	Estados Unidos da América
EV	Efetivo variável, recruta.
FA	Forças Armadas
FAR Estrt	Força de Atuação Rápida Estratégica
F Emp Estrt	Forças de Emprego Estratégico
F Emp Ge	Forças de Emprego Geral
FORPRON	Forças de Prontidão
F Ter	Força Terrestre
GU	Grande Unidade
Hip	Hipótese

LSM	Lei do Serviço Militar
MEM	Material de Emprego Militar
MD	Ministério da Defesa
Mdl Esp	Módulos Especializados
<i>MRS</i>	<i>Managed Readiness System</i>
<i>MRP</i>	<i>Managed Readiness Plan</i>
OA	Objetivo de Adestramento
OCA	Observador, Controlador e Avaliador
OM	Organização Militar
PEECFA	Plano Estratégico de Emprego Conjunto das Forças Armadas
PIM	Programa de Instrução Militar
PND	Política Nacional de Defesa
QDM	Quadro de Distribuição de Material
SIDOMT	Sistema de Doutrina Militar Terrestre
SIMEB	Sistema de Instrução Militar
SISOMT	Sistema Operacional Militar Terrestre
SISPRON	Sistema de Prontidão Operacional da Força Terrestre
<i>SRM</i>	<i>Sustainable Readiness Model</i>
<i>SRP</i>	<i>Sustainable Readiness Process</i>
SSEB	Sistema de Simulação do Exército Brasileiro
SU	Subunidade
U	Unidade
<i>US Army</i>	<i>United States Army</i>

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Modelagem do SISOMT.....	34
Figura 2	- Exemplo de relatório, com resultado do confronto de tropas.....	44
Figura 3	- Faseamento dos Ciclos de Prontidão.....	45
Figura 4	- Composição de meios de uma Bda Bld.....	47
Figura 5	- Estrutura da FT POTYGUARA.....	48
Figura 6	- Composição de uma Bda Inf Mec.....	51
Figura 7	- Ciclos de prontidão da FORPRON/ 15ª Bda Inf Mec, de 2020 e 2021.	52
Figura 8	- Composição de uma Bda C Mec.....	53
Figura 9	- Ciclo de preparação completa da FORSUL CHARLIE 2018-2020.....	62
Figura 10	- Ciclo de preparação completa da FORSUL GOLF 2018-2020.....	63
Figura 11	- Composição Brigada FORSUL 2019.....	63
Figura 12	- FORPAN/ 4ª Bda C Mec – Hip ciclo de Adst completo – 2010.....	66
Figura 13	- FORPAN/ 4ª Bda C Mec – Hip ciclo de Adst incompleto – 2010.....	66
Figura 14	- Módulos do SRM.....	78
Figura 15	- Progressão do adestramento, <i>crawl-walk-run method</i>	80
Figura 16	- Princípios de treinamento do Exército Canadense.....	83
Figura 17	- Ciclo de treinamento para geração de força.....	86

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Correlação dos níveis de capacitação operacional e adestramento.....	24
Quadro 2 - Dados logísticos da certificação FORPRON/5ª Bda C Bld.....	50
Quadro 3 - FAE em 2017.....	59
Quadro 4 - Ciclos de adestramento dos grupos de emprego em 2012.....	60

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	12
INTRODUÇÃO	14
1 REVISÃO DE LITERATURA	20
1.1 CONCEITOS	20
1.1.1 A Prontidão Operacional	20
1.1.2 O preparo e o adestramento de tropas	23
1.1.3 A Simulação de Combate	25
1.1.4 A avaliação e a certificação do adestramento de tropas	28
1.2 A PRONTIDÃO OPERACIONAL E A DEFESA NACIONAL	30
1.3 O SISTEMA OPERACIONAL MILITAR TERRESTRE (SISOMT).....	33
1.3.1 O Sistema de Instrução Militar (SIMEB).....	35
1.3.2 O Sistema de Simulação do Exército Brasileiro (SSEB)	35
1.3.3 Os Centros de Adestramento.....	36
1.3.4 O Sistema de Prontidão Operacional (SISPRON)	37
1.4 AS FORÇAS DE PRONTIDÃO	39
2. O MODELO FORPRON, DO COTER.....	42
2.1 A FORPRON DA 5ª BRIGADA DE CAVALARIA BLINDADA	47
2.2 A FORPRON DA 15ª BRIGADA DE INFANTARIA MECANIZADA	51
2.3 A FORPRON DA 4ª BRIGADA DE CAVALARIA MECANIZADA.....	53
2.4 OS ASPECTOS RELEVANTES DO 1º CICLO DE PRONTIDÃO DA FORPRON	55
3. APRECIÇÃO DOS MODELOS DE FORÇAS DE PRONTIDÃO DO EB	59
3.1 OS ASPECTOS DOS MODELOS ANTERIORES DE FORÇAS DE PRONTIDÃO	59
3.1.1 A FORSUL.....	62
3.1.2 A FORPAN.....	64
3.2 COMPARAÇÃO DOS MODELOS DE FORÇAS DE PRONTIDÃO	67
3.2.1 Doutrina.....	67
3.2.2 Organização e processos.....	68
3.2.3 Adestramento	70

3.2.4 Material	72
3.2.5 Educação	73
3.2.6 Pessoal	73
3.2.6 Infraestrutura	75
4. COMPARAÇÃO DA FORPRON COM MODELOS INTERNACIONAIS	76
4.1 AS FORÇAS DE PRONTIDÃO DOS EUA	76
4.2 AS FORÇAS DE PRONTIDÃO DO CANADÁ	82
4.3 COMPARAÇÃO	87
CONCLUSÃO	90
REFERÊNCIA	94
ANEXO A –ENTREVISTA COM MEMBROS DO COTER	103
ANEXO B –QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PARTICIPANTES DA FORPRON	111
ANEXO C – QUESTIONÁRIO APLICADO A INTEGRANTE DO CA-SUL	120

INTRODUÇÃO

O objetivo precípua do Exército é a manutenção de elevados **níveis de prontidão**, a fim de atender às diversas demandas da sociedade brasileira na defesa contra ameaças externas, na Garantia da Lei e da Ordem (GLO) ou nas missões subsidiárias que nos são atribuídas. Devemos zelar para que o cidadão brasileiro mantenha a elevada confiança no “braço forte” e na “mão amiga” do seu Exército. (BRASIL, 2019b, p.22)

O trecho retirado das diretrizes do Comandante do EB em 2019 destacou a prontidão como condição para o EB atender as atividades que compõem a missão constitucional das Forças Armadas. Nesses termos, obter e manter elevados níveis de prontidão da F Ter devem ser objetivos principais do EB (BRASIL, 2016a; 2019b).

Entretanto, essa necessidade de uma tropa em situação de prontidão operacional permeou diversos módulos e concepções estratégicas do EB e assumiu diversas nomenclaturas e sistemáticas de preparo, tais como Força de Pronto-Emprego e Forças de Atuação Rápida Estratégicas (MITRE, 2016).

Com o Processo de Transformação do Exército iniciado em 2010 lançou-se novo questionamento sobre a prontidão da Força Terrestre (F Ter) e a necessidade de um efetivo sistema de seleção e preparo de forças de prontidão à altura das missões constitucionais do EB (BRASIL, 2010b).

Desse ponto, a partir da década de 2010, o Comando de Operações Terrestres (COTER) e os Comandos Militares de Área (C Mil A) adotaram diversas iniciativas e projetos, inclusive com a atualização dos grupos de emprego da F Ter e a inclusão de princípios de vocação prioritária das OM. Entretanto, as soluções não se consolidaram e a busca da efetiva prontidão operacional permaneceu latente (BRASIL, 2007a; 2011a; 2018b; 2019d).

Diante desse desafio, no contexto do Sistema Operacional Militar Terrestre (SISOMT) o EB implementou o Sistema de Prontidão Operacional da Força Terrestre (SISPRON) que visa a cooperar no planejamento, coordenação e controle das FORPRON, particularmente na organização em material, pessoal, instrução, avaliação e certificação. Destarte, surge como premissa a priorização do preparo de algumas OM, certificando esta condição de “preparação plena”, a fim de ampliar as chances do sucesso no emprego em operações militares (BRASIL, 2019i).

De acordo com a Diretriz para o Projeto-Piloto do SISPRON, para o ano de 2020, o sistema será inicialmente desenvolvido com 06 (seis) FORPRON, correspondendo

às brigadas da F Emp Estrt. Dessa forma, o projeto caracteriza-se como pioneiro e estratégico para o EB (BRASIL, 2020p).

Ademais, o mesmo documento alinha os seguintes objetivos para o SISPRON:

- [...] d. Verificar a situação de preparo das FORPRON de forma a **validar** a instrução individual e a **certificação** das tropas.
- e. Verificar pontos fortes e oportunidades de **melhoria na concepção** do SISPRON.
- f. Aferir as principais medidas implantadas para o **incremento** da operacionalidade da Força Terrestre. [...] (BRASIL, 2020p, p.01, grifo nosso)

Verificou-se, com isso, uma nova sistemática com coordenação centralizada pelo COTER, tanto em diretrizes, quanto alocação de recursos e fiscalização dos resultados. Dessa forma, esta iniciativa lança luz sobre a discussão do efetivo aperfeiçoamento para a prontidão operacional na F Ter, e se a FORPRON, como modelo de seleção e preparo de tropas, responde a demanda já ressaltada no Processo de Transformação do EB (BRASIL, 2010b).

Observou-se que o sistema, ainda em evolução, apresenta em seu escopo oportunidades para análise de sua concepção, a fim de atingir o incremento da operacionalidade desejável pela F Ter. Nesse interim, foi de interesse para esta pesquisa a comparação entre a iniciativa atual e as modelagens de seleção e preparo anteriores para as forças de prontidão, a fim de se auferir os reais benefícios que o SISPRON pode trazer para a prontidão operacional do EB.

Assim, a presente pesquisa foi desenvolvida em torno do seguinte problema: quais as contribuições do modelo FORPRON, do COTER, para o estado de prontidão operacional da Força Terrestre?

A fim de responder ao questionamento exposto, elencou-se como objetivo de pesquisa: levantar os aperfeiçoamentos do modelo de preparo de FORPRON para o estado de prontidão operacional da Força Terrestre. Para tanto, destrinchou-se o objetivo em partes intermediárias, definidas como: compreender o modelo de preparo FORPRON, adotado pelo SISPRON, enfatizando o estado final desejado para a prontidão operacional do EB; comparar o modelo de preparo da FORPRON com as FAR Estrt e forças de pronta-resposta dos C Mil A, destacando as vantagens e desvantagens do novo modelo, e comparar a FORPRON com os modelos de prontidão de tropas adotados pelo Exército dos EUA e do Canadá.

No que concerne a delimitação do estudo, do ponto de vista cronológico, a pesquisa abordou somente as fases de preparação e certificação do SISPRON no

ano de 2020 e os modelos de forças com a vocação de pronta-resposta existentes a partir de 2010, como marco o Processo de Transformação do EB. Portanto, foi excluída a 3ª fase da prontidão, haja vista que o cerne na pesquisa é o modelo de seleção e preparo de tropas.

Quanto ao espaço estudado, a pesquisa abordou as F Emp Estrt: 5ª Brigada de Cavalaria Blindada (5ª Bda C Bld), 15ª Brigada de Infantaria Mecanizada (15ª Bda Inf Mec) e a 4ª Brigada de Cavalaria Mecanizada (4ª Bda C Mec). Isso deve-se ao fato que todas compuseram forças de prontidão nos modelos considerados para a pesquisa dentro do recorte temporal. Além disso, por ocasião do projeto piloto do SISPRON, foram avaliados pelo mesmo Centro de Adestramento, o CA-Sul. Dessa feita, reúnem-se dados de comparação em parâmetros semelhantes.

No mesmo sentido, foi realizada a comparação dos modelos de força de prontidão adotados no mundo com a FORPRON, do COTER, a fim de concluir se o Brasil está seguindo um parâmetro reconhecido mundialmente quanto a preparo de forças com capacidade de pronta-resposta. Para tanto, serão considerados os Exércitos dos EUA, como referência de exército desdobrado em operações militares, e o do Canadá, dadas as características mais semelhantes ao EB.

No tocante ao tema central do trabalho, a pesquisa foi limitada ao estudo do processo de seleção e do preparo de forças de prontidão, abordando as modelagens adotadas pelo EB no espaço temporal considerado, entre elas as Forças de Atuação Rápida Estratégicas e outros modelos não nominados pelo EB. A comparação destinou-se a levantar a capacidade de prontidão agregada pela FORPRON.

A importância e relevância desse estudo remontam a Constituição Federal Brasileira de 1988 (CF/88), em seu artigo 142, o qual define as missões das Forças Armadas (FA) em termos de “[...] defesa da Pátria, à garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem”. Alinhado com a Carta Magna, a Estratégia Nacional de Defesa (END) define capacidades necessárias para o cumprimento das missões das Forças.

As seguintes capacidades são desejadas para as Forças Armadas:
- permanente **prontidão** operacional para atender às hipóteses de emprego, integrando forças conjuntas ou não
- manutenção de **unidades aptas** a compor Forças de **Pronto Emprego**, em condições de atuar em diferentes ambientes operacionais. (BRASIL, 2016d, p.32, grifo nosso)

Nessa primeira análise, destaca-se a importância da prontidão para que as Forças Armadas, em particular o EB, tenha capacidade de cumprir sua missão constitucional. Assim, a FORPRON é apresentada como uma solução para obtenção, coordenação e ampliação dos níveis de preparação e prontidão da F Ter.

A importância do objetivo das FORPRON associada ao histórico de tentativas de eleger forças de pronta-resposta no EB suscitam perguntas, novas lacunas de conhecimento e novos desafios. Nesse rol, destacam-se a demanda de preparação plena de tropas e a certificação do adestramento.

Dessa forma, visualizou-se com este trabalho de pesquisa levantar as contribuições da FORPRON, no modelo SISPRON, para o preparo de tropas, em particular o adestramento e certificação, e a manutenção do nível de prontidão operacional coerente com o necessário para a F Ter.

Com isso, almejou-se a oportunidade de levantar as contribuições do modelo FORPRON para a prontidão operacional da F Ter, em particular considerando-se a capacidade de pronta-resposta. Assim, levantou-se os principais aspectos que foram agregados para o EB com o advento das FORPRON, em particular no seu modelo de seleção de tropas, preparação e certificação de grupamentos de pronta-resposta.

O presente estudo está inserido nas Ciências Militares. Constituiu-se de uma pesquisa de cunho descritivo, haja vista tratar de um programa novo implementado pelo Exército Brasileiro, fruto da evolução de outros métodos de prontidão utilizados ao longo dos anos. Assim, o intuito da pesquisa foi levantar as características dos modelos de forças de prontidão, estabelecendo relações sobre os mesmos, a fim de identificar a aplicação prática da FORPRON, do COTER, para o nível de prontidão operacional da F Ter (GIL, 2002).

A abordagem da pesquisa foi qualitativa. A interpretação da contribuição da FORPRON, do COTER, para a prontidão operacional da F Ter, objeto desta pesquisa, foi estudado segundo a perspectiva dos participantes dos ciclos de prontidão da FORPRON, executados e em curso, além da visão de alguns especialistas do COTER (GODOY, 1995).

Referente à metodologia, o trabalho foi pautado em um estudo comparativo. Dessa feita, foi confrontada a metodologia da FORPRON, do COTER, com o modelo das FAR Estrt, de 2010, e de forças de pronta-resposta dos C Mil A, além das forças de prontidão dos exércitos estrangeiros já mencionados.

Para tanto, os oficiais de operações das 15ª Bda Inf Mec, 5ª Bda C Bld e 4ª Bda C Mec, brigadas que compõem o SISPRON, participaram de entrevistas e questionários. Além disso, especialistas nos temas de interesses compuseram o universo de amostra. No que tange à concepção da FORPRON, foram selecionados representantes do SISPRON junto ao COTER. Já nos assuntos relacionados à avaliação e certificação das tropas das FORPRON, foi entrevistado o oficial encarregado da simulação viva do CA-Sul.

A coleta de dados foi baseada em uma análise documental e revisão bibliográfica. A primeira pautada em documentos, relatórios, diretrizes e portarias oficiais do EB e manuais doutrinários, a fim de coletar as informações institucionais aplicadas sobre o tema. A segunda reuniu os principais trabalhos sobre simulação de combate, certificação de adestramento e prontidão operacional de tropas já realizados, tais como livros, revistas especializadas, artigos e dissertações, com a finalidade de fornecer dados atuais e relevantes sobre os objetos dessa pesquisa (MARCONI; LAKATOS, 2003).

Em um segundo momento, foram aplicados questionários e entrevistas para coleta de dados. Os questionários reuniram um conjunto de questões, correlacionadas aos objetivos específicos, e aplicadas aos integrantes das FORPRON, já delimitados no universo de amostra. As entrevistas foram perguntas diretas aos especialistas do COTER. (GIL, 2002)

A metodologia descrita possui limitações, particularmente, quanto à profundidade do estudo a ser realizado, em decorrência do caráter experimental do projeto SISPRON no EB, a dificuldade de consultar documentação referente aos modelos anteriores de tropas com vocação de pronto emprego e o período curto de pesquisa, haja vista tratar-se de um trabalho de conclusão de curso.

Devido ao pioneirismo do SISPRON, do modelo de FORPRON e da prática de certificação de tropas no EB, observou-se uma limitação em fontes acadêmicas para consulta. Procurou-se minimizar esta limitação explorando fontes documentais, complementando com a entrevista de oficiais que acompanharam a implementação do SISPRON no âmbito do COTER e participantes do projeto-piloto.

Do exposto, o presente trabalho buscou alinhar estratégias, metodologias e revisar conceitos para explorar as demandas listadas, visando uma nova perspectiva acerca dos modelos de prontidão e das sistemáticas de seleção e preparo de tropas

com vocação de pronta-resposta, no intuito de identificar as contribuições do modelo FORPRON para a prontidão operacional da F Ter.

1 REVISÃO DE LITERATURA

1.1 CONCEITOS

A ciência lida com conceitos, isto é, termos simbólicos que sintetizam as coisas e os fenômenos perceptíveis na natureza, do mundo psíquico do homem ou na sociedade, de forma direta ou indireta. Para que se possa esclarecer o fato ou fenômeno que se está investigando e ter possibilidade de comunicá-lo, de forma não ambígua, é necessário defini-lo com precisão (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.225)

Como ponto de partida para a pesquisa sobre a FORPRON, do SISPRON, faz-se necessário identificar os conceitos principais que subsidiarão e orientarão o esforço de estudo. Nessa senda, serão apresentados os termos de interesse para este trabalho.

1.1.1 A Prontidão Operacional

O entendimento de prontidão operacional assume papel relevante para a condução do estudo. Para tanto, faz-se necessário compreender os diferentes entendimentos do termo. Nesse sentido, recorresse aos conceitos abaixo listados:

PRINCÍPIO DA PRONTIDÃO - Princípio de Guerra que se define como a capacidade de pronto atendimento das Forças Armadas para fazer face às situações que podem ocorrer em ambiente de combate. A prontidão fundamenta-se na **organização**, no **adestramento**, na **doutrina**, nos **meios** e no **profissionalismo das forças**, consubstanciando-se nas seguintes funções militares: comando, inteligência, planejamento, operações, logística e mobilização. O mesmo que PRONTIDÃO 2. [...]

PRONTIDÃO - 1. Situação extraordinária da tropa que importa em ficar a **unidade preparada para sair do quartel**, tão logo receba ordem, para **desempenhar qualquer missão** dentro da respectiva guarnição ou à distância tal que permita o atendimento de suas necessidades com os recursos da própria unidade. [...]

PRONTIDÃO OPERACIONAL - Estado de preparação de uma unidade ou força militar, caracterizado pela **capacidade de pronta-resposta** a todo ato hostil de origem externa ou interna. (BRASIL, 2016g, p.221, grifo nosso)

Somada a essas ideias, o COTER¹, por meio de diretrizes específicas, traz particularidades do termo e diferenças em relação a outros manuais do EB.

¹ O COTER é o Órgão de Direção Operacional do Exército (ODOp), sendo responsável pela orientação e coordenação do preparo e emprego da F Ter, elaboração de doutrina militar terrestre e distribuição de recursos. Para tanto, regula suas ações em estrita ligação com os Órgão de Direção Setorial e os C Mil A (BRASIL, 2018c).

[...] o denominado estado de **prontidão operacional**, o qual não deve ser confundido com a situação extraordinária da tropa, **prontidão, prevista no Regulamento Interno e dos Serviços Gerais (RISG)**.
b. Assim, a prontidão operacional almejada deve ser entendida como uma situação em que **tropas selecionadas, adestradas e certificadas, permanecerão em condições** de, ao serem acionadas, reunirem-se, aprestarem-se e deslocarem-se para uma área de atuação definida em prazo limite a ser determinado pelo COTER, por intermédio do **Sistema de Emprego** (BRASIL, 2019i, p.7, grifo nosso).

Cabe salientar a diferenciação que o COTER estabelece entre prontidão operacional e a prontidão prevista no RISG. Esta última é entendida como a permanência de tropa aquartelada em condições de emprego iminente, frente a qualquer missão. (BRASIL, 2016g)

Ademais, os conceitos de prontidão operacional apresentados acrescentam o valor de capacidade de pronta-resposta ao termo. Assim, o conceito de capacidade pode ser entendido como:

[...] aptidão requerida a uma força ou organização militar (OM), para que possa cumprir determinada missão ou tarefa. É obtida a partir de um conjunto de sete fatores determinantes, inter-relacionados e indissociáveis: **doutrina, organização (e/ou processos), adestramento, material, educação, pessoal e infraestrutura**. (BRASIL, 2017a, p.6, grifo nosso)

Esses fatores indispensáveis para a obtenção de capacidades podem ser relacionados ao acrônimo DOAMEPI. Nesses termos, a **doutrina** é o fator base para os demais. Define-se por todo o conjunto de elementos normatizados e organizados que estabelecem uma linha de pensamento e orientam as ações da F Ter (BRASIL, 2016g; 2019m).

A **organização** refere-se à estrutura da OM, como os elementos estão relacionados e sistematizados. Já os **processos** definem-se pelo conjunto de ações ou etapas dentro de uma sequência lógica de execução. Dessa forma, a organização e os processos visam a evitar competências redundantes, com as mesmas ações sendo realizadas por estruturas distintas (BRASIL, 2016g; 2019m).

O **Adestramento** está diretamente relacionado ao preparo normatizado pelo EB, por meio do COTER. Para tanto, as OM se organizam a partir de programas de instrução padrão, seguindo uma linha gradativa de treinamento, desde o nível individual até exercícios avançados envolvendo GU. Em coordenação com o COTER

podem ser empregados os meios de simulação existentes, a fim de apoiar as atividades de instrução (BRASIL, 2018c; 2019m).

O **material** inclui os equipamentos e sistemas para uso das OM. É expresso pelo QDM, que define os materiais e sistemas disponíveis e coerentes para que a OM desempenhe as atividades² e tarefas³ destinadas, gerando uma capacidade específica (BRASIL, 2019m).

A **educação** compreende as atividades de capacitação e habilitação de pessoal da F Ter, viabilizando o desenvolvimento de uma competência individual. A geração de capacidade se dá ao mobilizar de maneira simultânea e sinérgica o conhecimento, habilidades, atitudes, valores e experiências. (BRASIL, 2019m)

Sobre **pessoal** se entende toda a gestão do recurso para a geração de uma capacidade. Abarca os planos de carreira, movimentações, quadro de pessoal e seu preenchimento de cargos, higidez física, avaliação, valorização do militar e moral (BRASIL, 2019m).

Já a **infraestrutura** refere-se aos elementos estruturais para o preparo e emprego. Podem se referir a instalações físicas, equipamentos de grande vulto e serviços essenciais (BRASIL, 2019m).

Por sua vez, a pronta-resposta é a capacidade de atuar em operações militares frente a uma ameaça, em todo o território nacional, assim como no entorno estratégico ou região de interesse, de maneira célere (BRASIL, 2015b).

Dessa feita, para fins de orientação do estudo, a prontidão operacional será definida como situação de uma tropa apta a cumprir missões, no contexto de operações militares, em qualquer parte do território nacional ou área de interesse estratégico, em curto prazo de tempo. Aferese-se, também, que tal condição é alcançada com a capacidade de pronta-resposta adquirida pela conjugação da doutrina, organização, processos, adestramento, material, educação e infraestrutura.

² “Conjunto de tarefas afins, reunidas segundo critérios de relacionamento, interdependência ou similaridade, cujos resultados concorrem para o desenvolvimento de uma determinada função de Combate.”(BRASIL, 2015b,p.7)

³ “Trabalho ou conjunto de ações cujo propósito é contribuir para alcançar o objetivo geral da operação. É um trabalho específico e limitado no tempo que agrupa passos, atos ou movimentos integrados, segundo uma determinada sequência e destinado à obtenção de um resultado determinado.”(BRASIL, 2015b, p.7)

1.1.2 O preparo e o adestramento de tropas

Entende-se por preparo o conjunto de atividades permanentes de planejamento, organização e articulação, instrução e adestramento, além do desenvolvimento de doutrina e pesquisas específicas, inteligência e estruturação das Forças Armadas, de sua logística e mobilização. (BRASIL, 1999; 2004)

O preparo das Forças Armadas se vale do planejamento e da execução de exercícios operacionais em áreas adequadas à natureza de operações militares, a fim de obter e manter a eficiência operacional. A partir desta ideia, a instrução militar se constitui em parte do preparo do EB, tanto na capacitação individual quanto no adestramento de frações constituídas. Com isso, o preparo tem por objetivo dar condições de emprego eficiente para os contingentes militares (BRASIL, 1999; 2004; 2019f; RIBEIRO, 2016).

De maneira complementar o adestramento é a atividade finalística da instrução militar. O objetivo é a formação das diversas frações de tropa (pelotões, subunidades, unidades e grandes unidades), dentro de sua organização em pessoal e material, para um eventual emprego. Tal atividade é desenvolvida por meio de programas-padrão⁴ e ciclos definidos (BRASIL, 2018c).

O Exército Brasileiro adota uma classificação entre adestramento básico e adestramento avançado. O primeiro visa a capacitar como um todo as frações mais elementares até o nível unidade, sendo o desempenho coletivo alcançado em exercícios de campanha. Já o adestramento avançado presta-se a capacitar as Grandes Unidades e Grandes Comandos Operativos, alcançado por meio de exercícios combinados de armas, quadro e serviço e atividades de Comando e Estados-Maiores (BRASIL, 2018c).

4.1.3.1 O Adestramento Básico deverá ter como objetivos os existentes nos Programas-Padrão de Adestramento (PPA), específicos para cada tipo de Unidade.

4.1.3.2 O Adestramento Avançado deverá basear-se nas missões de combate, atribuídas às brigadas, módulos de combate básico da F Ter,

⁴ Os Programas-Padrão (PP) constituem-se em instrumentos fundamentais para o acionamento da IM (instrução militar) e definem o modo ideal de conduzi-la. No entanto, torna-se imperativo promover uma constante **otimização do custo** e do **benefício da atividade fim**, conciliando diversos fatores, tais como: a duração dos períodos de instrução, a evolução qualitativa dos contingentes incorporados, a **racionalização na aplicação dos recursos financeiros** e a **redução do desgaste do material** (BRASIL, 2018c, grifo nosso).

constante da Concepção de Preparo e Emprego da F Ter e anexos. (Brasil, 2018c, p. 33)

O Programa de Instrução Militar (PIM) é o documento que define e organiza o ano de instrução militar da F Ter. Por meio deste programa o COTER sistematiza o adestramento das tropas em coordenação com os C Mil A, DE e Bda. Adicionalmente, distribui os recursos disponíveis para que toda a F Ter mantenha um determinado nível de capacitação operacional e o respectivo nível de adestramento (BRASIL, 2018c).

O nível de capacitação operacional é condicionado ao nível de adestramento, pessoal, material e estrutura organizacional. Pode ser definido em operacionalidade, eficiência operacional ou poder de combate. O primeiro é definido pela reunião de capacidades mínimas que um OM operacional adquire para cumprir suas missões, de acordo com sua base doutrinária. Já a eficiência operacional é o nível adquirido com a ampliação da operacionalidade de um OM, capaz de otimizar o emprego de seus recursos em pessoal, material e financeiros em prol do cumprimento de suas missões, dependendo do aprimoramento do adestramento e da capacidade técnico-administrativo da tropa. O poder de combate é a condição adequada para atuar em operações militares, agregando além da eficiência operacional, o treinamento específico, a liderança dos comandantes e a moral da tropa. (BRASIL, 2018c)

Os níveis de adestramento, por sua vez, são classificados em preparação orgânica, completa e específica. A preparação orgânica é o nível mínimo que confere às OM condições de atuar como um órgão coletivo em prol do cumprimento de suas missões, devendo ser atingido ao longo do ano de instrução. A preparação completa possibilita as OM desempenharem toda a gama de missões de combate previstas em sua base doutrinária, durante ciclos plurianuais. Já a preparação específica é condicionada à expectativa de atuação da tropa em uma determinada operação militar, implicando em adestramentos voltados para a missão a ser desempenhada. (BRASIL, 1983; 2018c; 2020q)

QUADRO 1 – Correlação dos níveis de capacitação operacional e adestramento

NÍVEL DE CAPACITAÇÃO OPERACIONAL	NÍVEL DE ADESTRAMENTO
Operacionalidade	Preparação Orgânica
Eficiência Operacional	Preparação Completa
Poder de Combate	Preparação Específica

Fonte: Brasil (2018c).

Desse ponto, verifica-se a importância do adestramento para manter as condições de emprego da F Ter, assim como a necessidade da alocação de recursos para que as OM possam alcançar um determinado nível de adestramento. Considerando o horizonte de restrições financeiras, é mister a correta priorização dos meios existentes para propiciar a manutenção dos níveis de capacidade operacional da F Ter (BRASIL, 2019b).

Assim, por meio do PIM, dos programas-padrão e de diretrizes específicas, o COTER desponta como o órgão da estrutura do EB responsável pelo orçamento da instrução militar e pela coordenação do adestramento de tropas, para que a F Ter apresente condições de Eficiência Operacional. Dessa feita, administra os diversos recursos voltados à preparação de tropas, particularmente os de maior custo e menor disponibilidade, como os simuladores de combate.

1.1.3 A Simulação de Combate

O Novo dicionário Aurélio define simulação⁵ como uma reprodução controlada de determinado evento, baseada em modelos, particularmente computacionais, para atingir a um fim específico, como o treinamento. Esta premissa é ratificada no Glossário das Forças Armadas do MD, sendo a simulação tratada como a “representação de um evento, ou uma sucessão de eventos inter-relacionados, mediante utilização de modelos que reproduzam com fidelidade o comportamento daquilo que retratam” (BRASIL, 2016g, p. 253).

Delimitando esta definição para a aplicação em atividades militares, entende-se a simulação militar como a representação de parâmetros específicos das atividades e operações de material de emprego militar. Para tanto a simulação de combate emprega um conjunto de equipamentos, softwares e infraestruturas diversas para apoio ao treinamento de tropas (BRASIL, 2014b).

A simulação de combate busca a representação de efeitos na tropa a partir da interação de diversos elementos como recursos digitais, o terreno, as peças de

⁵ [...] 4. **Reprodução ou representação** do funcionamento de um processo, fenômeno ou sistema relativamente complexo, por meio de outro. Para fins científicos de observação, **análise** e predição, ou para **treinamento**, diversão, etc. 5. Experiência ou ensaio realizado com o **auxílio de modelos**, esp. de **modelos computacionais**, relativos a processos ou objetos concretos que não podem ser submetidos a experimentação direta [...] (FERREIRA, 1999, p.1857).

manobra e os equipamentos. Estas interações simuladas podem ser empregadas em **adestramentos e avaliações** de frações constituídas (BONIFÁCIO, 2011).

Somado a isso, o advento de novas tecnologias em simulação gera novas possibilidades à preparação de tropas. Assim, a simulação auxilia a superar óbices de campos de instrução, questões de riscos inerentes às atividades de adestramento, além de gerenciar os recursos de toda ordem, em especial os financeiros e logísticos, como combustível e munições. Trata-se, portanto, de um recurso utilizado pelas principais forças armadas do mundo para a manutenção do nível de prontidão de suas tropas, otimizando os custos (CARVALHO, 2010).

A simulação de combate possui uma classificação já consagrada, em três modalidades:

Na literatura, a simulação para aplicações militares pode ser conduzida em três modalidades: viva, virtual e construtiva. Nos três casos, haverá a interação de pessoas reais em uma experiência simulada controlada por regras e procedimentos pré-determinados (AMORIM, 2019, p.48).

A **simulação viva** envolve agentes e ambientes reais, operando sistemas reais, a partir de interações simuladas. A atividade é apoiada com sensores, dispositivos apontadores *laser* ou outras formas de representar o engajamento dos elementos em treinamento. Por meio de tecnologias adequadas, a simulação viva pode ser integrada às modalidades virtual e construtiva (BRASIL, 2014b; GARCIA, Flávio, 2005).

A **simulação virtual** envolve agentes reais, operando sistemas simulados e em ambientes simulados, baseado em representação virtual. Essa modalidade pode substituir elementos de alto valor agregado, cuja operação ou envolve um nível relevante de treinamento, ou os custos para seu funcionamento são elevados. Dessa feita, possibilita o desenvolvimento de técnicas e habilidades individuais, permitindo avaliar os limites do operador e do equipamento em uso (BRASIL, 2014b).

Na Sml [simulação] virtual, elementos reais operam materiais de emprego militar (MEM) total ou parcialmente “virtualizados”, em ambientes de Cmb [combate] modelados no computador. Visa à massificação de TTP [técnicas, táticas e procedimentos] em diversos níveis, desde o reflexo condicionado de um procedimento individual até as atitudes coletivas no desencadeamento de uma manobra tática de uma unidade. (JUNIOR, J., 2018, p.47)

A simulação virtual modela equipamentos de toda a ordem, como veículos e sistemas de armas. Possibilita o limite da relação homem-máquina, prestando-se ao treinamento militar em ambiente técnico, porém em condições extremas de treinamento, ao mesmo tempo em que mitiga os riscos ao pessoal e material. Dessa

feita, objetiva a proficiência técnica dos militares, com baixos custos de operação (GARCIA, 2005).

Souza (2015a) divide, de maneira geral, os simuladores virtuais em simulador de procedimentos, treinadores sintéticos e simuladores táticos. Os simuladores virtuais de procedimentos reproduzem o equipamento real, ou partes destes, objetivando o treinamento do indivíduo ou em guarnição. Exemplos dessa modalidade são os simuladores de procedimentos de torre e de motorista da Viatura Blindada de Combate- Carro de Combate (VBCCC), Leopard 1A5 BR, do Centro de Instrução de Blindados General Paiva Chaves (CIBId).

Os treinadores sintéticos integram um cenário virtual a equipamentos computadorizados similares aos equipamentos reais. As OM dotadas da VBCCC Leopard 1A5 BR possuem os Treinadores Sintéticos Portáteis, pertencentes ao escopo do projeto Leopardo 1A5 BR, e o CIBId possui o Treinadores Sintéticos de Blindados, para guarnições da mesma viatura (SOUZA, 2015a; 2015b).

Já os simuladores virtuais táticos são programas que representam as atividades militares, instalados em computadores comerciais, dispensando a utilização de periféricos similares aos materiais militares. Esse recurso diminui significativamente os custos do treinamento, por isso é largamente empregado. As tropas blindadas e mecanizadas do EB utilizam dois *softwares*: o *Steel Beasts Pro*, da empresa *e-Sim Games*, e o *Virtual Battlespace 3 (VBS 3)*, da empresa *Bohemia Interactive* (AMORIM, 2019; SOUZA, 2015 a; NUNES, 2003).

No tocante à **simulação construtiva**, há um nível maior de representação dos elementos conforme parâmetros pré-estabelecidos. A tropa, o ambiente e os diversos sistemas são simulados, com engajamentos e interação controlados por agentes reais ou por sistemas computadorizados. Normalmente os agentes reais estão organizados em uma situação de comando construído (BRASIL, 2014b; NUNES, 2020).

Essa modalidade de Sml Cmb [simulação de combate] permite o treinamento de EM no assessoramento para tomadas de decisão de seus comandantes (Cmt), seja em modelos de conflitos armados ou de gerenciamento de crises. São eficientes ferramentas de adestramento do funcionamento das estruturas de comando e controle (C2) (JUNIOR,J., 2018, p.46).

Os exercícios de simulação construtiva, também conhecida como “jogos de guerra”, visam a adestrar comandantes e seus estados-maiores. Essa atividade proporcionou o treinamento do estudo de situação, processo de tomada de decisão,

funcionamento de postos de comando e integração das diversas funções de combate. Para tanto, os agentes reais são divididos em forças oponentes, sob o controle de uma direção de exercício, também responsável pela avaliação dos estados-maiores em treinamento (BRASIL, 2014b).

O estado-maior da tropa adestrada será avaliado pela DirEx [direção de exercício], ou seja, o comando aplicador do exercício, escalão superior imediato, encarregado de fazer a análise das medidas adotadas e, caso necessário, propor revisões doutrinárias ao Comando de Operações Terrestres (COTER), acerca do que foi aplicado. (A SITUAÇÃO..., 2016, p.14)

Atualmente, para o adestramento de EM, desde o nível unidade à Força Terrestre Componente (FTC), o EB utiliza o sistema COMBATER, desenvolvido com base no software francês *Sword* adaptado à Doutrina Militar Terrestre. O programa permite, além da vetorização de cartas, a disponibilidade de bancos de dados fidedigno às dotações de pessoal e material dos elementos em adestramento, a integração com outros simuladores e com o Sistema de Comando e Controle utilizado pela Força Terrestre (A SITUAÇÃO..., 2016; RIBEIRO, 2016; NUNES, 2020).

1.1.4 A avaliação e a certificação do adestramento de tropas

De maneira sintética, a avaliação⁶ significa atribuir um valor, fruto de uma análise baseadas em parâmetros. O ato de avaliar⁷ é ajuizar coisas, fenômenos, atividades, entidades ou pessoas, segundo critérios quantitativos, mensuráveis, ou qualitativos e explicáveis (GARCIA, R., 2006).

Segundo o Glossário das Forças Armadas, avaliação pode ser definido como: “Ato de formular um juízo de valor sobre objetos, fatos, pessoas ou entidades, com base no estudo criterioso de suas possibilidades, vulnerabilidades e capacidades, visando a uma tomada de decisão” (BRASIL, 2016g, p.42).

No EB, observa-se objetivos para análise e juízo de valor do adestramento de tropas, definidos por:

- 6.7.5.3.1 verificar o **nível de preparação** (orgânica ou completa) da tropa, visando atingir a operacionalidade;
- 6.7.5.3.2 identificar as deficiências existentes, a fim de corrigi-las;
- 6.7.5.3.3 aprimorar o adestramento; e

⁶ Avaliação. [...] 2. Apreciação, análise [...] (FERREIRA, 199, p.238).

⁷ Avaliar. [...] 6. Fazer a avaliação (2) de. [...] 8. Fazer a apreciação; ajuizar [...] (FERREIRA, 199, p.238).

6.7.5.3.4 orientar a realização da APA⁸ [Análise Pós-ação] a ser conduzida após cada exercício de campanha. (BRASIL, 2018c, p.120, grifo nosso)

A fim de guiar a avaliação de treinamento, o EB utiliza os padrões mínimos de desempenho dos Objetivos de Adestramento (OA), previstos nos Programas-padrão de Adestramento (PPA). Além disso, as tarefas críticas relacionadas a cada OA selecionado e as atividades previstas a serem executadas são guias de referência para os critérios da avaliação (BRASIL, 2018c).

No tocante aos recursos para a avaliação, é importante verificar a quantidade, qualidade e a preparação do pessoal responsável pela avaliação do adestramento. Esses árbitros deverão ser preparados doutrinariamente, ambientados com o exercício em questão, orientados sobre os critérios de avaliação e instruídos sobre a maneira de atuar junto aos elementos avaliados (BRASIL, 2018c). Nos Centros de Adestramento (CA), o OCA é o militar designado para o acompanhamento, a coordenação do exercício e para a avaliação do adestramento da tropa (BRASIL, 2017c).

Em termos de recurso e aplicada junto a um plano coerente de avaliação, a simulação produz dados e insumos que diminuem a subjetividade das avaliações com OCA. Assim, a simulação de combate possibilita resultados tangíveis do nível de preparo da tropa avaliada (GARCIA, J., 2005).

Em que pese o apoio externo e o suporte dos CA, o controle e a avaliação do Adestramento Básico é encargo do próprio escalão ou do escalão enquadrante da tropa adestrada. Os comandantes em todos os níveis devem coordenar o adestramento de suas tropas, de acordo com o previsto na documentação de instrução do EB, e assegurar o atingimento dos níveis de adestramento previstos para suas frações (BRASIL, 2018c).

A certificação, por sua vez, consiste no ato de validar o adestramento de uma tropa, seguindo os critérios próximos da avaliação, ou seja, os OA selecionados para o preparo da tropa, em funções de parâmetros pré-definidos e visando ao estabelecimento de um padrão ou um nível pré-elaborado (JUNIOR, E., 2019).

Do exposto, pode-se deduzir que a certificação atesta um parâmetro, fenômeno ou atividade. Relacionado ao preparo de tropa, o ato de avaliar é verificar o nível

⁸ A APA é um método analítico, de caráter formativo, que visa, com a participação ativa dos próprios elementos avaliados, apontar procedimentos e técnicas operacionais que, se retificados, permitirão o aperfeiçoamento das atividades de preparo e emprego (BRASIL, 2017c).

atingido e a certificação atesta o nível de adestramento atingido, conforme escala pré-definida. De forma semelhante à avaliação, a certificação é favorecida com os meios de simulação e a atuação de OCA, treinados nos CA (JUNIOR, E., 2019).

1.2 A PRONTIDÃO OPERACIONAL E A DEFESA NACIONAL

A Política Nacional de Defesa (PND)⁹ é o documento condicionante de mais alto nível do planejamento de ações destinadas à Segurança¹⁰ e a Defesa Nacionais¹¹, coordenadas pelo MD. Em seu escopo, a PND avalia a necessidade do emprego de todas as expressões do Poder Nacional, em particular a militar, para responder a crises e as ameaças. Além disso, correlaciona a necessidade de recursos ao preparo e o desenvolvimento de capacidades das diversas Forças (Marinha, Exército e Aeronáutica) (BRASIL, 2016f).

Por sua vez, a Estratégia Nacional de Defesa (END)¹² é o vínculo entre a Política Nacional e as Forças Armadas em prol da Defesa Nacional. Aborda questões políticas e institucionais decisivas para a defesa do País, como estratégias e ações para defesa (BRASIL, 2016c).

Nesse sentido, a END define capacidades nacionais de defesa que norteiam os planejamentos estratégicos e a obtenção de aptidões de cada uma das forças singulares. Entre essas capacidades, ressalta-se a pronta-resposta, expressando a necessidade de responder prontamente a qualquer ameaça ou agressão (BRASIL, 2016d).

No caso do EB, a END priorizou a distribuição de tropas na situação de prontidão operacional com mobilidade, que lhes permitam o rápido deslocamento para as diversas partes do território nacional ou para o exterior. Dessa forma, estabelece a permanente prontidão operacional para atender as hipóteses de emprego¹³ (HE),

⁹ PND: Criada pelo Decreto no 5.484, de 30 de junho de 2005, como Política de Defesa Nacional (PDN), termo modificado em 2012, passando a se chamar Política Nacional de Defesa (PND), assim como, atualizado pelo Decreto Legislativo Nr 179, de 2018.

¹⁰ Segurança Nacional é a condição que permite ao País preservar sua soberania e integridade territorial, promover seus interesses nacionais, livre de pressões e ameaças, e garantir aos cidadãos o exercício de seus direitos e deveres constitucionais (BRASIL, 2016f).

¹¹ Defesa Nacional é o conjunto de medidas e ações do Estado, com ênfase no campo militar, para a defesa do território, da soberania e dos interesses nacionais contra ameaças preponderantemente externas, potenciais ou manifestas (BRASIL, 2016f).

¹² END: criada pelo Decreto nº 6.703, de 18 de dezembro de 2008 e atualizada pelo Decreto Legislativo Nr 179, DE 2018.

¹³ Previsão de possibilidade de emprego das Forças Armadas enquadrado em uma situação e área estratégica específica para a Defesa Nacional (BRASIL, 2019d).

integrando forças conjuntas ou não, como capacidade desejável para o EB, além da aptidão em concentrar as forças necessárias para garantir a superioridade decisiva no combate, mantendo a inviolabilidade do território nacional (BRASIL, 2016d).

Em consonância com todos os documentos listados, o EB deliberou a Política Militar Terrestre de 2019, no contexto da fase 3 do Sistema de Planejamento Estratégico do Exército (SIPLEx-3). Nesse ponto, a Instituição diagnosticou que a estrutura anual de instrução focada na formação do efetivo variável (EV) desfavorecia a consecução dos Módulos de Adestramento previstos nos Programas-Padrão de Instrução. Como consequência, afetou negativamente a almejada capacidade de permanente estado de prontidão. (BRASIL, 2019c)

Em resposta a esse diagnóstico, a Concepção Estratégica do Exército¹⁴ de 2019 (CEEx/2019) traduz a efetiva prontidão como a organização de grupamentos de forças, com ciclo específico de preparo, natureza e efetivos compatíveis para atender às HE (BRASIL, 2019d).

Dessa feita, a CEEx/2019 define a organização da F Ter em termos de Grupos de Emprego, para minimizar as adaptações para a transição da estrutura militar em tempo de paz para o tempo de crise ou conflito armado e definir a escalada da aplicação do poder de combate baseada na resposta imediata, atuação ampliada e o esforço total¹⁵. Assim, de acordo com a CEEx/2019, a F Ter é classificada em Forças de Emprego Estratégico (F Emp Estrt) e Forças de Emprego Geral (F Emp Ge), além dos Módulos Especializados vinculados às F Emp Estrt (BRASIL, 2019d).

Em Brasil (2019d), definem-se as **Forças de Emprego Estratégico** como aquelas com poder de combate para responder à ameaça. Este grupamento deve estar apto a atuar em qualquer parte do território nacional e outras áreas de interesse estratégico, constituindo-se em tropas preparadas para possuir, organizar ou receber

¹⁴ A Concepção Estratégica (CEEx), como parte do Sistema de Planejamento do Exército (SIPLEx), fase IV, constitui-se em um embasamento conceitual, decorrente de estudos, análises e avaliações, que indica como o Exército deve ser empregado para cumprir sua missão e, por via de consequência, organizado, articulado e preparado (BRASIL, 2019d).

¹⁵ Resposta Imediata – Em princípio, é proporcionada pelas forças militares localizadas na região ou próxima de onde ocorre a crise, de forma a garantir a inviolabilidade territorial.

Atuação Ampliada – É proporcionada pelo deslocamento de forças militares para a região onde ocorre a crise, principalmente devido a sua mobilidade e/ou posição geográfica.

Esforço Total – Relaciona-se ao estado de conflito armado estendendo-se no tempo. Caso a situação indique que a crise possa evoluir para um conflito de maior duração, será necessário buscar a mobilização nacional e a máxima superioridade decisiva sobre o oponente. A possibilidade de se conduzir um conflito prolongado deverá ser evitada (BRASIL, 2019d).

módulos, executar grandes deslocamentos e atuarem de acordo com os respectivos PEECFA¹⁶. Os referidos Módulos também constituem a F Emp Estrt e possuem capacidade de agregar elementos de combate, de apoio ao combate e logísticos. Atualmente, as seguintes tropas constituem a F Emp Estrt:

- F Emp Estr: Brigada de Infantaria Paraquedista, 12ª Brigada de Infantaria Leve, 15ª Brigada de Infantaria Mecanizada, 23ª Brigada de Infantaria de Selva, 5ª Brigada de Cavalaria Blindada e a 4ª Brigada de Cavalaria Mecanizada.

- Módulos Especializados: Artilharia Divisionária/3, Comando de Aviação do Exército, 6º Grupo de Mísseis de Foguetes, 1º Batalhão de Guerra Eletrônica, Comando de Operações Especiais, 6º Batalhão de Inteligência Militar, 1º Batalhão de Operações Psicológicas, 1º Batalhão de Defesa Química, Biológica, Radiológica e Nuclear, 4º Grupo de Artilharia Antiaérea, 2º Batalhão de Engenharia de Combate, 2º Batalhão de Polícia do Exército e Base de Apoio Logístico do Exército (BRASIL, 2019d).

Já as **Forças de Emprego Geral** constituem o grosso da F Ter. Devem manter a capacidade de emprego em áreas estratégicas, mesmo que parcialmente, participar da resposta imediata, atuação ampliada ou esforço total frente a uma ameaça. Além disso, podem ser reforçadas ou reforçarem outras tropas, garantindo flexibilidade ao seu emprego (BRASIL, 2019d).

Adicionalmente, a CEEEx/2019 ressaltou a necessidade de priorização de grupos de emprego, em termos de recompletamento de pessoal e material, visando ao planejamento e à execução do preparo e o estado de prontidão da F Ter. Nesse contexto, as F Emp Estrt devem possuir a mais alta prioridade. Além disso, entre as F Emp Ge algumas foram consideradas prioritárias, particularmente aquelas que possuem emprego pré-definidos nas HE das Forças Armadas (BRASIL, 2019d).

Assim, constituem-se de F Emp G Prioritárias as seguintes tropas: Grupamento de Unidades Escola/ 9ª Brigada de Infantaria Motorizada, 10ª Brigada de Infantaria Motorizada, 6ª Brigada de Infantaria Blindada, 1ª Brigada de Infantaria de Selva e 9º Grupamento Logístico (BRASIL, 2019d).

¹⁶ Planos que materializam o emprego conjunto das Forças Armadas, concebidos de acordo com HE específicas. Subsidiem o preparo e o emprego das respectivas forças (BRASIL; 2019d; 2020s).

1.3 O SISTEMA OPERACIONAL MILITAR TERRESTRE (SISOMT)

Dos estudos do Projeto de Transformação da Força Terrestre, o COTER verificou a necessidade de uma reestruturação, para a modernizar as capacidades de comando e controle, de informações operacionais, de preparo e de emprego, a fim de proporcionar tropas de pronto emprego em todos os Comandos Militares de Área (BRASIL, 2018c).

O preparo do EB depende de ações contínuas nos campos de pessoal, material, instrução, adestramento e mobilização, com o objetivo de contribuir para que as OM estejam em condições de participarem de operações militares. Assim, o SISOMT é desenvolvido para regular tais ações, alinhando-as com o Sistema de Emprego (SISEMP) e o Sistema de Prontidão (SISPRON) (BRASIL, 2019d).

Nesse contexto, a modernização do SISOMT implica na constante atualização do sistema e compõe o subportifólio de **Geração de Força** do EB. Tal projeto está enquadrado no Objetivo Estratégico do Exército número 5 “(OEE-5): Modernizar o Sistema Operacional Militar Terrestre – Preparo e Emprego da Força Terrestre” (BRASIL, 2019e). Para atender o OEE-5, foram desenvolvidas as seguintes estratégias:

- 5.1 aumento da **capacidade de pronta-resposta** da força terrestre.
- 5.2 aperfeiçoamento do **preparo** da força terrestre; e
- 5.3 aumento da **efetividade do emprego** da força terrestre (BRASIL, 2019e, p.25, grifo nosso).

Fruto dessa demanda, o Estado-Maior do Exército (EME) publicou a Portaria número 134, de 8 de agosto de 2018, que aprova a diretriz de implantação do Programa Estratégico do Exército Modernização do SISOMT. Este documento definiu, como objetivo geral do programa, a ampliação das capacidades das OM da F Ter de forma progressiva e seletiva, a fim de conquistar um permanente estado de pronto emprego para cumprimento efetivo das missões constitucionais (BRASIL, 2018e).

Dessa feita, definiu-se o COTER como o órgão central do SISOMT, sendo o responsável pela integração das informações operacionais, a orientação, a coordenação e a execução do preparo, da prontidão operacional e do emprego da F Ter. Além do ODOp, integram este sistema o Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEEx) e os C Mil A. Adicionalmente, o SISOMT possui quatro subsistemas: Sistema de Preparo da Força Terrestre (SISPREPARO), SISEMP,

Sistema de Informações Operacionais Terrestres (SINFOTER) e o SISPRON (BRASIL, 2019i).

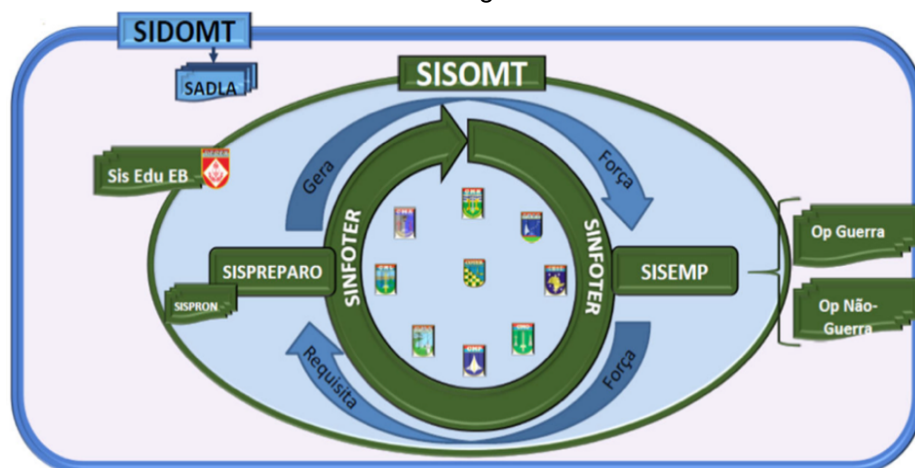
O SISPREPARO é responsável pelas atividades de preparo da F Ter. Está estruturado pelo Sistema de Instrução Militar do EB (SIMEB) e apoiado pelo Sistema de Simulação do Exército Brasileiro (SSEB). Cabe ao SISPREPARO planejar, coordenar e controlar, em estreita ligação com os C Mil A, a preparação orgânica e completa das OM (BRASIL, 2019i).

O SISEMP controla, coordena e acompanha as tropas do EB empregadas no Brasil ou exterior. Para tanto, o sistema é alimentado por informações operacionais, contribuindo para a obtenção da consciência situacional permanente do EB, quando do emprego de tropa em operações militares (BRASIL, 2019i).

O SINFOTER produz, integra e disponibiliza as informações operacionais necessárias para o preparo e emprego da F Ter. Assim, o sistema é responsável pela gestão da informação operacional, apoiando o processo de tomada de decisão (BRASIL, 2019i).

O SISPRON visa a orientar o planejamento, coordenar e controlar a manutenção de tropas com nível de preparação completa, as denominadas FORPRON. No contexto do SISOMT, o SISPREPARO subsidia o SISPRON na obtenção de tropas com eficiência operacional e o SISEMP em ligação com os C Mil A requisita o emprego dessas FORPRON. O objetivo final é disponibilizar tropas com poder de combate, avaliadas e certificadas em sua capacitação operacional (BRASIL, 2019i). Do exposto, pode-se modelar o SISOMT conforme a descrito na figura 1.

FIGURA 1- Modelagem do SISOMT



Fonte: Brasil (2019i).

No contexto da pesquisa sobre a prontidão da F Ter, observa-se a conveniência de delinear maiores informações sobre o SIMEB, SSEB e o SISPRON, propriamente dito.

1.3.1 O Sistema de Instrução Militar (SIMEB)

O SIMEB é o principal instrumento do COTER para exercer a orientação, a coordenação e o controle do Preparo Operacional da F Ter, definindo parâmetros para a instrução militar. A Portaria Nr 147- COTER, de 3 de dezembro de 2018, aprova o SIMEB e estabelece as diretrizes e demais providências do sistema (BRASIL, 2018c).

O SIMEB tem por objetivo regular o desenvolvimento da instrução militar em consonância com a diretriz do Comandante do EB. Além disso, o sistema regula o adestramento da F Ter, garantindo sua condição de emprego em diversos cenários. Tal objetivo é desenvolvido a partir da identificação dos níveis de capacitação operacional que devem ser atingidos, seja na preparação da F Ter, como um todo, ou de organizações militares (OM) em específico (BRASIL, 2018c).

1.3.2 O Sistema de Simulação do Exército Brasileiro (SSEB)

O SSEB gerencia e provê os meios de simulação em prol do preparo da F Ter. Destina-se, portanto, a propiciar o treinamento individual e coletivo da tropa o mais próximo do real, otimizando as vantagens das diversas modalidades de simuladores (BRASIL, 2014b).

Ainda em Brasil (2014b), define-se o SSEB como: “o conjunto de recursos humanos, instalações, aplicativos e equipamentos de simulação empregados no adestramento, treinamento, instrução, ensino militar e no suporte à tomada de decisão[...]”. Dessa forma, possibilita a priorização das necessidades e sinergia no emprego dos simuladores em uso no EB.

Por sua vez, a Portaria Nr 158-EME, de 16 de agosto de 2018, estabeleceu o COTER como o órgão de direção e coordenação do SSEB. Entre outras funções do ODOp, destaca-se a coordenação da utilização de simuladores e sistemas de simulação, a fim de racionalizar custos e potencializar os resultados da simulação (BRASIL, 2018f).

O bom funcionamento do SSEB depende da integração dos sistemas de preparo e emprego, fruto da aplicação metodológica dos recursos. Nesse sentido, o uso da infraestrutura de simulação deve ser direcionado para que as OM alcancem os níveis de adestramento definidos e priorizados pelo COTER (BRASIL, 2018f). Dessa feita, alinha-se o SSEB ao SISPREPARO e, por objetivo finalístico, à prontidão da Força Terrestre.

1.3.3 Os Centros de Adestramento

Os Centros de Adestramento são OM peculiares, vocacionadas para o treinamento de tropas. A fim de ampliar as capacidades desses centros, são alocados e reunidos recursos necessários ao preparo, tanto logísticos e de simulação quanto em pessoal e especialistas (BRASIL, 2018c).

Os CA possuem um vínculo técnico-operacional com o COTER, responsável pelo planejamento, orientação, coordenação e controle das atividades de instrução militar realizadas nos centros. Assim, cabe ao ODOp o funcionamento dos cursos, estágios e treinamentos a cargo dos CA (BRASIL, 2019f).

As forças armadas de outros países também possuem modelos de centros de adestramento. O emprego de tais organizações é pautada na otimização dos meios de simulação, dos campos de instrução, entre outros recursos, possibilitando a integração desses elementos em prol do melhor treinamento das tropas. A título de exemplo é possível citar o *National Training Center* (NTC), nos Estados Unidos da América, e o *Centro Nacional de Adestramiento San Gregorio*, do Reino da Espanha (RIBEIRO, 2016).

O Exército Brasileiro, à esteira desta tendência, possui o Centro de Adestramento - Sul (CA-Sul), em Santa Maria-RS, e o Centro de Adestramento - Leste (CA-Leste), no Rio de Janeiro-RJ (BRASIL, 2018c).

O **CA-Sul** possui uma estrutura flexível para o adestramento prioritário de tropas médias e pesadas. O centro atua na preparação completa e específica de forças, visando um determinado nível de prontidão, de maneira coerente com os ciclos de instrução previstos pelo COTER, em particular no contexto do novo SISOMT (BRASIL, 2015c).

Para tanto, o CA-Sul opera em parceria com o Centro de Instrução de Blindados, fazendo uso do Campos de Instrução de São Borja (CIBSB), em Saicã, e do Campo de Instrução de Santa Maria (CISM), em Santa Maria, ambas no Rio Grande do Sul, a fim de atender, particularmente, as tropas do Comando Militar do Sul (CMS) e do Oeste (CMO) (BRASIL, 2018c).

De maneira semelhante, O **CA-Leste** é vocacionado para a preparação de tropas em operações de defesa da Pátria. Este centro contribui com o adestramento de tropas leves, visando o emprego em operações no amplo espectro dos conflitos, além de prover apoio aos Estabelecimentos de Ensino, valendo-se da simulação de combate em suas três modalidades: viva, virtual e construtiva (BRASIL, 2018c; FERRER, 2019).

Assim, o CA-Leste apoia o adestramento de todas as tropas leves, principalmente, das seguintes forças: GUEs/9ª Brigada de Infantaria Mecanizada; 4ª Brigada de Infantaria Leve (Montanha); Brigada de Infantaria Paraquedista; 11ª Brigada de Infantaria Leve; 12ª Brigada de Infantaria Leve; Comando de Operações Especiais e 23ª Brigada de Infantaria de Selva. Além disso, presta suporte às tropas do Comando Militar do Nordeste, Norte e Amazônia (BRASIL, 2018c).

1.3.4 O Sistema de Prontidão Operacional (SISPRON)

A implantação do SISPRON está inserida no Plano Estratégico do Exército (PEEx) 2020-2023:

- Objetivo Estratégico 5: modernizar o SISOMT [...]
- Estratégia 5.1: aumentar a capacidade de pronta resposta da Força Terrestre [...]
- Ação estratégica 5.1.3: Implantar o Sistema de Prontidão Operacional de Forças.(BRASIL, 2019e, p.22).

Em Brasil (2019i), define-se o objetivo do SISPRON como: “cooperar no planejamento, coordenação e controle das forças em situação de prontidão operacional, bem como na manutenção das capacidades por elas alcançadas”. Além disso, o documento especifica que as forças componentes do sistema devem ser aquelas com maior prioridade de emprego em missões de defesa da Pátria e cooperação e coordenação com agências.

Assim, observa-se o previsto em Brasil (2019d) sobre a CEEEx/2019 em termos de Grupos de Emprego e priorização dos meios, percepção delineada pelo Comandante de Operações Terrestres no prefácio do PIM 2020/2021:

A priorização constante da Concepção Estratégica de Preparo e Emprego do Exército e do SISPRON, do grupamento de forças que inclui as Forças de Emprego Estratégico e os Módulos Especializados, assim como as GU prioritárias da Força de Emprego Geral, “núcleo-duro” do “Exército da atualidade”, permitirá o estabelecimento das Forças de Prontidão e a resposta ampliada da Força Terrestre face às Hipóteses de Emprego atuais. (BRASIL, 2019j)

Alinhada com essa concepção, definiu-se as forças componentes do SISPRON, organizadas em: Forças de Prontidão Operacional (FORPRON), Força Expedicionária (F Expd) e Forças do Sistema de Prontidão de Capacidades de Manutenção da Paz das Nações Unidas (UNPCRS, sigla em inglês) (BRASIL, 2019i).

Ademais, o COTER estabeleceu as diretrizes para o funcionamento do Projeto Piloto do SISPRON no ano de 2020. Nessas diretrizes, o ODOp destacou a ligação do SISPRON com o SISPREPARO e com os C Mil A, visando a atingir o nível de adestramento preparação completa, e a consequente eficiência operacional das tropas selecionadas como FORPRON. Tais forças devem ser avaliadas e certificadas em sua capacidade operacional, notoriamente no preparo para Operações de Guerra, com foco na defesa da Pátria, alinhada com os PEECFA (BRASIL, 2020p).

Nesse contexto, a execução do Ciclo de Prontidão do Projeto Piloto do SISPRON foi definida em 12 meses e dividida em 3 fases: a preparação (3 meses), a certificação (1 mês) e a prontidão (8 meses). A preparação inclui atividades de instrução e medidas administrativas, coerentes com o previsto no SIMEB. A certificação foi a fase inovadora, momento em que é avaliado e certificado o nível atingido pelo preparo. Para tanto, fez-se uso de dispositivos de simulação construtiva, além das modalidades virtual e viva. Por fim, a fase de prontidão abarca a manutenção dos padrões de instrução e a permanência de tropas à disposição de acionamento (BRASIL, 2020p).

Para tanto, o PIM 2020/2021 priorizou os meios do SSEB e dos CA para consecução dos objetivos do SISPRON. De maneira particularizada, os referidos recursos e instalações serão empregados para a segunda fase, referente à certificação das FORPRON (BRASIL, 2020q).

Como parte da delimitação do escopo de estudo desta pesquisa, será abordado, de maneira particularizada, a situação da força componente do SISPRON denominada FORPRON.

1.4 AS FORÇAS DE PRONTIDÃO

O conceito de Forças de Prontidão foi evoluindo com o passar do tempo, mas em essência é o termo aplicado a tropas com capacidade operacional, logística e em permanente situação de alerta, prontas para serem empregadas em situações emergenciais (MITRE, 2016).

Ao longo das décadas de 1980 e 1990, o EB implementou um processo de transformação, a FT 90. Na ocasião, foram escolhidas Organizações Militares (OM) para comporem as Forças de Pronto-Emprego, as quais seriam contempladas com material e adestramento diferenciado, mantendo condições de pronta resposta nos seus C Mil A. Entretanto, muitas OM receberam essa denominação, diluindo os recursos e divergindo da concepção inicial, implicando no desuso do termo (MITRE, 2016).

O Ministério da Defesa (MD), quando de sua criação em 1999, herdou essa condição pouco definida de forças em prontidão operacional. Nesse período, foi adotado o termo de Forças de Ação Rápida¹⁷ Estratégica (FAR Estrt), com a finalidade semelhante à de sua predecessora, a Força de Pronto-Emprego. Porém, novamente, a conjuntura e a aplicação do projeto não demonstraram efetividade em termos de prontidão operacional (MITRE, 2016).

A partir de 2011, o EB iniciou um novo ciclo, com a publicação do documento que definiu o Processo de Transformação do Exército. Em seu escopo, foram levantados diversos vetores de transformação. Entre esses, foi identificada a necessidade de Grupamentos de Emprego, tropas escalonadas em diferentes fases de preparo, as quais deveriam manter o poder de combate permanente e em condições de atuar nas HE (BRASIL, 2010b).

¹⁷ FORÇA DE AÇÃO RÁPIDA - Forças cujas características de organização, articulação e adestramento conferem, aos elementos integrantes, mobilidade tática e estratégica para, em curto prazo, possibilitar à Força Terrestre uma pronta resposta a situações em que a rapidez e a oportunidade constituem fatores preponderantes para o emprego da tropa. Pode ser estratégica ou regional (BRASIL, 2016g).

Na esteira desse processo, o COTER elaborou a Concepção de Preparo e Emprego da Força Terrestre¹⁸, em 2018. O planejamento estabelecia os Grupos por Vocação Prioritária de Emprego, definidos pelos C Mil A, a partir de suas OM subordinadas em grupos de valor unidade ou subunidade. A premissa era que todas as OM operativas da F Ter contribuíssem nas diversas estratégias de emprego, de acordo com vocações pré-definidas em situações de guerra e não guerra (BRASIL, 2018b).

O planejamento dentro de grupos por vocação prioritária de emprego se fez necessário, dadas as limitações orçamentárias e de demais recursos para financiar o preparo da F Ter. Diante dessas restrições, os C Mil A organizavam e priorizavam os recursos para o preparo das tropas, de acordo com as vocações prioritárias de suas OM, cabendo ao COTER orientar e coordenar o preparo e o emprego da F Ter (BRASIL, 2018b). Como exemplo desse processo, podemos citar a FORSUL, força prioritária da 5ª Brigada de Cavalaria Blindada, no CMS, uma das F Emp Estrt (BRASIL, 2019a).

A partir de 2019, no contexto do novo SISOMT, com o advento do SISPRON, agregou-se novas prioridades junto a concepção de emprego da F Ter. Assim, as FORPON assumiram precedência no SISPREPARO, particularmente para aporte de recursos voltados para o adestramento de tropas (BRASIL, 2019i).

De acordo com a Diretriz de Organização do SISPRON de 2019, as FORPRON seriam constituídas obrigatoriamente pelas F Emp Estr e pelos Módulos Especializados, admitindo, também, a possibilidade de adicionar as F Emp Ge prioritárias. Tais forças deveriam, ao final do ciclo de preparo específico, atingir o estado de prontidão operacional (BRASIL, 2019i).

Em sua concepção, as FORPRON deveriam possuir a capacidade de serem empregadas, em parte ou na totalidade, em qualquer parte do território nacional ou exterior, atendendo às HE. Para tanto, podem se valer de recursos próprios ou

¹⁸ Portaria Nr 122-COTER, de 6 de novembro de 2018 - Aprova a Concepção de Preparo e Emprego da Força Terrestre (EB70-D-10.002). Revogada em Portaria Nr 216-COTER, de 18 de novembro de 2019, a qual aprovou a Concepção de Preparo e Emprego da Força Terrestre 2019, coerente com as diretrizes do SISPRON.

adjudicados, em pessoal e material, apoiadas ou não por meios oriundos das demais forças (BRASIL, 2019i).

No ano de 2020, o COTER desenvolveu o 1º ciclo de prontidão das FORPRON, em caráter experimental. O projeto piloto abarcou as 6 (seis) Brigadas componentes da F Emp Estrt. Essas GU mantiveram uma tropa valor Unidade, além do Cmdo e EM para a fase de prontidão (BRASIL, 2020p).

Para as tropas selecionadas, foram desenvolvidas a instrução militar e o adestramento em operações de guerra, com foco da defesa da Pátria. A certificação das mesmas foi conduzida pelo comando enquadrante, com o suporte dos CA-Sul e CA-Leste, respectivamente, apoiando as tropas mecanizadas e blindadas e tropas leves (BRASIL, 2020p).

Por fim, a presente sessão deste trabalho levantou as informações e conhecimentos de interesse para o tema. Primeiramente, buscou-se alinhar o entendimento de conceitos relevantes para a prontidão de tropas. Na sequência, levantou-se como o SISPRON e as FORPRON estão inseridas no EB, desde os aspectos de interesse político até os sistemas de controle do COTER, ressaltando os pontos ligados à prontidão da F Ter. A seguir, serão abordados os aspectos específicos da FORPRON, no 1º ciclo de prontidão ao longo do ano de 2020.

2. O MODELO FORPRON, DO COTER

A manutenção da preparação completa como nível de adestramento das FORPRON é um dos principais objetivos do SISPRON. Para tanto, o sistema se insere no SISPREPARO em ligação com os C Mil A. O estado final desejado é disponibilizar tropas com poder de combate e capacidade de geração de força, avaliadas e certificadas em seu treinamento, para requisição de emprego, coordenado pelo SISEMP (BRASIL, 2020p).

A fim de obter a prontidão desejada, definiu-se um modelo cíclico de atividades. Cada ciclo de 12 meses foi dividido em 3 fases, sendo a preparação condicionada às operações de guerra e alinhada aos parâmetros do SIMEB. Ao ODOp, como órgão central do sistema, coube definir as missões de combate, em consonância com os PEECFA (BRASIL, 2020p).

A **1ª fase do ciclo de prontidão** corresponde à administração, preparação individual e de pequenas frações. Durante esta fase, os respectivos Comandos Militares de Área (C Mil A) organizaram os exercícios de adestramento, baseados no objetivo de adestramento (OA) prioritário e em função das HE visualizadas para as brigadas (BRASIL, 2020p).

As atividades de preparação da tropa foram conduzidas de maneira gradativa em sua complexidade. Iniciaram-se com a Capacitação Técnica e Tática do Efetivo Profissional (CTTEP), seguida das Instruções de qualificação de pequenas frações constituídas e os diversos exercícios de tiro. No que tange aos exercícios de tiro foram realizados os módulos básico e avançado das instruções individuais e de combate, além do tiro das armas coletivas. Já as demais OM da GU SISPRON realizaram o adestramento básico conforme PIM (BRASIL, 2019i).

A **2ª fase do ciclo de prontidão** corresponde à certificação, propriamente dita, com o uso dos meios de simulação construtiva, virtual e viva. Os exercícios foram concebidos dentro de um tema tático, alinhando as missões de combate das GU às HE, inseridas nos PEECFA. Além disso, a avaliação foi conduzida pelos CA, mediante a aplicação de cadernos específicos de avaliação, inseridas em uma metodologia de certificação operacional (BRASIL, 2020p).

Os exercícios de simulação construtiva certificaram o treinamento dos Comandos e Estados-Maiores das GU e de suas U e SU subordinadas. Assim, os

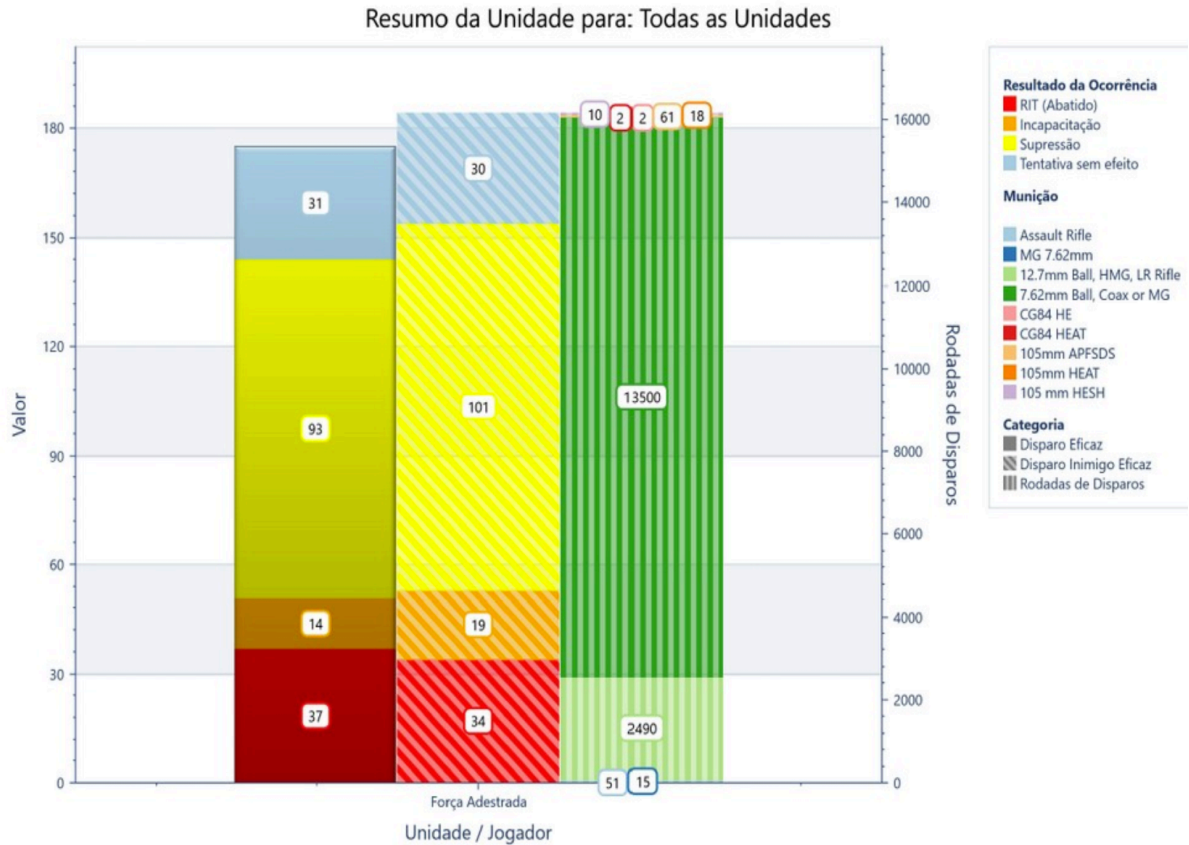
comandos enquadrantes organizaram os exercícios e definiram os temas táticos, desenvolvendo a atividade ao longo de 05 (cinco) dias, sendo 02 (dois) de preparação, 02 (dois) de rotação da simulação e 01 (um) de análise pós ação (BRASIL, 2020b; 2020l; 2020p).

As Unidades FORPRON foram avaliadas e certificadas por meio de exercícios de simulação virtual e viva. Os exercícios de avaliação das FORPRON foram planejados e conduzidos pelos Comandos das Brigadas, com o suporte dos CA. Para a simulação virtual das brigadas médias e pesadas foi utilizado o software VBS3, junto às instalações do Centro de Instrução de Blindados (CIBId), sob coordenação das respectivas brigadas e apoio do CA-Sul, indicando o esforço conjunto de diversos atores e o emprego dos recursos do SSEB (BRASIL, 2020e; 2020p).

Já o exercício de simulação viva, das mesmas brigadas, foi realizado no Campo de Instrução Barão de São Borja (CIBSB). Os Cmdo das GU organizaram e aplicaram a avaliação e o CA-Sul apoiou a atividade. Tal apoio foi materializado com o emprego das equipes OCA, equipamentos de simulação virtual e dispositivos simuladores de engajamento tático (DSET), o que representou o completo sensoriamento de viaturas e pessoal. Esse procedimento trouxe dados de desempenho da força avaliada, possibilitando um compêndio de informações para subsidiar a melhoria na instrução e na preparação de ciclos futuros (BRASIL, 2020b; 2020e; 2020g; 2020h; 2020i).

A certificação foi de incumbência dos C Mil A, responsáveis também por informar ao COTER sobre a conclusão e certificação das FORPRON. Dessa forma, o C Mil A manteve-se como ator responsável pela preparação da tropa e o COTER como orientador e patrocinador de todo o modelo de adestramento. Os CA atuaram como facilitadores, propiciando recursos humanos especializados, o treinamento de pessoal, visando ao uso dos diversos simuladores, e fornecendo os relatórios de desempenho com dados objetivos, conforme pode-se observar na figura 02, abaixo indicada (BRASIL, 2020b; 2020f; 2020g; 2020p).

FIGURA 2 – Exemplo de relatório, com resultado do confronto de tropas

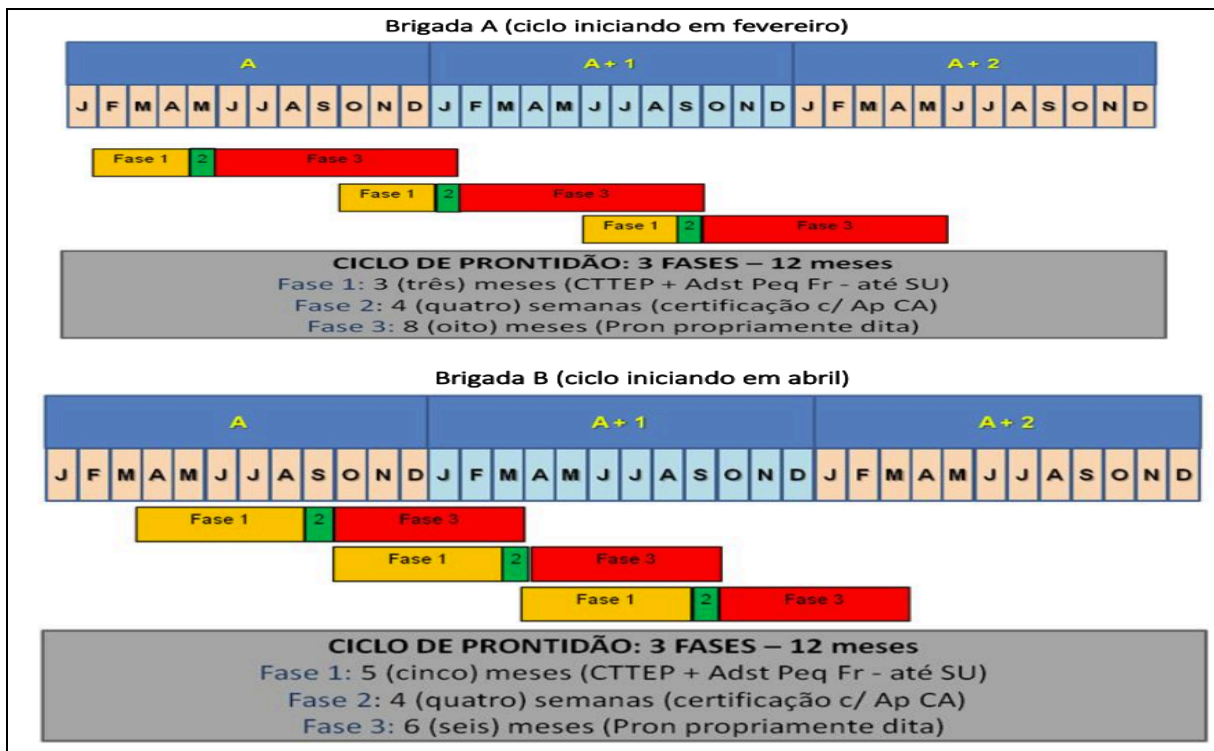


Fonte: Brasil (2020h)

A partir da confirmação dos C Mil A, as FORPRON certificadas ingressam na 3ª fase, mantendo-se 8 meses em prontidão. Nessa fase foram realizadas atividades de manutenção de padrões de adestramento. O emprego das FORPRON na fase de prontidão é condicionado ao SISEMP, podendo ser acionadas pelos C Mil A ou por solicitação do COTER (BRASIL, 2019i; 2020p).

Conforme Brasil (2019i), os ciclos de prontidão serão contínuos dentro das brigadas e complementares entre as FORPRON de diferentes brigadas. Assim, após as fases de preparação e certificação, cada FORPRON permanecerá 8 (oito) meses em prontidão. Nesse período, será selecionada e preparada outra rotação na GU e em outras Brigadas do SISPRON. A figura 3 ilustra o faseamento e o planejamento das FORPRON no âmbito da F Ter, no caso específico do Projeto Piloto.

FIGURA 3 - Faseamento dos Ciclos de Prontidão



Fonte: Brasil (2019i).

Entende-se, com o faseamento e planejamento do ciclo de prontidão, que há uma sinergia de esforços e coordenação para manter, constantemente, tropas em condições de prontidão operacional. Assim, busca-se evitar a solução de continuidade ao longo da substituição de FORPRON no âmbito da própria brigada e no EB como um todo (BRASIL, 2019i).

No contexto do modelo SISPRON de ciclo de prontidão, e de acordo com as referências Brasil (2019i; 2020p), o COTER atua como órgão central do sistema, desempenhando diversas responsabilidades, tais como:

- orientar e coordenar a sistemática de adestramento, coerente com as principais HE e as vocações prioritárias de emprego dos C Mil A;
- realizar gestões junto ao Órgão de Direção Geral (ODG) e Órgãos de Direção Setorial (ODS) para viabilizar as solicitações dos C Mil A. Nesse quadro, destacam-se a priorização para a aquisição de equipamento, distribuição de materiais, recursos financeiros e movimentação de pessoal;
- descentralizar recursos financeiros para as instruções individuais, de frações, de certificação e de manutenção de padrões de adestramento das FORPRON;
- orientar e acompanhar a preparação das FORPRON; e

- manter atualizada a Base Doutrinária das OM componentes das FORPRON, especialmente nos quesitos capacidades, pessoal e material.

Com isso, pode-se observar que a consecução do ciclo de prontidão, depende do esforço conjunto do COTER, do ODG, de outros ODS e dos C Mil A. Particularmente, para viabilizar a priorização de recursos financeiros e materiais logísticos, alocação de pessoal e material de emprego militar, coordenação centralizada de emprego do SSEB e a realização de reuniões de coordenação. Tal integração pode ser consubstanciada pela Diretriz de Custeio Logístico para Operações-Experimental, elaborada pelo COLOG e constante do PIM 2021, a qual estabelece a Prontidão Logística, definindo dados médios financeiros e logísticos, de acordo com as funções de combate, para viabilizar a manutenção da operacionalidade das FORPRON (BRASIL, 2019i; 2020q).

O COTER valeu-se do Projeto-Piloto do SISPRON para diagnosticar a situação do adestramento das tropas e a viabilidade das FORPRON. Estabeleceu-se demandas de mapeamento de necessidades logísticas e financeiras, situação de pessoal e material de emprego militar e infraestrutura de instrução. Além disso, levantou-se produtos específicos para a prontidão como: ciclo logístico, confirmação da periodicidade das fases dos ciclos de prontidão, modelos de cadernos de avaliação, viabilidade da estrutura das FORPRON, adaptações dos PP e cadernos de instrução e custos para a realização dos ciclos de prontidão (BRASIL, 2020p).

No que tange à constituição das FORPRON, em Brasil (2020p), que estabelece as diretrizes do Projeto Piloto do SISPRON, observou-se que cada GU deveria compor uma Unidade FORPRON. Essa força deveria ser composta por até 3 (três) SU de arma base e 01 (uma) de comando e apoio. As Brigadas quaternárias deveriam compor uma força com 4 (quatro) SU operacionais. O pessoal empregado deveria ser selecionado exclusivamente do Efetivo Profissional (EP) das OM, bem como mantido o vínculo com a FORPRON durante todo o ciclo de prontidão, desautorizando substituições e afastamentos, como férias e movimentação para outra OM.

A constituição das FORPRON, no âmbito dos C Mil A, foi acrescida de um módulo complementar, agregando capacidades em funções de combate distintas do movimento e manobra, a exemplo do estabelecido pela 5ª Divisão de Exército, para as FORPRON da 15ª Bda Inf Mec e da 5ª Bda C Bld, fazendo constar elementos de

apoio ao combate e logística, como: comunicações, engenharia, artilharia e módulo logístico (BRASIL, 2020o).

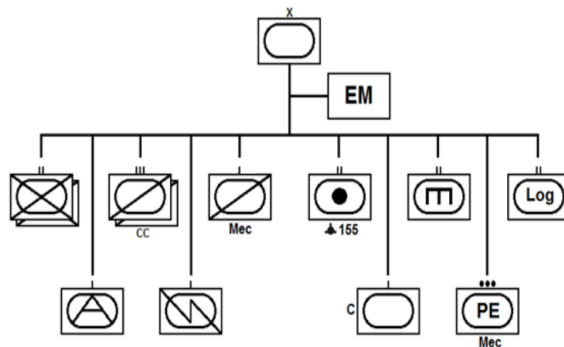
A fim de reunir maiores dados sobre a modelagem FORPRON, do COTER, serão estudados exemplos das soluções aplicadas no 1º ciclo de prontidão das FORPRON da 5ª Bda C Bld, 15º Bda Inf Mec e 4ª Bda C Mec.

2.1 A FORPRON DA 5ª BRIGADA DE CAVALARIA BLINDADA

As Brigadas Blindadas (Bda Bld) são GU pesadas, cujas características lhe conferem mobilidade tática, potência de fogo e proteção blindada, podendo atuar em operações continuadas, ofensivas e defensivas. A sua composição é quaternária, possuindo 02 (dois) Batalhões de Infantaria Blindados (BIB), 02 (dois) Regimentos de Carros de Combate (RCC) e 01 (um) Esquadrão de Cavalaria Mecanizado (Esqd C Mec) (BRASIL, 2019k).

Além dos elementos de combate, a GU é constituída de 01 (um) Grupo de Artilharia de Campanha Autopropulsado (GAC AP), 01(um) Batalhão de Engenharia de Combate Blindado (BE Cmb Bld), 01(um) Batalhão Logístico (B Log), 01(uma) Bia Artilharia Antiaérea Autopropulsada (Bia AA Ae AP), 01(uma) Companhia de Comunicações Blindada (Cia Com Bld), 01(uma) Subunidade de Comando (01 SU C) e 01 (um) Pelotão de Polícia do Exército Mecanizado (Pel PE Mec) (BRASIL, 2019k).

FIGURA 4- Composição de meios de uma Bda Bld



Fonte: Brasil (2019j).

A 5ª Bda C Bld está sediada em Ponta Grossa, no Estado do Paraná (PR), e é a única GU pesada que compõe a F Emp Estrt do EB. Ela apresenta uma estrutura completa, possuindo em sua constituição o 13º e 20º BIB, o 3º e 5º RCC, 5º GAC 155

AP, 5º BE Cmb Bld, 5º B Log, 5º Esqd C Mec, 11ª Bia AAAe AP, 5ª Cia Com Bld, Esqd C/ 5ª Bda C Bld e o 25º Pel PE Mec. Para fins do SISPRON, em seu projeto piloto, a brigada constituiu uma U FORPRON, denominada FT 513 RCC- POTYGUARA (BRASIL, 2019d; 2020d; 2020l; 2021a).

FIGURA 5- Estrutura da FT POTYGUARA

<u>FT 513 RCC</u>	<u>1ª/5º GAC AP</u>	<u>1º/1ª/5º BE Cmb Bld</u>
- Cmdo 5º RCC	- Cmdo Bia	- Cmt Pel
- Esqd C Ap 5º RCC	- Seç Cmdo	- Gp Cmdo
- FT 1º Esqd CC (-3º Pel + 3º/1ª/13º BIB)	- Seç Obs e Rec	- 1º GE
- FT 1ª Cia Fuz Bld (- 3º Pel + 3º/1º/5º RCC)	- Bia Tiro	- 2º GE
- FT 2º Esqd/3º RCC (- 3º Pel + 3º/1ª/20º BIB)		- 3º GE
- Uma FT SU Fuz Bld/ 7º BIB/ 6ª Bda Inf Bld (02 Pel Fuz + Pel Ap + 01 Pel CC)		- VBE Eng
- O Lig Art/5º GAC AP		- VBE Lç Pnt
- 03 (três) Eq OA Art/ 5º GAC AP		
<u>1º/5ª Cia Com Bld (-)</u>	<u>Dst Log/5º B Log</u>	
- Cmdo Pel	- Cmdo Dst	
- Gp Cmdo	- Seç Cmdo	
- Seç Ct Sistemas	- Mdl Mnt	
- Tu Rádio	- Mdl Sup	
- Tu Rd Satelital	- Mdl Trnp	
	- Mdl Ap Ge	

Fonte: Brasil (2020l).

Da análise da estrutura da FT POTYGUARA, observa-se a intenção de agregar flexibilidade e sustentabilidade à FORPRON, uma vez que contempla, além de elementos de combate, frações de apoio ao combate e apoio logístico.

Ainda em relação à estrutura, observou-se que as restrições de seleção de efetivos do EP configuraram-se um óbice para a FORPRON/5ª Bda C Bld. As entrevistas realizadas com o E3 da Brigada e com os representantes do COTER identificaram a necessidade de flexibilizar as diretrizes para OM com grandes efetivos de soldados EV, a fim de viabilizar a organização da FORPRON. Ademais, verificou-se que o licenciamento de militares do EP nos meses de janeiro a março também foi um fator complicador para a seleção de efetivos da FORPRON¹⁹.

O 1º ciclo de prontidão da FORPRON/ FT 513º RCC iniciou-se em julho de 2020. A 1ª fase estendeu-se até meados de setembro, já a 2ª fase transcorreu de 21 de

¹⁹ Questionário aplicado aos E3 da 5ª Bda C Bld e 4ª Bda C Mec. Além de entrevistas realizadas com membro do COTER, em 30 de junho de 2021, e ex-membro do COTER, em 19 de julho de 2021.

setembro a 30 de outubro de 2020 e a 3ª fase (prontidão) de novembro de 2020 a junho de 2021 (BRASIL, 2020l; 2020m).

Para a 1ª fase foram abordados os assuntos correlatos à operação básica ofensiva. No escopo do adestramento foram privilegiados os objetivos concernentes ao ataque coordenado e ao aproveitamento do êxito, respectivamente, OA CAV – 330.01 e CAV – 330.02. Para tanto, foram explorados e revisados assuntos diversos, particularmente as operações ofensivas e defensivas; Planejamento e Condução das Operações Terrestre (PPCOT) e trabalho de EM; emprego da Inf Mec e Cav Bld/Mec; dados médios de planejamento (DAMEPLAN); treinamento no sistema COMBATER e VBS3, *softwares* da simulação aplicada; balizamento de viaturas blindadas e conduta em comboios militares (BRASIL, 1983; 2020l).

No tocante à 2ª fase, de acordo com BRASIL (2020l), foram adotados os procedimentos de simulação previstos pelo SISPRON. Tal fase foi dividida em 5 (cinco) subfases de avaliação e certificação:

- a 1ª subfase certificou 01 (uma) Cia O AP do 5º GAC AP, no Campo de Instrução de Marechal Hermes (CIMH);

- a 2ª subfase certificou 01 (um) Pelotão de Engenharia de Combate Blindado (Pel Eng Cmb Bld) do 5º BE Cmb Bld, na área de instrução desse batalhão, e 01 (uma) FT Esqd CC do 3º RCC. Por fim, foi realizado o tiro de morteiro pesado da FT 513º RCC;

- a 3ª subfase correspondeu ao exercício de simulação construtiva, com a certificação dos diversos Estados-Maiores. A atividade ocorreu na 5ª Divisão de Exército, em Curitiba, no Paraná. Nesta fase houve o apoio de avaliadores e controladores do CA-Sul;

- na 4ª subfase ocorreu à simulação virtual desenvolvida no CIBld, com a avaliação das FT 1º Esqd CC/5º RCC e FT 1ª Cia Fuz Bld/13º BIB; e

- a 5ª subfase correspondeu a simulação viva, exercício executado no Campo de Instrução Barão de São Borja (CIBSB), em Rosário, no Rio Grande do Sul.

Com isso, é possível inferir o grau de abrangência da preparação, o que demandou a atuação de diversos atores, recursos e coordenações. Além dos recursos citados, foram realizados estágios de OCA para apoiar os exercícios, representando outra oportunidade de especialização de recursos humanos. Assim, observa-se a complexidade da avaliação e certificação de uma FORPRON, particularmente, devido

às necessidades de manobras logísticas e planejamentos administrativo, somada as atividades de instrução, propriamente ditas (BRASIL, 2020I).

Um exemplo do grau de complexidade foi o exercício de simulação viva realizado no CIBSB. A atividade demandou uma concentração de meios relevante, considerando a distância de 1.400 quilômetros, de Ponta Grossa, PR, sede da brigada, ao referido campo de instrução. Além disso, a quantidade de material alocado, notoriamente a quantidade de meios blindados, conforme descrito no quadro 2. Com isso, houve planejamento de mobilização de meios de transporte e manobra logística coerente com o deslocamento de uma força de prontidão, processo semelhante a um exercício de mobilidade estratégica (BRASIL, 2020I).

QUADRO 2- Dados logísticos da certificação FORPRON/5ª Bda C Bld

COMBUSTÍVEL CONSUMIDO		
OD S10	OD S500	GASOLINA
148.173 litros	35.000 litros	8.048 litros
RAÇÃO OPERACIONAL		
foram empregadas 1.880 rações do tipo R-2		
MUNIÇÃO		
Tir 105 mm HEAT		329
Car 7,62 mm Ft		20.000
VIATURA	QUANTIDADE	EMPREGO
VBC CC Leopard 1 A5	11	Esqd CC
VBC CC Leopard 1 A5	02	ForOp
VBTP M113	14	Cia Fuz Bld
VBTP M113	04	Equipe de OCA
VBTP M113	03	Seção Cmdo
VBTP M113	01	Equipe de OA
VBC Soc Leopard	01	Tu Mnt
VBE PC M577	02	Cmdo FT RCC e Seção Cmdo

Fonte: Brasil (2020n), modificado pelo autor.

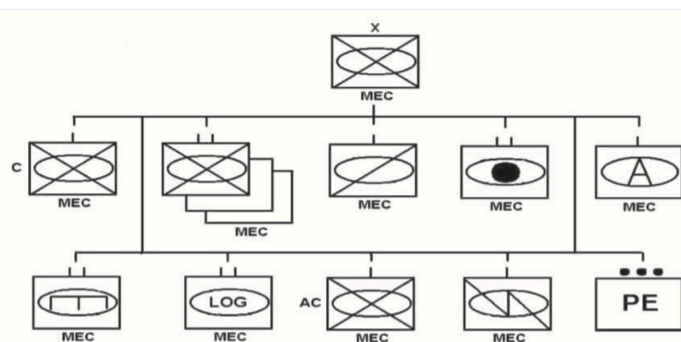
Ademais, na mesma ocasião, foi conduzido o tiro da VBCCC Leopard 1 A5 BR, de dotação dos RCC da Brigada. Os meios blindados e logísticos, particularmente combustível e munição, foram transportados das sedes das OM ao CIBSB, e a condução do tiro foi realizada por especialistas da própria brigada. Com isso, observa-se, além do deslocamento dos meios, a contínua condição de emprego dos mesmos,

haja vista o grau de manutenção das viaturas adequado ao tiro dos carros de combate (BRASIL, 2020l).

2.2 A FORPRON DA 15ª BRIGADA DE INFANTARIA MECANIZADA

As Brigadas de Infantaria Mecanizada (Bda Inf Mec) são GU médias aptas para cerrar sobre o inimigo para destruí-lo ou capturá-lo, utilizando o fogo, a manobra e o combate aproximado. A sua composição é ternária, possuindo 03 Batalhões de Infantaria Mecanizada (BI Mec) e 01 Esquadrão de Cavalaria Mecanizado (Esqd C Mec), 01 (um) Grupo de Artilharia de Campanha Mecanizado (GAC Mec), 01(um) Batalhão de Engenharia de Combate Mecanizado (BE Cmb Mec), 01 (um) Batalhão Logístico (B Log), 01(uma) Bia Artilharia Antiaérea Autopropulsada Mecanizada (Bia AAe AP Mec), 01(uma) Companhia Anticarro Mecanizado (Cia AC Mec), 01(uma) Companhia de Comunicações Mecanizada (Cia Com Bld), 01 (uma) Companhia de Comando (01 Cia C) e 01 (um) Pel PE Mec (BRASIL, 2020q).

FIGURA 6 - Composição de uma Bda Inf Mec



Fonte: Brasil (2020q).

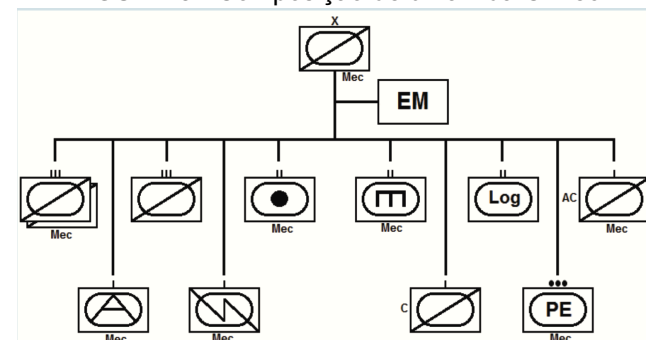
A 15ª Bda Inf Mec está sediada em Cascavel, no PR, com constituição distinta da doutrinária, haja vista a ausência da Cia AC e a adição de uma Cia Inf Mtz. Além disso, o grupo de artilharia não é mecanizada e o apoio de engenharia não está dimensionado para um batalhão. Assim, quanto aos elementos de combate, a GU está configurada da seguinte forma: os 30º, 33º, e 34º BI Mec, a 15ª Cia Inf Mtz e o 16º Esqd C Mec. Já o apoio ao combate e o logístico são constituídos pelos 26º GAC, o 15º B Log, a 15ª Cia E Cmb Mec, a 15ª Cia Com Mec, a Cia C e o 15º Pel PE Mec (BRASIL, 2021b).

Ademais, houve o planejamento de recompletamento das FORPRON em material. Tal atividade constou de plano específico com prazos para diversos levantamentos de necessidade, recebimento e remanejamento de material. Para tanto foram envolvidos, além do COTER, órgão provedores da 5ª DE. Dessa forma, observa-se a intenção de manter a FORPRON em condições logísticas (BRASIL, 2020j).

2.3 A FORPRON DA 4ª BRIGADA DE CAVALARIA MECANIZADA

As Brigadas de Cavalaria Mecanizada (Bda C Mec) são GU médias aptas a conduzir operações complementares de reconhecimento e segurança, e atuam como economia de meios das operações básicas ofensivas e defensivas. A sua composição é ternária, possuindo 02 (dois) Regimentos de Cavalaria Mecanizada (RC Mec), 01 (um) Regimento de Cavalaria Blindado (RCB), 01 (um) Grupo de Artilharia de Campanha Mecanizado (GAC Mec), 01(um) Batalhão de Engenharia de Combate Mecanizado (BE Cmb Mec), 01(um) Batalhão Logístico (B Log), 01(um) Esquadrão Anticarro Mecanizado (Esqd AC Mec), 01(uma) Bia Artilharia Antiaérea Mecanizada (Bia AAAe Mec), 01(uma) Companhia de Comunicações Mecanizada (Cia Com Mec), 01(uma) Esquadrão de Comando (Esqd Cmdo) e 01 (um) Pel PE Mec (BRASIL, 2019l).

FIGURA 8 - Composição de uma Bda C Mec



Fonte: Brasil (2019l).

A 4ª Bda C Mec está sediada em Dourados, no Mato Grosso do Sul (MS), com constituição distinta da doutrinária, haja vista a ausência do Esqd AC, a adição de 01 (um) RC Mec, o grupo de artilharia não é mecanizado e o apoio de engenharia não está dimensionado como um batalhão. Assim, quanto aos elementos de combate, a

GU está configurada da seguinte forma: 10º, 11º, e 17º RC Mec e 20º RCB. Já o apoio ao combate e logístico está constituído pelo 9º GAC, 28º B Log, 4ª Cia E Cmb Mec, 14ª Cia Com Mec, Cia C e 4º Pel PE Mec (BRASIL, 2020I).

O ciclo de prontidão para a 4ª Bda C Mec iniciou-se em julho de 2020, obedecendo os parâmetros em 3 (três) fases, já apresentadas. Como particularidade da FORPRON/4ª Bda, a simulação virtual foi realizada com os recursos e instalações do 17º RC Mec. Já o exercício de simulação viva foi executado na região de Dourados, no MS, no período de 12 a 16 de outubro de 2020. O CA-Sul apoiou todos os exercícios (BRASIL, 2020I).

A FORPRON/4ª Bda C Mec foi organizada com base no 10º RC Mec, que estabeleceu o comando, estado-maior, 01 (um) Esqd C Mec e o esquadrão de comando e apoio (Esqd C Ap). Foram adicionados 01 (um) Esqd C Mec de cada um dos demais RC Mec da brigada e 01 (uma) Força-tarefa SU do 20º RCB (FT 4º/20º RCB). As SU constituíram-se de 3 pelotões, a exceção da FT 4º/RCB, composta por 02 (dois) pelotões de fuzileiros blindados, 01 (um) pelotão de carros de combate e 01(um) Pelotão de Exploradores. Dessa forma, a FORPRON/4ª Bda C Mec foi concebida como quaternária, constituindo uma mistura de natureza de tropas, com elementos blindados e mecanizados (BRASIL, 2020I).

Além disso, o Esqd C Ap foi reforçado com frações das demais OM da Bda. Foram acrescentados 01(um) Pelotão de Saúde, 01(um) Pelotão de Suprimento e 01 (uma) Seção Leve de Manutenção, orgânicos do 28º B Log; 01 (um) Pel Com, da 14ª Cia Com Mec; 01(um) Pel E Cmb Mec, da 4ª Cia E Cmb Mec, 01 (uma) Seç AAAe, da 3ª Bia AAAe, e elementos do 4º Pel PE Mec. Possibilitou-se, dessa forma, o acréscimo de poder de combate e capacidade à FORPRON (BRASIL, 2020I).

Nesse mesmo sentido, a FORPRON deveria manter condições de receber outras capacidades do próprio C Mil A. Nesses termos, estabeleceu-se que a unidade poderia receber aporte de frações e meios do 9º Grupamento Logístico, 3º Grupamento de Engenharia, 3º Batalhão de Aviação do Exército, 6º Batalhão de Inteligência Militar, 9º Batalhão de Comunicações e Guerra Eletrônica e da 14ª Companhia de PE. Com isso, verifica-se a modularidade e flexibilidade do modelo de FORPRON implementado pelo COTER (BRASIL, 2020I).

No que tange à seleção de pessoal, a 4ª Bda C Mec seguiu os mesmos parâmetros das outras FORPRON. A composição da tropa foi limitada exclusivamente

ao efetivo profissional das OM, sem grandes dificuldades, haja vista os percentuais acima de 70% de soldados EP²⁰ nas Unidades. Além disso, foi restringida a alteração ou afastamento de pessoal de suas funções, durante todo o ciclo de prontidão. Dessa feita, estabeleceu-se uma reserva de efetivos para recompletamento, considerando casos de emergência, o que visou a garantir a composição completa da tropa, ao longo dos 8 meses de prontidão (BRASIL, 2020I).

Para o adestramento, a FORPRON/4^a Bda C Mec seguiu as diretrizes das demais tropas apresentadas. Foram definidos como OA a realização de marcha para o combate, ataque coordenado, movimentos retrógrados, ações dinâmicas da defesa e operações de evacuação de não combatentes. Assim, identifica-se uma tendência de consolidação de capacidades nos assuntos citados, em todas as FORPRON estudadas (BRASIL, 2020I).

Ademais, a FORPRON/4^a Bda C Mec obteve oportunidades de empregar meios de outros projetos estratégicos do Exército. As tropas da brigada fizeram uso de equipamentos do Projeto Guarani e do Sistema Integrado de Monitoramento de Fronteira (SISFRON). Com isso, observou-se a possibilidade de integração e aperfeiçoamento de projetos em curso na Força (BRASIL, 2020I).

2.4 OS ASPECTOS RELEVANTES DO 1º CICLO DE PRONTIDÃO DA FORPRON

De acordo com o apresentado neste capítulo é possível inferir alguns aspectos estabelecidos pela nova modelagem do COTER, visando à prontidão operacional da Força Terrestre.

Observa-se que o objetivo central do modelo de FORPRON do COTER é a manutenção de tropas com nível de preparação completa, certificadas e em estado de prontidão, ao longo de 8 meses e de maneira contínua. Uma vez que os ciclos de prontidão das brigadas foram planejados para que a preparação da tropa da rotação subsequente se inicie ao longo do período de prontidão (3^a fase) da FORPRON já certificada e em prontidão. Assim, o sistema busca ofertar ao EB tropas que iniciam o ciclo de prontidão na sequência do término do ciclo de prontidão anterior, o que em

²⁰ Questionário aplicado a membro da FORPRON/4^a Bda C Mec.

2020, totalizou 06 (seis) FORPRON, no valor unidade, em prontidão de maneira ininterrupta (BRASIL, 2020j; 2020l; 2020p).

Nesse mesmo sentido, há diretrizes para uniformização dos procedimentos de preparação da FORPRON, coordenadas de maneira centralizada pelo COTER e controladas, particularmente, pelos respectivos C Mil A e demais comandos enquadrantes. Dado que o modelo possui faseamento próprio, a participação dos diversos atores é normatizada e as FORPRON analisadas foram submetidas aos mesmos processos de avaliação e certificação (BRASIL, 2020j; 2020l; 2020o; 2020p).

Além disso, a FORPRON possui vinculação de preparo e empenho com o COTER, no nível I²¹. Considerou-se que o ODOp presta orientação, avaliação, acompanha e supervisiona o adestramento, em coordenação com o respectivos C Mil A. Já o empenho cabe aos C Mil A. Porém, mesmo nas suas áreas de responsabilidade, será condicionado à autorização do Comandante do Exército, por intermédio do COTER (BRASIL, 2021c).

Outro aspecto é a utilização da avaliação e a certificação do adestramento das FORPRON, dado que as 1ª e 2ª fases do ciclo de prontidão exemplificam, respectivamente, o preparo e a certificação das tropas, buscando estabelecer um sistema contínuo de adestramento de frações e com capacidade de retroalimentação. Por tanto, o modelo FORPRON do COTER visa a manter tropas com capacidade testada, para responder a eventuais ameaças (BRASIL, 2020g; 2020h; 2020i; 2020p).

Ainda nesse ínterim, a certificação foi introduzida para o levantamento de dados objetivos, viabilizando a identificação de oportunidades de melhoria, lições e deficiências operacionais, em que pese os riscos de treinamentos negativos, por questões de falta de simuladores, ou mau empenho dos mesmos, e a falta de campos de instrução dedicados aos centros de adestramentos²².

Sobre o treinamento, o modelo FORPRON não alterou o previsto no SIMEB ou nos programas padrão de instrução do EB. Entretanto, a preparação das FORPRON demandou a priorização dos objetivos de instrução e adestramento, além da alocação dos recursos do SSEB pelo COTER, particularmente em relação a utilização de simuladores e o empenho dos CA em prol das tropas de prontidão. Assim, identifica-

²¹ Escala varia de nível I a III, seguindo de maior para menor centralização e vinculação de preparo e empenho ao COTER junto aos C Mil A (BRASIL, 2021c)

²² Questionário aplicado a membro do CA-Sul.

se a busca de sistematização²³ da preparação das FORPRON (BRASIL, 2020g; 2020h; 2020i; 2020p).

Ademais, notou-se que o modelo pressupõe o envolvimento de um relevante número de órgão da F Ter, com atuação planejada e coordenada, para à execução do ciclo de prontidão das FORPRON. Existe, também, uma normatização de responsabilidades de outros ODS além do COTER e dos C Mil A, buscando atender as demandas operacionais, logísticas e administrativas para a obtenção e manutenção dos níveis de prontidão esperados. Com isso, os processos implicam em um trabalho conjunto de diversos escalões da F Ter (BRASIL, 2019i; 2020p).

A padronização do valor unidade das FORPRON e a adição de capacidades extras também são aspectos do modelo COTER. Constatou-se que as brigadas analisadas reforçaram seus elementos de manobra com módulos específicos, organizados em frações de apoio ao combate e apoio logístico. Supõe-se que essa organização busca agregar poder de combate, flexibilidade e a sustentabilidade das FORPRON. Entretanto, cabe destacar que as unidades FORPRON são estruturadas com SU de OM distintas, o que pode afetar a integração dos efetivos e a sua operacionalidade ou eficiência operacional (BRASIL, 2020j; 2020k; 2020l; 2020o).

Adicionalmente, observou-se a intenção de agregar modularidade às FORPRON. O caso particular da 4ª Bda C Mec consubstancia esse aspecto, uma vez que houve a diretriz para que a FORPRON estivesse em condições de receber módulos de OM orgânicas do próprio C Mil A, visando a ampliar as possibilidades de atuação da tropa (BRASIL, 2020k).

Entretanto, a questão de recursos disponíveis, particularmente em pessoal e material, pode afetar a estrutura do FORPRON, uma vez que, a restrição da seleção dos efetivos aos militares do EP implicou em dificuldades, em particular para as GU com baixos índices de EP. Além disso, a grande rotatividade de pessoal movimentado das OM, ajustes de planos de férias e o licenciamento de efetivos no período de janeiro a março podem comprometer a manutenção de efetivos, ao longo da fase de prontidão²⁴. Tais aspectos podem agravar não só a estrutura da FORPRON no 1º ciclo, mas a sua viabilidade em contínuos ciclos de prontidão.

²³ Entrevistas realizadas com membro do COTER, em 30 de junho de 2021, e ex-membro do COTER, em 19 de julho de 2021.

²⁴ Questionário aplicado aos E3 da 5ª Bda C Bld e 4ª Bda C Mec. Além de entrevistas realizadas com membro do COTER, em 30 de junho de 2021, e ex-membro do COTER, em 19 de julho de 2021.

Em relação aos recursos materiais, constatou-se que a FORPRON depende da efetiva priorização de distribuição de meios, devido a própria falta de materiais previstos no quadro de dotação de material de emprego militar (QDM) das OM. Isso trouxe o risco de treinamento negativo e a possibilidade de afetar a capacidade de pronta-resposta. Logo, a consecução das 1ª e 2ª fase do ciclo depende do recompletamento de equipamentos, da disponibilização de recursos financeiros e do agendamento do apoio dos CA, dentro de um plano de priorização âmbito EB²⁵ (BRASIL, 2020d; 2020e; 2020f; 2020g; 2020h; 2020i).

Uma vertente adicional do modelo COTER é a possibilidade de executar exercícios de campanha para a avaliação e certificação das FORPRON, fora das sedes das brigadas, o que pode contribuir para o planejamento e experimentação de manobras de deslocamento e concentração estratégicos. Os exercícios de simulação viva das FORPRON da 5ª Bda C Bld e da 15ª Bda Inf Mec são exemplos, haja vista o deslocamento de meios blindados e mecanizados, das respectivas sedes para o CIBSB. Assim, é possível estabelecer estimativas logísticas e planos base para deslocamentos de grandes distâncias, refletindo na mobilidade das FORPRON, conseqüentemente na prontidão e na pronta-resposta dessas tropas (BRASIL, 2020h; 2020i).

Além disso, em tese, o sistema se compromete com a entrega de FORPRON com plenas capacidades operacionais, notoriamente, em pessoal e meios de emprego militar. Tal aspecto é materializado com os parâmetros de seleção de pessoal, recompletamento e remanejamento de equipamentos observados na Diretriz da FORPRON e ratificados pelos militares entrevistados (BRASIL, 2020j; 2020k; 2020l; 2020p).

A seguir serão apresentados aspectos relevantes sobre os grupamentos de prontidão, no contexto das vocações prioritárias, modelo vigente desde 2011 a 2019. Na sequência, tais dados serão comparados com os principais aspectos já levantados e resultados do 1º Ciclo de Prontidão, FORPRON 2020.

²⁵ Questionário aplicado aos E3 da 5ª Bda C Bld e 4ª Bda C Mec. Além de entrevistas realizadas com membro do COTER, em 30 de junho de 2021, e ex-membro do COTER, em 19 de julho de 2021.

3. APRECIÇÃO DOS MODELOS DE FORÇAS DE PRONTIDÃO DO EB

3.1 OS ASPECTOS DOS MODELOS ANTERIORES DE FORÇAS DE PRONTIDÃO

Adotando por marco temporal o período de 2010 a 2014, é possível identificar a divisão dos grupos de emprego da F Ter em 05 (cinco) categorias: Força de Ação Rápida Estratégica (FAR Estrt), Força de Emprego Estratégico (F Emp Estrt), Força de Segurança Estratégica (F Seg Estrt), Força de Emprego Regional (F Emp Rg) e Força de Emprego Geral (F Emp Ge). A título de exemplo as FAR Estrt eram compostas basicamente pela Bda Pqdt e pelo C Op Esp. Já a 4ª Bda C Bld e a 5ª Bda C Bld compunham, respectivamente, as F Seg Estrt e a F Emp Estrt (BRASIL, 2009).

Em Brasil (2016b), observa-se a modificação quanto aos grupos de emprego, particularmente no tocante às FAR Estrt, substituídas por Forças de Atuação Estratégica (FAE). A orientação do preparo e emprego dessas forças estava vinculada ao COTER e a categoria foi ampliada, com a inclusão de mais GU, conforme consta na quadro 2:

QUADRO 3 – FAE em 2017

C Mil A	Brigadas/Comandos
CML	Bda Inf Pqdt
CMSE	11ª Bda Inf L
	12ª Bda Inf L (Amv)
	CAvEx
	Elm da 1ª Bda AAAe
CMP	3ª Bda Inf Mtz
	COpEsp
CMS	5ª Bda C Bld
	Cmdo Art Ex
CMNE	Elm da 10ª Bda Inf Mtz

Fonte: Brasil (2016b)

Em outubro de 2017, com a definição de uma nova concepção de emprego do exército, a classificação dos grupos de emprego foi redimensionada para 03 (três) categorias: as Forças de Emprego Estratégico (F Emp Estrt), as Forças de Emprego geral (F Emp Ge) e os Módulos Especializados. Nesse mesmo ano, foram atribuídas as vocações prioritárias de emprego, visando, em particular orientar o preparo e racionalizar os recursos, uma sistemática que vigora até os dias atuais. Nesta época a 4ª Bda C Mec e a 5ª Bda C Bld compunham as F Emp Estrt (BRASIL, 2017c; 2019d).

Assim, no período anterior ao projeto piloto da FORPRON, entre 2010 e 2019, observa-se a existência de uma articulação da F Ter em grupos de emprego, inclusive com forças cuja orientação da preparação era vinculada ao COTER. Destarte, estudaremos a relação do COTER com esses grupos de emprego, em particular com as FAR Estrt.

Anualmente, por meio dos Programas de Instrução Militar (PIM), o COTER estabelecia diretrizes coerentes com o esforço de manter tropas em níveis de prontidão. Entre essas recomendações consta a orientação genérica para que todas as OM operacionais mantivessem 01 (uma) Subunidade, composta por soldados EP, em condições de emprego ao longo de todo o ano, sendo prioritária a capacitação desse efetivo em um período anterior a incorporação dos soldados EV. (BRASIL, 2008; 2016b)

Outra orientação era a centralização da formação dos soldados EV. O COTER sugeria que o encargo da formação de recrutas fosse destinado a uma única SU, de forma a liberar os meios, em pessoal e equipamento, para a composição de SU com os soldados EP. Após a qualificação dos soldados recrutas, o número de tropas em condições de emprego seria ampliado (BRASIL, 2011a).

No que tange às FAR Estrt, o COTER definia a necessidade de um ciclo anual de adestramento, conforme o planejamento, coordenação e controle dos respectivos C Mil A. Definia-se a imposição de preparação completa e condição de emprego de forma célere em todo o território nacional (BRASIL, 2008; 2009; 2010a; 2011a; 2011b). O quadro abaixo lista os ciclos dos grupos de emprego da F Ter a época:

QUADRO 4 – Ciclos de adestramento dos grupos de emprego em 2012

ANUAL	FAR Estratégicas	OM das 12ª Bda Inf L, Bda Inf Pqdt, Bda Op Esp, CAVEx
	Forças de Segurança Estratégicas	OM das 1ª, 2ª, 16ª e 17ª Bda Inf SI, 18ª Bda Inf Iron
BIENAL	Forças de Segurança Estratégicas	OM das 15ª Bda Inf Mtz, 1ª, 2ª, 3ª e 4ª Bda C Mec
	Forças de Emprego Estratégico	OM das 3ª, 9ª e 10ª Bda Inf Mtz, 11ª Bda Inf L, 6ª Bda Inf Bld, 5ª Bda C Bld, 1ª Bda AAAC
	OM de Emprego Estratégico	6º GLMF, 1ª Cia GE, Cia C2 e Cia DQBN
	Forças de Emprego Regional	OM das 13ª e 14ª Bda Inf Mtz, 23ª Bda Inf SI, AD/3, AD/5, AD/6, 2º Gpt I
TRIENAL	Forças de Emprego Geral	OM das 4ª e 7ª Bda Inf Mtz, AD/1, 1º Gpt I

Fonte: Brasil (2011a)

Referente aos recursos para o adestramento, o COTER apresentava alguns parâmetros de prioridade. Os recursos distribuídos para a instrução das FAR Estrt eram classificados como específicos e alocados pelo COTER. Dessa fonte, as FAR Estrt deveriam custear exercícios de adestramento, inclusive fora de suas sedes. Além disso, as FAR Estrt eram prioritárias para o aporte financeiro visando a execução do adestramento avançado (BRASIL, 2008; 2009; 2011a; 2011b). De maneira geral, o COTER definia a seguinte prioridade de adestramento:

- (1) GU e OM das FAR Estrt;
- (2) GU e OM das Forças de Segurança Estratégicas;
- (3) GU e OM das Forças de Emprego Estratégico;
- (4) GU e OM das Forças de Emprego Regional; e
- (5) GU e OM das Forças de Emprego Geral. (BRASIL, 2011a, p.5-6/52)

Adicionalmente, foi identificado nos documentos pesquisados, que o COTER também priorizava o apoio dos centros de adestramentos existentes para o adestramento das FAR Estrt. Dessa feita, essas tropas obtiveram recursos para a execução das avaliações e calendário para simulação virtual e viva junto ao CAAdEx, até 2012 (BRASIL, 2008; 2009; 2010a; 2011b), e o CA- Sul e o CA-Leste, a partir de 2016 (BRASIL, 2016b; 2018d).

As FAR Estrt foram priorizadas também em calendários de exercício de vulto. De maneira geral, os sucessivos PIM elencavam a participação das FAR Estrt nos exercícios conjuntos e combinados. Além disso, em alguns estágios eram designadas vagas específicas para oficiais das FAR. Um exemplo era o Estágio de Comando e Controle (BRASIL, 2010a; 2011a; 2011b).

Observa-se que o adestramento das FAR Estrt também era coordenado pelo COTER, particularmente, com o planejamento das missões de combate, as quais deveriam ser desenvolvidas por meio dos treinamentos anuais (BRASIL, 2009; 2011b).

No ano de 2012, foi criado o Estágio Básico de Combatente de Forças de Ação Rápida-Regional (EB-CFAR-R). A atividade visava tanto a objetivos cognitivos, aprimorando conhecimentos técnico-profissionais; quanto ao aperfeiçoamento de atributos atitudinais. Além disso, buscou-se avaliar o nível alcançado na instrução individual do EP e EV (BRASIL, 2011b).

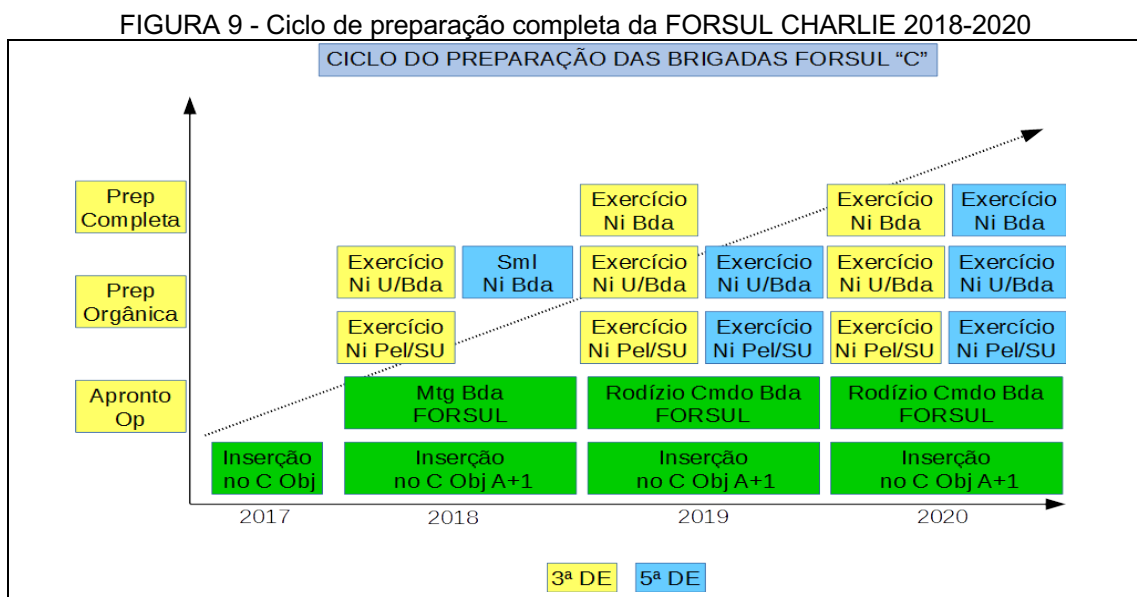
A partir de 2014, devido à nova percepção de que o preparo da F Ter deveria ser orientado para o permanente estado de prontidão, foi estabelecido o exercício de

pronta resposta. Essas atividades ocorreriam ao longo do período de instrução individual, voltado para as frações constituídas de EP das OM Op e visava ao cumprimento de missões de curta duração e acionadas de maneira inopinada. Já no período de adestramento, deveria ser aplicado um exercício semelhante com a fração nível SU. A atividade deveria ser coordenada pelo C Mil A, DE e Bda enquadrantes (BRASIL, 2013; 2014a; 2015a; 2016b; 2018d) .

Em paralelo com a preparação dos grupos de emprego do EB já citados, os C Mil A selecionavam, preparavam e mantinham em condições de emprego forças adicionais com o viés de pronta resposta, as quais atuassem em suas áreas de responsabilidade. São exemplos desses grupos as Força Sul (FORSUL), no Comando Militar do Sul (CMS) e a Força Pantanal (FORPAN), no Comando Militar do Oeste (CMO). Trataremos a seguir do caso particular dessas forças.

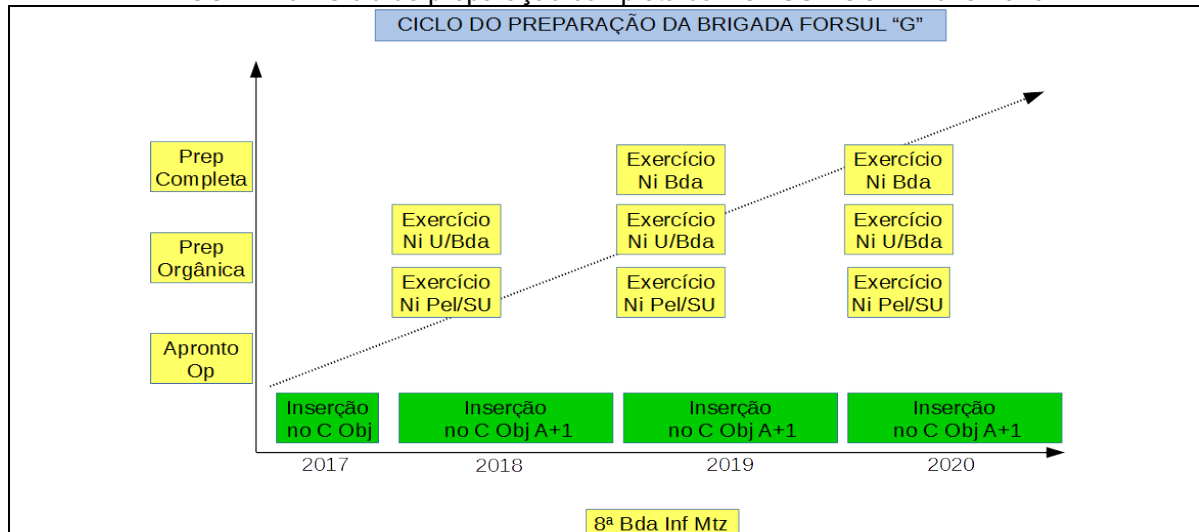
3.1.1 A FORSUL

No CMS havia 02(duas) brigadas na FORSUL CHARLIE, prioritária para defesa externa, e 01 (uma) brigada na FORSUL GOLF, prioritária para Operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO). Portanto, a composição da FORSUL era baseada no valor brigada. Os ciclos de adestramento para a preparação completa duravam 3 (três) anos (BRASIL, 2019g).



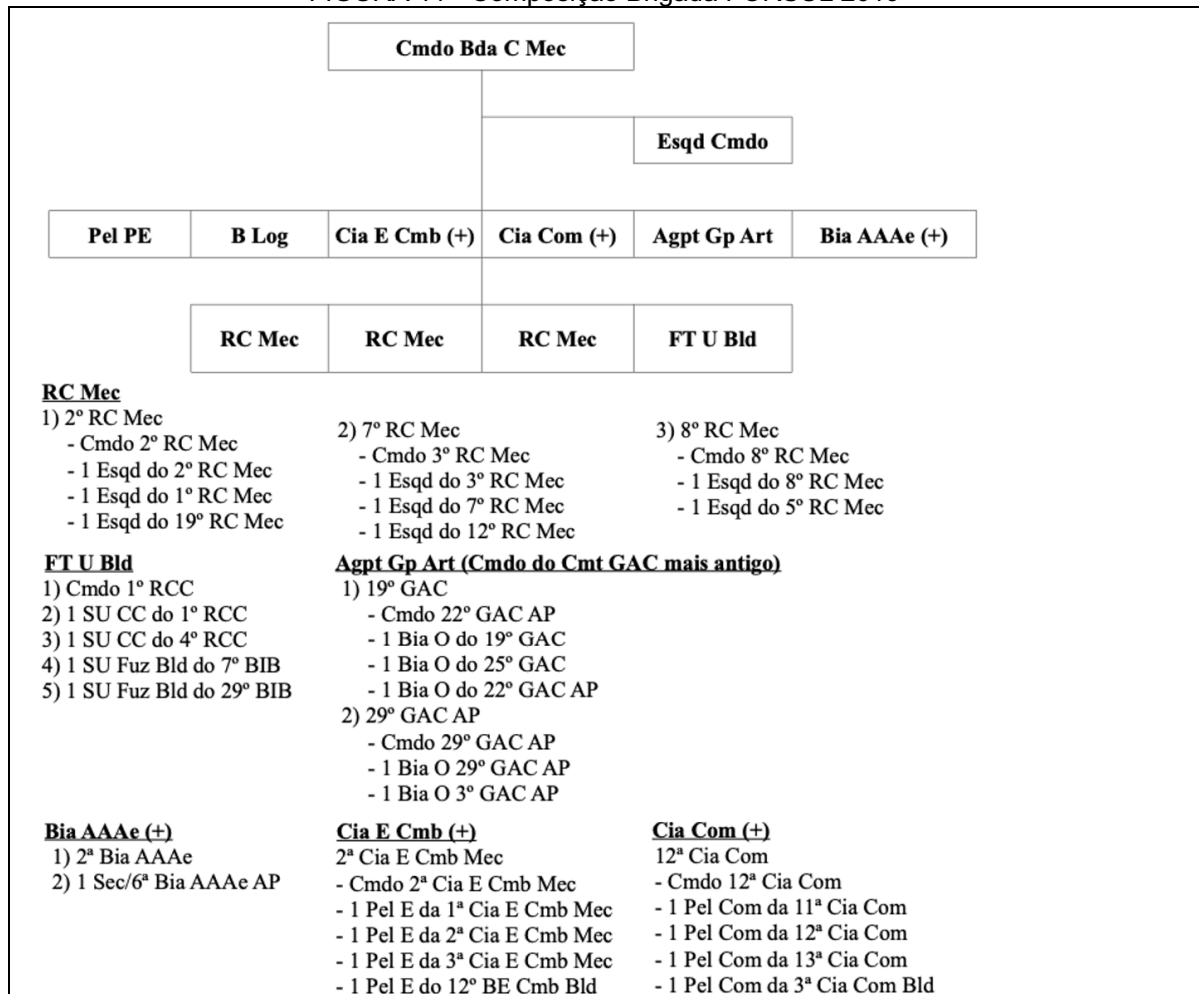
Fonte: Brasil (2018a).

FIGURA 10 - Ciclo de preparação completa da FORSUL GOLF 2018-2020



Fonte: Brasil (2018a).

FIGURA 11 - Composição Brigada FORSUL 2019



Fonte: Brasil (2018a).

No ciclo de 2018 a 2020, a 5ª DE e a 3ª DE foram responsáveis pela FORSUL CHARLIE, cada uma organizando 01 (uma) brigada, e a 8ª Bda Inf Mtz ficou encarregada da FORSUL GOLF. As DE deveriam definir a composição dos meios e o comando de suas respectivas forças. No caso específico da 5ª DE, deveria ser organizada 01 (uma) Força-tarefa (FT) blindada nível regimento ou batalhão, a cargo da 5ª Bda C Bld (BRASIL, 2019g).

A organização das forças era variável, no entanto deveriam ser compostas por soldados EP. A título de exemplo, a figura 9 descreve a constituição da FORSUL/3ª DE, para o triênio de 2018-2020 (BRASIL, 2018a; 2019g).

O CMS definia alguns parâmetros de treinamento dessas tropas, o que inclui a priorização de recursos, inclusive com o prejuízo de preparação orgânica de outras tropas. A preparação deveria ser escalonada e sequenciada desde o nível pelotão até unidade (BRASIL, 2019g).

Seguindo essa metodologia, o CMS atribuía quais os níveis de exercício de adestramento deveriam ser desencadeados em cada ano. Como exemplo, em 2019, o C Mil A estabeleceu a execução do exercício de campanha nível brigada para a FORSUL/3ª DE, até o nível unidade para a FORSUL/5ª DE e nível brigada à FORSUL/8ª Bda Inf Mtz. As respectivas brigadas eram as responsáveis pela verificação do alcance dos padrões mínimos dos Objetivos de Adestramentos, nas diversas frações (BRASIL, 2019g).

Para os referidos exercícios e verificação do adestramento, o CMS orientava o emprego de OCA. Entretanto, não havia a obrigatoriedade ou diretrizes específicas regulando tais condutas (BRASIL, 2019g).

3.1.2 A FORPAN

No caso das **FORPAN**, o CMO agregava, às suas diretrizes, algumas definições de objetivos e hipóteses de emprego da tropa. Entre os objetivos, era definida a intenção de manter permanentemente tropas em condições de emprego imediato, frente a situações de ameaça e para atender as HE. (BRASIL, 2007a).

Referente ao emprego em situação de guerra, o CMO definia duas hipóteses: emprego imediato com o ciclo de adestramento básico completo ou incompleto. O primeiro aceitava a seleção de soldados EV, já o segundo caso deveria ser utilizado

somente o efetivo de soldado EP. Para ambas as situações, as tropas deveriam responder à ameaça com seus próprios meios e de maneira imediata, assim como, deveriam ser empregadas como um todo, para manter a identidade da tropa (BRASIL, 2007a; 2007c).

No que tange a recursos limitados, o CMO orientava para que a FORPAN priorizasse a manutenção dos seus meios em elevada disponibilidade. Além disso, salientava a necessidade de liderança dos oficiais e demais quadros, visando a superar as deficiências existentes. De maneira objetiva, definia que a restrição de meios deveria ser observada no planejamento de emprego da tropa, implicando em zonas de ação, frentes e velocidade das operações dimensionadas às capacidades da tropa (BRASIL, 2007b).

Entretanto, não havia planejamento de priorização para distribuição de recursos ou apoio logístico. Tal premissa se devia a imposição de que todas as OM deveriam estar em condições de emprego (BRASIL, 2007b).

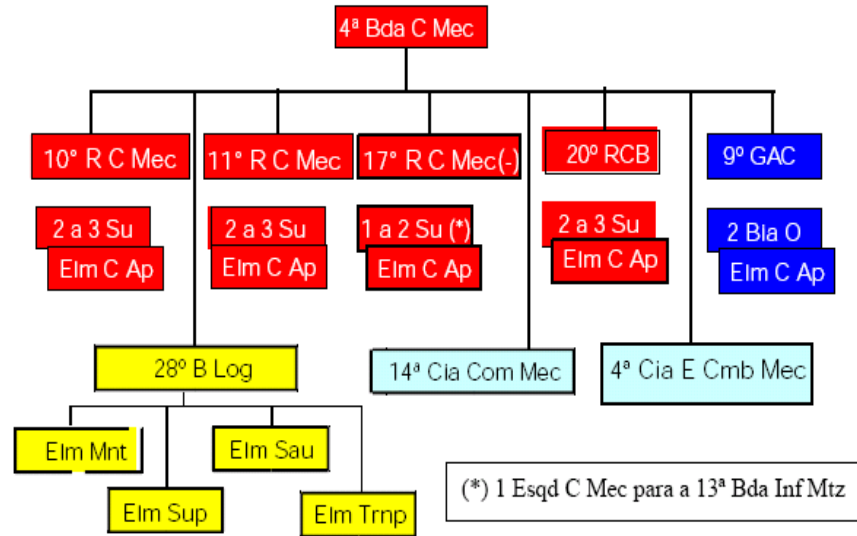
No que tange à preparação, o CMO priorizava missões de combate e tarefas a serem desenvolvidas ao longo do ano. Citando como exemplo a 4ª Bda C Mec, o C Mil A definia missões de segurança e reconhecimento, as quais deveriam ser treinadas nos exercícios de adestramento da brigada (BRASIL, 2007b).

Os módulos da FORPAN, assim como a FORSUL, eram variáveis e contemplavam os elementos de combate, apoio ao combate e logístico. Tudo isso visando a garantir a autonomia e sustentabilidade da força quando empregada. Porém, não havia metas logísticas específicas (BRASIL, 2007b).

No caso específico do CMO, todas as brigadas deveriam compor FORPAN (BRASIL, 2007b, 2019g). A título de exemplo serão abordadas as constituições da FORPAN/4ª Bda C Mec para ambas as hipóteses de emprego.

No caso de emprego com o ciclo de adestramento completo, em que pese as restrições de pessoal e material, as unidades deveriam ser empregadas com a composição próxima do completo. Assim, considerava-se o emprego de 02 (duas) ou 03 (três) SU por OM, admitindo-se SU com 02 (dois) pelotões (BRASIL, 2007b; 2007c).

FIGURA 12 - FORPAN/ 4ª Bda C Mec – Hip ciclo de Adst completo - 2010

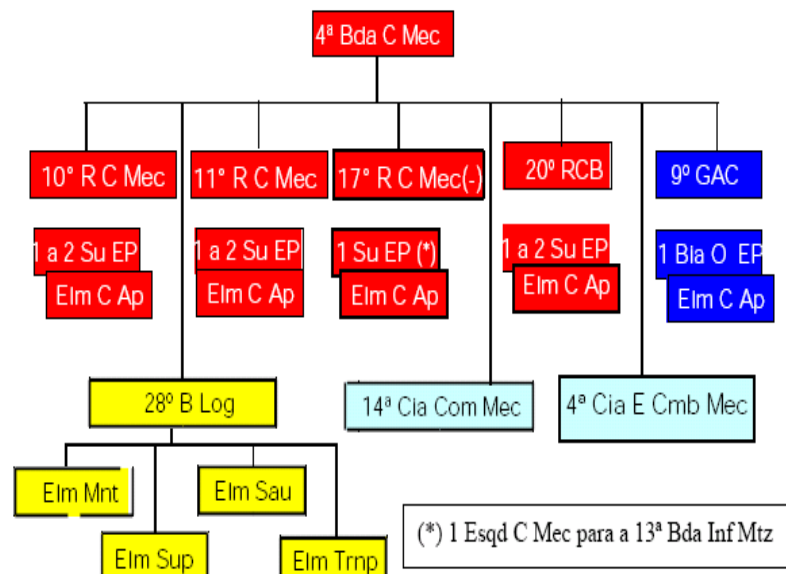


Quadro 2: Organograma da 4ª Bda C Mec – Hip A

Fonte: Brasil (2007c)

No caso de emprego com o ciclo de adestramento incompleto, o poder de combate era degradado, devido à obrigatoriedade de efetivo EP. Organizava-se uma estrutura composta de 01 (duas) ou 02 (duas) SU por OM. No entendimento do CMO, era preferível 02 (duas) SU com 02 (dois) pelotões a 01 (SU) completa, haja vista aproveitar a liderança de um número maior de oficiais e sargentos (BRASIL, 2007b; 2007c).

FIGURA 13 - FORPAN/ 4ª Bda C Mec – Hip ciclo de Adst incompleto - 2010



Fonte: Brasil 2007c

Nesse contexto, as OM da 4ª Bda C Mec deveriam manter-se em condições de emprego, independente da hipótese, ao longo de todo o ano, devido ao fato de a brigada estar debruçada na fronteira oeste do Brasil. Em caso de crise ou conflito, o que definiria o emprego ou não de soldados EV seria a conclusão do adestramento básico. O mesmo período delimitaria o valor da tropa a ser empregada (BRASIL, 2007b; 2007c).

Assim, considerando a organização da F Ter em Grupos de Emprego, durante o período de 2010 a 2019, no âmbito dos C Mil A, foram estabelecidas tropas com a vocação de pronta resposta. Os modelos de forças de prontidão adotados, no período, pelo CMO, a partir de 2010, e pelo CMS, em 2019, eram coordenadas por esses C Mil A e incluíam a organização e preparação de tropas que compunham as FAR Estrt e F Seg Estrt e, na sequência, as F Emp Estrt. Com isso, não foi possível identificar diferenças relevantes em relação à seleção e preparação das tropas das FAR Estrt e da FORSUL ou FORPAN.

Dessa feita, para fins de comparação com as atuais FORPRON, foram levadas em consideração as características da relação do COTER com as FAR Estrt, adicionando a dinâmica e os parâmetros de preparação das forças de pronta-resposta dos C Mil A, em particular do CMS e do CMO.

3.2 COMPARAÇÃO DOS MODELOS DE FORÇAS DE PRONTIDÃO

3.2.1 Doutrina

Deduz-se que a preparação das FAR Estrt e das forças de pronta respostas dos C Mil A eram voltadas para situação de guerra convencional, uma vez que os objetivos eram definidos pelo COTER. Porém as forças se valiam da doutrina em vigor para desencadear as instruções (BRASIL, 2007a; 2007b; 2009; 2010a; 2018a; 2019g). Tal fato mostrou-se semelhante à FORPRON, a qual não recriou doutrina, mas sim se valeu do arcabouço doutrinário para sua preparação. Entretanto, o modelo FORPRON apresentou relatórios objetivos sobre necessidades e oportunidades de melhoria para a doutrina militar, possibilitando experimentações doutrinárias, fruto da certificação de tropas, conforme observado pelos militares entrevistados²⁶.

²⁶ Entrevistas com membros do COTER, em 30 de junho de 2021 e 19 de julho de 2021.

Nesse sentido, cabe salientar os dados levantados em entrevistas sobre as oportunidades de melhoria doutrinárias, auferidas com o processo de preparo e certificação das FORPRON. No caso da 15ª Bda Inf Mec, o COTER levantou a necessidade de reavaliar os elementos de combate dessa GU, passando de um esquadrão de cavalaria mecanizado para um regimento²⁷. Já a 4ª Bda C Mec identificou a possibilidade de turmas de caçadores junto aos RC Mec²⁸.

Ainda é possível observar que as FAR Estrt e demais forças de pronta resposta tinham seu emprego norteado pelas HE do EB, incluindo o balizamento da preparação das tropas (BRASIL, 2007a; 2007b; 2018a; 2019g). A mesma dinâmica é aplicada à FORPRON. No entanto, haja vista o ineditismo do modelo e o relatado por representantes do COTER, ainda existem pendências sobre o emprego dessas forças no contexto das HE e junto às missões previstas das brigadas originárias das tropas da FORPRON²⁹, identificando uma possível sobreposição de missões junto aos PEECFA.

Ademais, constatou-se que as FAR Estrt e as forças dos C Mil A não possuíam doutrina específica de emprego e, de fato, obedeciam às concepções de emprego do EB (BRASIL, 2009; 2010a; 2011b; 2016b). De forma semelhante, as FORPRON não possuem doutrina própria, mas sim são organizadas para garantir a atuação da F Ter conforme a concepção de emprego³⁰, em particular no escalonamento da resposta a uma crise ou conflito³¹ (BRASIL, 2019d).

Dessa feita, comparado aos modelos anteriores, é possível supor que a FORPRON trouxe vantagens no tocante a oportunidade de levantar os pontos de fricção e de melhoria na doutrina militar em vigor.

3.2.2 Organização e processos

Notou-se que a organização das FAR Estrt era complementada pelas forças dos C Mil A, como as FORSUL e FORPAN, as quais eram de valor brigada. Ambas as estruturas eram variáveis, porém baseadas na composição de uma brigada, incluídos

²⁷ Entrevistas com membros do COTER, em 30 de junho de 2021.

²⁸ Questionário aplicado ao E3 da 4ª Bda C Mec.

²⁹ Entrevista com membros do COTER, em 30 de junho de 2021 e 19 de julho de 2021.

³⁰ Entrevista com membros do COTER, em 30 de junho de 2021 e 19 de julho de 2021.

³¹ Escalonamento da resposta em resposta imediata, atuação ampliada e esforço total (BRASIL, 2019d).

os apoios ao combate e logístico (BRASIL 2007a; 2007b; 2018a; 2019g). Já as FORPRON ainda não estão enquadradas como uma brigada. O que existe é uma tropa valor unidade para cada brigada, designada pelo SISPRON (BRASIL, 2020p). Entretanto, há o planejamento para que as FORPRON sejam organizadas em 02 (duas) brigadas e comando de DE até 2023³².

No âmbito dos C Mil A, verificou-se que as forças de pronta resposta eram compostas por frações de diversas unidades das respectivas brigadas. Tal assertiva pode ser observada, em particular, no modelo FORSUL com a designação de SU das diversas OM das brigadas do C Mil A (BRASIL, 2018a; 2019g). A sistemática é semelhante ao modelo FORPRON, a qual se vale de SU das diversas OM das brigadas, como verificado nas situações das FORPRON/15º Bda Inf Mec, FORPRON/5ª Bda C Bld e FORPRON/4ª Bda C Mec (BRASIL, 2020j; 2020k; 2020l, 2020m).

Identificou-se que a seleção das FAR Estrt e FAE refletiam o próprio escalonamento dos grupos de emprego da F Ter a época. Adicionalmente, havia as diversas forças com o viés de pronta resposta dos C Mil A, a exemplo da FORSUL e FORPAN, com brigadas que não compunham FAR Estrt. Já as FORPRON são organizadas de acordo com as diretrizes do EB, por intermédio do COTER, sendo uma designação centralizada e distinta dos Grupos de Emprego, em que pese a prioridade de seleção junto às F Emp Estrt (BRASIL, 2019d; 2019h; 2020p).

Com isso, observa-se que a FORPRON não trouxe mudanças ou vantagens relevantes na organização das forças, haja vista que a estrutura das forças seguiu modelos pré-existentes, valendo-se de frações das diversas OM das brigadas.

Referente aos processos de seleção, preparo e emprego de tropas, observa-se que as FAE possuíam um vínculo de preparo com o COTER. Entretanto, as forças vocacionadas para pronta resposta eram de responsabilidade dos C Mil A (BRASIL, 2007a; 2007b; 2016b; 2018a; 2019g). De modo distinto, no modelo FORPRON, o COTER busca assumir a função de órgão central do sistema, coordenando as ações com os demais ODS e os C Mil A. Assim, as FORPRON possuem um vínculo de preparo e emprego com o COTER, com o acionamento de tropas normatizado em portaria do comandante do EB (BRASIL, 2019i; 2020p; 2021c).

³² Entrevistas com membro do COTER, em 30 de junho de 2021.

No tocante ao procedimento de avaliação do adestramento das tropas, constatou-se que o COTER definia, prioritariamente, a avaliação das tropas das FAR Estrt pelo CAAdEX e, oportunamente, as tropas dos C Mil A vocacionadas para pronta resposta. Nesse contexto, cabia aos respectivos C Mil A avaliarem suas tropas, responsabilidade compartilhada com as brigadas e divisões enquadrantes. Assim, não se identificou um procedimento padronizado, tampouco processos de certificação de tropas (BRASIL, 2011b; 2013; 2016b). De maneira distinta, as FORPRON são avaliadas e certificadas com o apoio dos CA³³, por meio dos recursos do SSEB (BRASIL, 2019i; 2020p).

Com isso, os procedimentos de seleção e preparação de tropas da FORPRON possuem vantagens quando comparada a modelos progresso, principalmente, pela normatização de ações e envolvimento do ODOp no contexto do SISOMT.

Outro aspecto sobre os modelos anteriores é a ideia e cultura de que todas as unidades deveriam estar em condições de pronto emprego. Percepção auferida a partir das diretrizes já descritas nos PIM, definindo a concentração de EP e sua disponibilidade ao longo do ano (BRASIL, 2011b; 2013; 2016b). Já a FORPRON enseja uma mudança de cultura, valendo-se de prioridades e racionalização de recursos. Assim, a nova modelagem visa a mudar a ideia de divisão igualitária, por uma proporcional e prioritária, de acordo com a visualização e probabilidade de ser empregada pelo EB, seguindo o previsto nos diversos PEECFA³⁴.

3.2.3 Adestramento

Verificou-se que as FAR Estrt e FAE deveriam realizar um ciclo de preparação completa anualmente. O mesmo não se refletia nas forças dos C Mil A, cujo ciclo de preparação orgânica era bianual. No caso do CMS, eram necessárias o adestramento de 02 (duas) FORSUL CHARLIE, em rodízio, para possibilitar, anualmente, tropas com preparação completa (BRASIL, 2008; 2009; 2010a; 2011a; 2011b; 2018a; 2019g). Da mesma forma, a quantificação³⁵ de tropas adestradas na F Ter não era, objetivamente, normatizada. De modo distinto, a FORPRON obedece a um ciclo anual

³³ Questionário aplicado a membro do CA-Sul.

³⁴ Entrevistas com membros do COTER, em 30 de junho de 2021 e 19 de julho de 2021.

³⁵ Entrevista membro do COTER em 19 de julho de 2021.

de preparação completa, executado de maneira continuada ao longo de todo o ano, visando a garantir tropas adestradas nas brigadas do SISPRON, inicialmente dimensionadas para seis U/FORPRON para a F Ter (BRASIL, 2020p).

No mesmo sentido, observa-se que o COTER priorizava os ciclos de preparação completa, de acordo com os grupos de emprego da F Ter, afetando, conseqüentemente, as FAR Estrt e os C Mil A. As FORPRON seguem o mesmo princípio de priorização da preparação de tropas.

Percebeu-se que o COTER definia as missões de combate das FAR Estrt para os C Mil A, de acordo com as vocações prioritárias e as Hipóteses de Emprego. Anualmente, tais diretrizes eram estabelecidas por intermédio dos PIM (BRASIL, 2008; 2009; 2010a, 2011b; 2013; 2015a). De modo semelhante, o adestramento das FORPRON também é direcionado para o emprego convencional da tropa, de acordo com as HE previstas para as respectivas brigadas do SISPRON³⁶ (BRASIL, 2019i; 2020p).

Os militares das FAR Estrt e as demais OM operacionais da F Ter executavam, respectivamente, o EB – CFAR-R e o exercício de pronta resposta. O objetivo era garantir os níveis de adestramento das tropas formadas por efetivos de EP ao longo do ano, mantendo efetivos em condições de emprego nos diversos C Mil A, como exemplo as FORSUL e FORPAN (BRASIL, 2011a, 2011b, 2014a; 2016b). De maneira sistêmica e coordenada, as FORPRON realizam um ciclo de prontidão diferenciado, culminando com a 2ª fase, um exercício de avaliação e certificação com larga utilização dos meios do SSEB, e a 3ª fase com manutenção de padrões (BRASIL, 2019i; 2020p).

Dessa feita, a principal vantagem do modelo FORPRON é a sistematização e priorização em toda a F Ter de tropas com o nível de preparação completa de adestramento, possibilitando o emprego em situações de contingência.

Em que pese a prioridade dada às FAR Estrt pelo COTER para a avaliação, o processo não era sistematizado. A responsabilidade da avaliação era dos C Mil A, não dispondo de maneira normatizada de todos os recursos do SSEB e dos CA. Observou-se, da análise dos PIM, que algumas OM eram contempladas com exercício de simulação virtual e construtiva, como o Exercício de Adestramento com Simuladores

³⁶Entrevistas com membros do COTER, em 30 de junho de 2021.

Virtuais, porém não ocorria de forma continuada com as mesmas tropas, nos sucessivos anos (BRASIL, 2011b; 2013; 2016b).

No que tange à certificação, não foi observado um modelo de certificação aplicada às FAR Estrt, tampouco às FORSUL e FORPAN. De maneira diferente, as FORPRON realizam tanto a avaliação e a certificação com o apoio de OCA, valendo-se da simulação construtiva, virtual e viva, agregando resultados objetivos³⁷ do desempenho da tropa e seu nível de instrução (BRASIL 2019i).

Com isso, constitui-se em vantagem das FORPRON a sistematização da avaliação de tropas e a certificação do adestramento, propriamente dita, agregando resultados objetivos do treinamento das tropas, possibilitando levantar oportunidades de melhoria na preparação dos sucessivos ciclos.

3.2.4 Material

As FAR Estrt e FAE eram prioritárias para a distribuição de material. Em termos percentuais, o nível de recompletamento do QDM desse grupo de emprego deveria ser mantido em 90% (BRASIL, 2017b).

Ademais, no período que antecedeu ao SISPRON, havia diretrizes do COTER para a priorização de recursos, de acordo com os grupos de emprego, privilegiando a preparação das FAR Estrt. Tais processos se valiam de recursos específicos, apoio do CAAdEx, emprego de simuladores e participação em operações combinadas³⁸ ou conjuntas³⁹ (BRASIL, 2010a; 2011b, 2016b). No âmbito dos C Mil A, como o CMS e CMO, também eram definidas prioridade de recursos e remanejamentos de material para as FORSUL e FORPAN. Entretanto, não foi observada a participação de outros ODS e a efetividade da parte do COTER⁴⁰ (BRASIL, 2007a; 2007b; 2018a; 2019g).

A FORPRON segue a mesma sistemática de priorização. Porém, o advento da Prontidão Logística, baseado na Diretriz de Custeio Logístico do COLOG, definindo as necessidades do Plano de Trabalho Logístico e o cálculo do custeio logístico das

³⁷ Entrevistas com membros do COTER, em 30 de junho de 2021 e 19 de julho de 2021. Além de questionários aplicados a participantes do 1º ciclo de prontidão da FORPRON e o CA-Sul.

³⁸ Operações com o emprego relevantes de meios de forças multinacionais, atuando sob um comando único (BRASIL, 2017d).

³⁹ Operações com o emprego relevantes de meios de outra força singular, atuando sob um comando único (BRASIL, 2017d).

⁴⁰ Entrevistas com membros do COTER, em 30 de junho de 2021.

operações, pressupondo o envolvimento de mais de um ODS, são indicadores da integração desses órgãos em prol da prontidão da F Ter. Tal percepção foi reforçada por representantes do COTER⁴¹ e agregou melhores resultados para a FORPRON. Assim, a priorização de recursos baseada na sinergia de esforços do ODOP e dos ODS é uma vantagem da FORPRON, comparando-se aos modelos anteriores estudados (BRASIL, 2018e; 2019i; 2020q).

3.2.5 Educação

O COTER, por meio do SIMEB, previa o EB-CFAR-R para capacitação dos militares que compunham as FAR Estrt. Além disso, o ODOP priorizava os pertencentes dessas tropas para estágios, como o Estágio de Comando e Controle (BRASIL, 2010a; 2011a; 2011b). Assim, pode-se observar iniciativas visando a priorizar a capacitação individual dos militares dos grupos de emprego com viés de pronta resposta.

No tocante à FORPRON, não foram observadas as mesmas iniciativas. Em que pese, a organização e condução do adestramento em ciclos de prontidão, não se identificaram estágios específicos para pessoal. Dessa forma, a capacitação individual pode ser um aprimoramento para o sistema.

3.2.6 Pessoal

As FAR Estrt também pertenciam ao grupo prioritário número 01 (um) para recompletamento de pessoal. De 2010 a 2019, a 5ª Bda C Bld era 1ª prioridade, enquanto a 4ª Bda C Mec possuía OM na 2ª e 3ª prioridades. Observa-se que havia diretrizes para manter a capacidade em pessoal das tropas com responsabilidades de pronta resposta (BRASIL, 2017e).

A FORPRON segue o mesmo parâmetro, aprimorando o envolvimento do ODOP e outros ODS, visando redistribuição de pessoal às tropas selecionadas. Tal envolvimento dos órgãos de direção do EB agrega mais vantagens ao modelo atual do SISPRON.

⁴¹ Entrevistas com membros do COTER, em 30 de junho de 2021.

As forças com vocação de pronta resposta dos C Mil A eram compostas, prioritariamente, por soldados do EP. Havia diretrizes do COTER para que fossem mantidas, em todas as OM, uma tropa valor EP em condições de pronto emprego, o que incluía as FAR Estrt e as FORSUL ou FORPAN (BRASIL, 2007a; 2007b; 2008; 2016b; 2018a; 2019g). Observa-se, também, que a falta de pessoal flexibilizava a organização das tropas. No caso da FORPAN, adotavam-se modelos distintos ao longo do ano. Já para a FORSUL, estabelecia-se rodízio de brigadas (CMS e CMO).

No tocante a FORPRON, também há a exigência de soldados do EP, mantidos em prontidão por 8 meses, após 4 meses de preparação, totalizando 1 ano, obedecendo um ciclo contínuo de prontidão dentro da brigada e entre as FORPRON (BRASIL, 2020p). A premissa para a solução da falta de soldados EP é que as OM das Brigadas FORPRON, após sucessivos ciclos de prontidão, seriam compostas por soldados EP que participaram de mais de um ciclo de prontidão, conseqüentemente submetidos a mais de uma fase de preparação e certificação. Dessa forma, para completar os cargos das FORPRON, não necessitaria flexibilizar o emprego de soldado EP, mas sim a obrigatoriedade de que participem de todas as fases de preparação. Neste raciocínio, haveria soldados, que ao longo de seu tempo de serviço militar, completariam vários ciclos de prontidão, o que, no entendimento do COTER, poderia desenvolver a ideia de um “soldado FORPRON”⁴² (BRASIL, 2019j; 2020p).

Do exposto, em nenhum dos modelos estudados havia soluções efetivas para a questão dos efetivos de soldados e cabos, não sendo possível identificar mudanças relevantes.

Não foram observadas políticas específicas de pessoal para as FAR Estrt ou para as forças dos C Mil. Era regulada a necessidade de manter efetivos de soldados EP nas OM, mas não parâmetros ou diretrizes restritivos de afastamento ou movimentação de oficiais ou praças (BRASIL, 2007a; 2007b; 2018b; 2019g). Diferentemente, a FORPRON estabeleceu restrições de afastamento de pessoal. Assim, uma vez selecionado, o militar deveria cumprir os 12 meses do ciclo de prontidão (BRASIL, 2019i; 2020j; 2020k; 2020o; 2020p). Em que pesem os problemas de gestão de pessoal decorrentes do modelo SISPRON, tal restrição é uma vantagem para o nível de prontidão da F Ter.

⁴² Entrevistas com membros do COTER, em 30 de junho de 2021 e 19 de julho de 2021.

3.2.6 Infraestrutura

Identificaram-se diretrizes do COTER no sentido de priorizar a infraestrutura de simulação do EB para o adestramento de tropas da FAR Estrt e FAE. No âmbito dos C Mil A, particularmente CMS, também eram selecionadas tropas de acordo com a sua seleção para a FORSUL (BRASIL, 2011b; 2013; 2018a; 2019g). No modelo da FORPRON foi intensificada essa tendência. O COTER estabeleceu calendário prioritário para a avaliação e certificação de tropas, valendo-se da infraestrutura do SSEB para efetivar a 2ª fase do ciclo de prontidão das FORPRON (BRASIL, 2020p; 2020q). A racionalização da infraestrutura de simulação do EB constitui-se de vantagem do modelo FORPRON.

4. COMPARAÇÃO DA FORPRON COM MODELOS INTERNACIONAIS

4.1 AS FORÇAS DE PRONTIDÃO DOS EUA

Os Estados Unidos da América (EUA) possuem um exército com larga experiência e capacidades. A estrutura do exército do EUA (*US Army*, sigla em inglês) reflete as dimensões do país, sendo as organizações militares agrupadas em Unidades Operacionais (*Operating Force*, em inglês) e Unidades de Geração de Força (*Generating Force*, em inglês). O primeiro grupo é composto por unidades de combate, apoio ao combate e administrativas. Já o último são unidades capazes de gerar capacidades necessárias às operações como: pesquisas, recrutamento e ensino (FREITAS, 2021).

O *US Army Forces Command* (*FORSCOM*, sigla em inglês) é a denominação dada ao comando do exército estadunidense. No tocante aos escalões da *Operating Force* existem 03 (três) corpos de exército, 10 (dez) divisões ativas e 01 (uma)divisão no componente da reserva. Essa estrutura é mobiliada por módulos equivalentes a brigada, os *Brigade Combat Team* (*BCT*, sigla em inglês), que podem ser de 03 (três) tipos: *Infantry Brigade Combat Team* (*IBCT*, sigla em inglês), de infantaria leve; *Stryker Brigade Combat Team* (*SBCT*, sigla em inglês), equivalente a tropas mecanizadas, e *Armored Brigade Combat Team* (*ABCT*, sigla em inglês), referente as brigadas blindadas (EUA, 2017a; 2017b; 2017c; FREITAS, 2021).

Os EUA possuem 03 (três) operações de força militar: a Geração de Força, a Projeção de Força e o Emprego de Força. A Geração de Força é como o *US Army* desenvolve e mantém forças de prontidão e de resposta, visando ao emprego em campanhas militares, no seu território ou no exterior, de acordo com objetivos militares e de interesse nacional. Dessa forma, configura-se como o processo central do *US Army* (EUA, 2019).

Segundo EUA (2019) a Geração de Força é um processo composto por alguns elementos fundamentais, sendo esses: força (estrutura militar autorizada), requisitos, (capacidades desejadas), recursos (meios e fontes financeiras), demanda (podem ser conhecidas, emergenciais ou de contingência), os riscos (identificados para a missão ou para força) e tempo (disponível para o desenvolvimento de todo o processo de Geração de Força).

Outro elemento fundamental para a Geração de Força é a prontidão. Em termos de níveis de preparo, o *US Army* entende que a prontidão valida a geração de força, quando as unidades e as capacidades militares não estão sendo empregadas em operações. Podem ser divididas em 02 (duas) categorias: para missão ou de resposta. Prontidão para missão é o nível estabelecido pelo *US Army* que deve ser alcançado pelas tropas ao longo do treinamento. Já a Prontidão de Resposta é o nível de treinamento, em termos de tempo e recursos, para uma tropa estar em condições de ser desdobrada como Projeção de Força (EUA, 2019).

Ainda em EUA (2019), descreve-se o desenvolvimento do processo de Geração de Força em 04 (quatro) fases, ao longo de aproximadamente 05 (cinco) anos:

- Fase I – Desenvolvimento do programa de prontidão da Força do Futuro: estabelece o conceito e as demandas do processo de geração de força, estabelecendo as capacidades necessárias à prontidão para missões e de resposta. São identificados os requisitos e recursos necessários, além de determinar um cronograma em termos de anos fiscais.

- Fase II – Orçar o programa de Forças de Prontidão: visa a estabelecer o orçamento necessário e submetê-lo ao Departamento de Defesa, Presidente e Congresso. Essa fase é baseada no *Sustainable Readiness Process (SRP)*, sigla em inglês), o qual também subsidia a fase III.

- Fase III – Preparar e executar as Forças de Prontidão atuais: o programa de treinamento é executado, visando a preparar as forças de acordo com os requisitos levantados, provendo forças de prontidão e de resposta. Desenvolvida ao longo de 12 a 24 meses.

- Fase IV – avaliar e reajustar o programa da Força de Prontidão anterior–avaliar o processo realizado, visando a evoluir o programa da próxima Força de Prontidão do futuro, que ingressará na fase I.

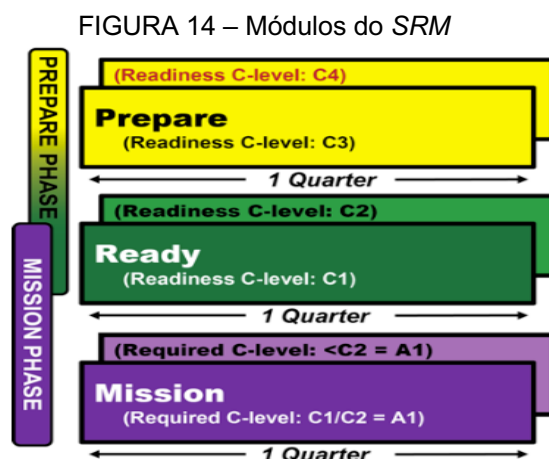
Destaca-se, entre as fases da Geração de Força, o *SRP*, método que integra processos, modelos e módulos para maximizar as oportunidades, visando a desenvolver e manter a prontidão. O processo é dividido em 4 (quatro) fases: plano de objetivos de prontidão, estabelecimento dos objetivos de prontidão, avaliação dos objetivos de prontidão e a avaliação da prontidão alcançada. O *SRP* permeia as fases II e III da Geração de Força (EUA, 2019).

Os produtos das fases do *SRP* permitem ao *US Army* sincronizar e priorizar a prontidão de suas unidades. Essa coordenação das ações é representada em uma matriz que indica os níveis e os módulos de prontidão das unidades, alocados em um determinado período. Esse planejamento é definido por *Sustainable Readiness Model* (*SRM*, sigla em inglês) (EUA, 2019).

O *US Army* planeja e descreve o *SRM* em termos de letras código. O nível-C é o padrão básico das unidades, definindo os diferentes níveis de preparação que devem ser atingidos, geralmente em termos de trimestre. Já o nível-A ou nível-P são designados, respectivamente, às tropas selecionadas para alguma missão ou preparadas para o desdobramento (EUA, 2019).

Por meio dos níveis de prontidão, o *SRM* direciona a seleção dos *Mission Essential Task List* (*METL*, sigla em inglês). As *METL* são as tarefas essenciais, definidas pelo *FORSCOM*, que devem ser desenvolvidas nos diversos tipos e escalões de tropas do *US Army*, direcionando o treinamento e alinhando-o com o nível de prontidão esperado (EUA, 2019; FREITAS, 2021).

Além disso, o *SRM* integra os módulos de prontidão, que designa os níveis de prontidão das unidades selecionadas para as operações, de acordo com o trimestre, facilitando a alocação de recursos e as atividades das unidades. Os módulos são definidos graficamente em termos de cores: preparação (*prepare*, em inglês), na cor amarelo; pronto (*ready*, em inglês), cor verde, e missão (*mission*, em inglês), cor roxo. O primeiro módulo engloba a recuperação, transição e preparação de tropas. Já o módulo verde é estabelecido pelas tropas em condições de emprego e o roxo as alocadas em missões (EUA, 2019).



Fonte: EUA (2019).

Dessa forma, o *US Army* desenvolve um complexo processo de Geração de Força, a partir da organização do treinamento de unidades em termos de requisitos, demandas, objetivos, níveis e módulos de prontidão, priorizando esforço e recursos para obter tropas em condições de executarem missões diversas. Incluídas nesse conjunto e selecionadas no módulo roxo (missão), como força de prontidão de resposta, estão as *Global Response Forces (GRF)*, sigla em inglês). Tropas que devem estar em condições de serem desdobradas em qualquer parte do globo, a fim de enfrentarem crises emergenciais ou de contingência, em um curto espaço de tempo, ensejando alto grau de prontidão (PERNIN, 2016; EUA, 2019).

No tocante ao treinamento, o método do *US Army* segue um grau crescente de dificuldade de tarefas, denominado *crawn-walk-run method*, que consiste em atividades sequenciais desde objetivos individuais até estruturas complexas, como as divisões. As *METL* orientam todo o processo de instrução, influenciando a seleção das tarefas individuais, *Military Occupational Specialty (MOS)*, em inglês); o treinamento básico de combate, *Warrior Tasks*, e a qualificação individual de armamento (EUA, 2021; FREITAS, 2021).

Da mesma forma o adestramento segue um grau gradativo de realismo, visando a preparação das tropas e o atendimento às *METL*, de acordo com o nível de prontidão selecionado. Para tanto vale-se de uma gama de exercícios de treinamento descritos em EUA (2021) como:

- *Map Exercise (MAPEX)*, sigla em inglês) – exercício em carta, modelos de terreno ou simuladores.

- *Tactical Exercise Without Troops (TEWT)*, sigla em inglês) – exercícios táticos sem tropas, realizado em posições no terreno para explorar situações e missões específicas.

- *Fire Coordination Exercise (FCX)*, sigla em inglês) - exercício de Coordenação de Fogo, visando a proficiência no emprego dos diversos sistemas de armas.

- *Command Post Exercise (CPX)*, sigla em inglês) – exercício de posto de comando, explorando a capacidade de comando e controle (C²).

- *Logistical Coordination Exercise (LCX)*, sigla em inglês) – exercício de coordenação logística.

- *Situational Training Exercise (STX)*, sigla em inglês) – exercícios de estrutura variável, porém diretamente relacionados com o *METL* selecionado para a tropa,

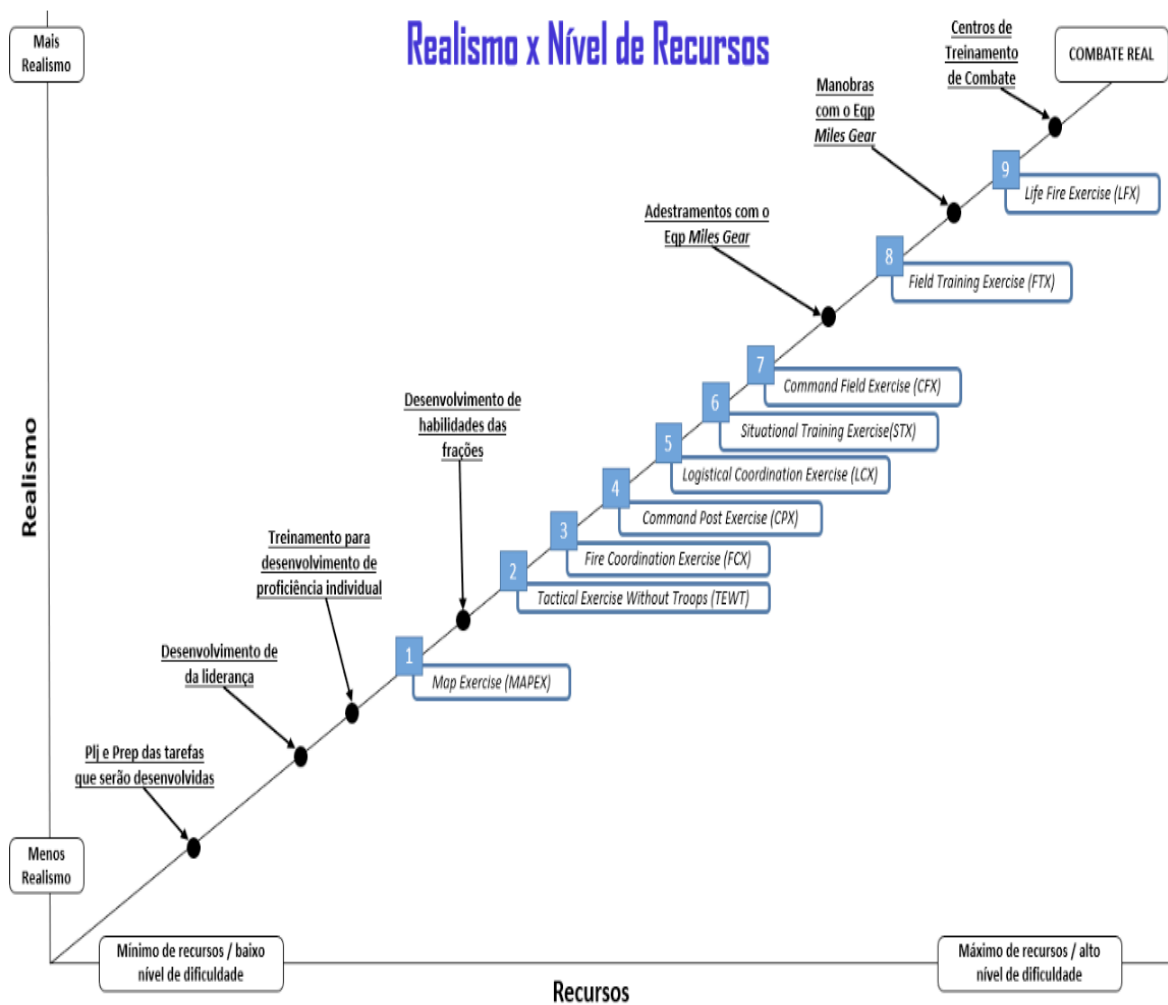
podem ser direcionados ao treinamento individual, coletivo ou de líderes. O objetivo é a padronização de procedimentos e aplicação doutrinária.

- *Field Training Exercise (FTX, sigla em inglês)* – exercício de média e larga escala realizado em terreno, integrando todas as funções de combate, representando o aumento da complexidade do treinamento.

- *Life Fire Exercise (LFX, sigla em inglês)* – exercício de maior realismo, valendo-se inclusive do uso de munição real.

- *Command Field Exercise (CFX, sigla em inglês)* – exercício de EM, que explora o C², assim como a integração com outras funções de combate e atividades, tais como inteligência, apoio de fogo, logística etc. (FREITAS, 2021).

FIGURA 15 – Progressão do adestramento, *crawl-walk-run method*



Fonte: Freitas (2021).

Dessa feita, observa-se que o *US Army* valoriza um rol de exercícios de gradativa complexidade para aprimorar o adestramento nos mais diversos níveis. Destaca-se os treinamentos que integram as diversas funções de combate.

A fim de dar suporte aos treinamentos e aos exercícios das tropas, o *US Army* vale-se de uma infraestrutura em centros de treinamento. Os conhecidos Centros de Treinamento de Combate, *Combat Training Center (CTC)*, siglas em inglês), que possibilitam todo o suporte em simuladores e campos de instrução para as tropas. Freitas (2021) descreve a referida infraestrutura como:

- *Joint Readiness Training Center (JRTC)*, sigla em inglês) – Um dos principais CTC, localizados em *Fort Polk*, Louisiana, responsável pelo treinamento das IBCT.

- *National Training Center (NTC)* – Localizada no *Fort Irwin*, no Condado de San Bernadino, California. CTC voltado para o treinamento em um ambiente conjunto, interagências ou combinado, normalmente é vocacionado para as *ABCT* e *SBCT*.

- *Joint Multinacional Readiness Center (JMRC)* – CTC localizado fora do território dos EUA, sediada na Área de Treinamento de Hohenfels, na Bavaria. O centro oferece larga gama de opções de treinamento para EM e forças multinacionais.

Dessa forma, o *US Army* se vale de uma robusta infraestrutura para apoiar o treinamento e viabilizar o *SRM*. A geração de força e o atingimento de prontidão é planejado em um processo complexo ao longo de 5 (cinco) anos, variando desde a priorização de capacidades, planos, orçamentos, recursos, preparação em si e avaliação de resultados. A preparação das tropas em si, varia de 12 a 24 meses. No caso das *GRF* podem ser realizadas em 12 meses, dada a prioridade do emprego dessas tropas (EUA, 2019; FREITAS, 2021).

A *3rd Brigade Combat Team (3BCT)* da *82nd Airborne Division* compõe o núcleo da *GRF*, devendo estar pronto para serem desdobradas em 18 horas, em qualquer parte do globo. Para identificar o modelo de prontidão do *US Army*, será apresentada a rotação dessa tropa, finalizada em 2021 (PERNIN, 2016; FREITAS, 2021).

A preparação do *3BCT* transcorreu em 28 semanas, sendo 19 semanas destinadas a preparação, adestramento e execução da rotação no *JRTC 21-04*. A gradação do treinamento foi dimensionada em 03 (três) semanas para os níveis individual e pequenas frações e 02 (duas) semanas para o nível companhia, realizando os exercícios *FTX* e *LFX*, nível SU. Na sequência, foi executada 01(uma)

semana de exercícios de líderes e EM, seguida de 02 (duas) semanas do treinamento nível batalhão, realizando o *FTX* e o *LFX*, para armas combinadas (FREITAS, 2021).

A continuação do treinamento foi o exercício nível brigada, no caso da *3BCT*, a *Operation Panther Storm*. A atividade transcorreu em 05 (cinco) semanas, sendo as 02 (duas) iniciais pautadas na preparação do exercício e as 03 (três) subsequentes na execução, propriamente dita. As próximas 05 (cinco) semanas foram voltadas a preparação das unidades para a rotação no *JRTC 21-04* (FREITAS, 2021).

Uma vez na rotação *JRTC 21-04*, a *3BCT* foi avaliada e certificada para compor a *GRF*. O exercício transcorreu em 02 (duas) semanas, à semelhança dos treinamentos em simulação viva, com o emprego de *OCA* e equipamentos de simulação de engajamento. Ao final da rotação, foi realizado o *LFX*, visando à validação do adestramento da tropa, inclusive com a utilização de munição real, encerrando a certificação da *BCT*. Destaca-se que, anualmente, as *BCT* da *82nd Airborne Division* realizam as rotações no *JRTC 21-04* (FREITAS, 2021).

Com isso, contextualiza-se o método utilizado pelo *US Army* de treinamento e certificação das tropas, objetivando unidades com alto grau de pronta-resposta. O modelo de Geração de Força e o *SRM* representam um processo sequencial, integrado e contínuo, priorizando recursos e infraestruturas existente, ao longo de um período variável, porém delimitado.

4.2 AS FORÇAS DE PRONTIDÃO DO CANADÁ

O Exército Canadense [CA] é um instrumento fundamental ao apoio às necessidades de defesa do país, aumentando a segurança e a proteção dos canadenses, fortalecendo a política externa e assegurando os objetivos de segurança nacional. Tais compromissos exigem do CA a capacidade de operar em seu território e, junto a seus aliados, como um parceiro forte e confiável na defesa da América do Norte. (LEÃO, 2021, p.67)

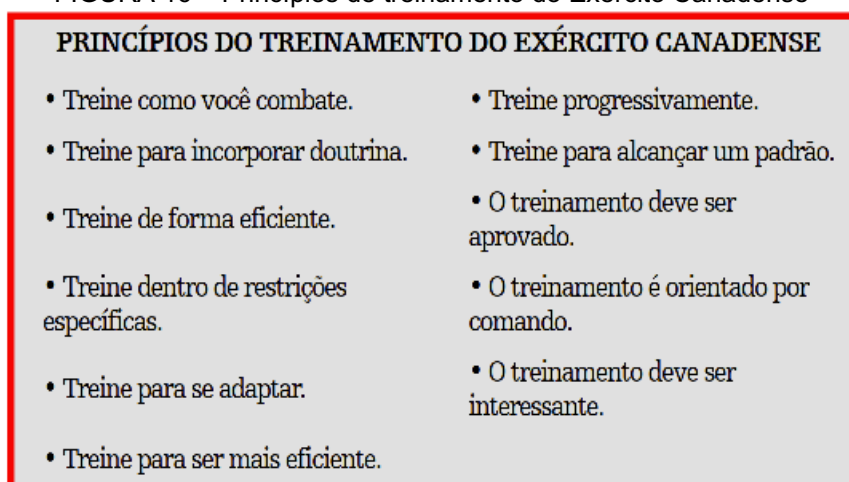
A fim de cumprir essa destinação, o Exército Canadense (CA, sigla em inglês) estrutura-se em Força Regular e em Força de Reserva. A primeira é composta por efetivos profissionais e designados para missões internacionais e demandas de maior vulto na defesa do território do Canadá. A Força regular é composta por 04 (quatro) divisões: 2ª, 3ª, 4ª e 5ª divisões. Cada uma delas se organiza em *Combat Mechanized Brigade Group* (CMBG, sigla em inglês), estrutura de combate mecanizada que contempla 02 (dois) batalhões de Infantaria mecanizados, 01 (um) batalhão de

infantaria leve, 01 (um) regimento de cavalaria, 01 (um) regimento de artilharia, 01 (um) regimento de engenharia e 01 (um) esquadrão de reconhecimento, além de outros serviços de apoio ao combate. Essas forças são distribuídas no território canadense e são os responsáveis pela geração de força do exército (LEÃO, 2021; GONSALVES, 2019).

Já a Força de Reserva é vocacionada para as questões administrativas e de segurança doméstica, tais como calamidade pública e desastres naturais. Essas forças são compostas por 10 *Brigade Group*, integradas por efetivos sem exclusividade de trabalho com o Exército Canadense, podendo exercer outras atividades laborativas. Os *Canadians Ranger* pertencem à Força de Reserva e apoiam a segurança pública do país, subdividindo-se em 179 patrulhas. Com isso, observa-se que o Canadá se estruturou de forma que o exército se desdobre tanto em missões internacionais, quanto em proveito do país em seu território (LEÃO, 2021).

No caso particular da Força Regular, o CA coordena, supervisiona e controla o treinamento de forma sistêmica e conjunta, com a participação de suas Divisões. Essa organização visa, em última análise, a geração de força dimensionada para as demandas do país. O conceito de treinamento militar canadense é baseado em princípios, estrutura de apoio e na busca de prontidão de tropas aptas para serem desdobradas no país ou no exterior, obedecendo uma sistemática crescente de preparação individual, coletiva e certificação de adestramento (GONSALVES, 2019).

FIGURA 16 – Princípios de treinamento do Exército Canadense



Fonte: GONSALVES, 2019.

No tocante à estrutura de apoio ao treinamento, o país dispõe do Centro de Doutrina e Treinamento do Exército Canadense (*CADTC*, sigla em inglês). A organização do *CADTC* é originária da transformação da 1ª Divisão Canadense e da evolução do Sistema de Doutrina e Treinamento do CA, ocorridas nas décadas de 1990 e 2000 (GONSALVES, 2019).

O comando do *CADTC* é também o *Army Training Authority*, ou seja, o responsável pelo treinamento de todo o CA. Com isso, todo o treinamento e doutrina do exército é coordenado por um único centro. Para tanto, existem estruturas de apoio como: Centro de Doutrina do Exército, Centro de Lições Aprendidas, Centro de Simulação, Escola de Comando e Estado-Maior, Centro de Treinamento e Manobra, Centro de Treinamento de Combate e Centro de Treinamento de Apoio e Paz (LEÃO, 2021; GONSALVES, 2019).

Nesse sentido, o papel do *CADTC* é desenvolver a doutrina, educação, treinamento individual e coletivo do exército e a avaliação e certificação dos padrões, nos mais diversos escalões, traduzindo em níveis operacionais e táticos os diversos interesses do país, particularmente no campo político-estratégico (LEÃO, 2021; GONSALVES, 2019). Nesse contexto de preparação de tropas aptas a atuarem em defesa dos interesses políticos e estratégicos do Canadá, insere-se o Programa de Prontidão do país.

Nesse íterim, o CA entende por prontidão operacional a habilidade de adquirir capacidade militar, de maneira oportuna e apropriada. Esse conceito se fundamenta em 03 (três fatores): pessoal, equipamento e treinamento, tanto individual quanto coletivo. Assim o exército busca a integração desses fatores em prol da preparação de tropas, por meio do *Managed Readiness System (MRS)*, sigla em inglês) (CANADÁ, 2014).

O *MRS* está alinhado à *Force Posture and Readiness (FP & R)*, sigla em inglês), o conceito estabelecido pelo CA que descreve o papel do exército, em termos de 04 (quatro) perguntas: o que são, onde estão, o que está fazendo e o quê estão prontos para fazer. Dessa feita, o *MRS* integra o treinamento da tropa com a visão do Exército, sua estratégia, missão, objetivos, tarefas e recursos, visando a alcançar determinada capacidade de defesa (CANADÁ, 2014; LEÃO, 2021).

Segundo CANADÁ (2014), o *MRS* se vale de 03 (três) produtos para estabelecer a prontidão do CA:

- O *Managed Readiness Plan (MRP)*, sigla em inglês): ferramenta de prontidão gerenciada que estabelece um modelo cíclico de gestão das tropas, em prol da geração de força desejada. Da mesma forma, o plano designa as forças que comporão cada fase, além de outros ajustes necessários.

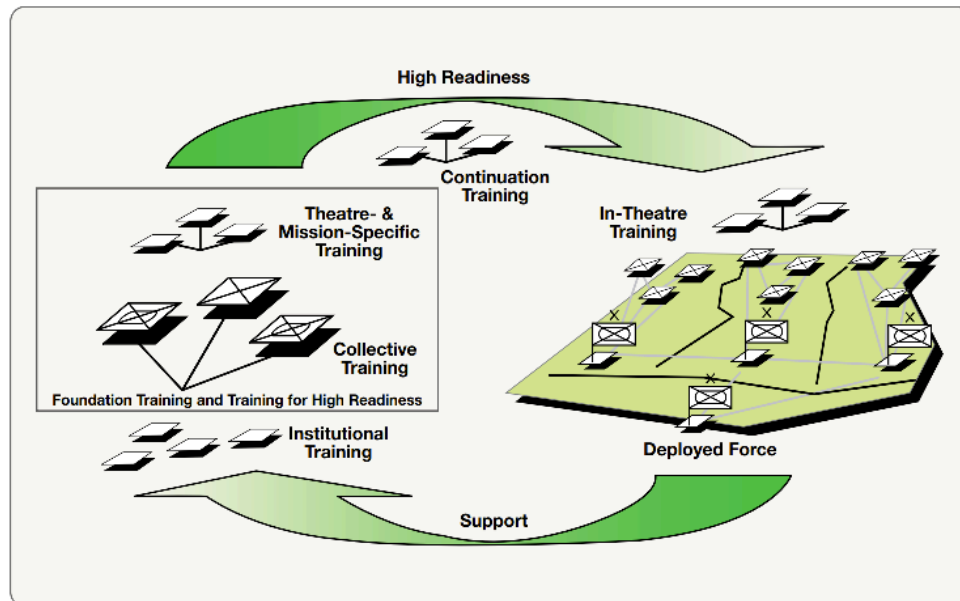
- *Force-generates Task Organization Matrix*: complementa o *MRP*, identificando as capacidades e a organização necessária para o CA cumprir as tarefas domésticas e expedicionárias, de acordo com os compromissos externos assumidos pelo país. Dessa forma, alimenta o sistema com os níveis desejáveis de adestramento que devem ser alcançados pela tropa.

- *Force-generates/ Force Employment Transition Plan*: plano que condiciona a gestão da mobilização das tropas, os compromissos e o suporte do CA, em termos de logística e tempo, quando da ativação de uma missão, equilibrando a duração de cada fase do *MRP*.

Com isso, o *MRS* estabelece um modelo de gestão de prontidão, integrando ferramentas de planejamento e treinamento, adequadas aos recursos existentes. O objetivo é a preparação das tropas, atendendo a uma capacidade específica e/ou ao desdobramento no exterior, de acordo com os compromissos assumidos pelo país (CANADÁ, 2014; LEÃO, 2021).

Assim, por meio do *MRP*, o *MRS* se estrutura em um sistema cíclico de geração de força, composta por 03 (três) fases distintas, cada uma alocada para 1/3 das forças: a recuperação (*reconstitution*, em inglês), treinamento para alta prontidão (*training for high readiness*, em inglês) e alta prontidão ou operações (*high readiness stand-by or operations*, em inglês). A primeira corresponde ao momento de recuperação da tropa e ao apoio às forças em preparação para as fases subsequentes. Já o treinamento é desenvolvido junto às tropas selecionadas, para alcançar determinada capacidade ou desdobramento em operações, visando a padrões de desempenho específicos para as missões assinaladas. Por fim, a alta prontidão é a fase em que as tropas permanecem em condições de emprego, realizam treinamento de manutenção de padrões ou são desdobradas no exterior. Neste último caso, pode ser realizada uma preparação específica, o *In-Theatre Training* (CANADÁ, 2014; LEÃO, 2021).

FIGURA 17 – Ciclo de treinamento para geração de força



Fonte: Canadá (2014).

Leão (2021) exemplificou o ciclo do *MRS* da 3ª Divisão Canadense. A fase de treinamento iniciou-se em 1º de junho de 2018, quando foram desencadeados inúmeros exercícios, tais como:

- *Unified Resolve*, 1ª fase (19 a 30 de setembro de 2018);
- *Paratus Ram* (16 a 18 de novembro de 2018);
- *Virtual Ram* (18 a 23 de novembro de 2018);
- *Unified Resolve*, 2ª fase (2 a 7 de fevereiro de 2019);
- *Ornery Ram* (1º de abril a 2 de maio de 2019); e
- *Maple Resolve* (8 a 25 de maio de 2019) (LEÃO, 2021, p.69)

O último exercício, o *Maple Resolve*, tem por objetivo validar o adestramento da tropa da 3ª Divisão. A atividade é desenvolvida pelo Centro de Treinamento e Manobra, do *CADTC*, quando são avaliados aproximadamente 5,5 mil militares, inclusive com a participação de exércitos de outros países (LEÃO, 2010).

A fase de alta prontidão da 3ª Divisão desenvolveu-se de 1º de junho de 2019 a 30 de junho de 2020. Nessa fase, foram desdobrados efetivos em diversas operações, descritas por LEÃO (2021): “Operações *Reassurance* (Polônia), *Unifier* (Ucrânia), *Impact* (Iraque) e *Lentus* (suporte a operações domésticas), além do envio de tropas para outras localidades, como Afeganistão, Letônia e Mali”.

Dessa forma, o CA considera a impossibilidade de manter a totalidade de suas forças em alta prontidão. A partir dessa premissa, desenvolveu o modelo cíclico em 03 (fases), o *MRS*, visando à geração de força em prol de missões específicas ou desenvolvimento de capacidades desejadas. Com isso, o Canadá busca sincronizar e integrar o treinamento, o desenvolvimento de capacidades, desdobramento de tropas e o uso eficiente dos recursos existentes (CANADÁ, 2014; GONSALVES, 2019; LEÃO, 2021).

4.3 COMPARAÇÃO

A comparação dos modelos de prontidão dos *US Army* e do CA com a FORPRON demanda, primeiramente, dimensionar os exércitos e suas destinações. O *US Army* possui uma estrutura maior que a brasileira e destinada para desdobramentos de tropas no exterior. O CA, da mesma forma, prepara tropas para operações internacionais em apoio aos seus aliados, com viés expedicionário, e para atuarem em seus territórios, em caso de contingência.

Ressalta-se uma semelhança maior do CA com o EB, no que tange às missões de defesa territorial. No caso canadense, o desdobramento das brigadas e divisão da Força de Reserva ao longo do território é semelhante ao escalonamento dos grupos de emprego da F Ter do Brasil.

A partir dessa ressalva, constatou-se que tanto os EUA quanto o Canadá visam à prontidão de todas as suas tropas. Logo, as sistemáticas de prontidão são geridas com o objetivo final de agregar a capacidade de pronta-resposta aos seus exércitos como um todo. O que varia é o grau de prontidão, o valor da tropa e a periodicidade da prontidão. No caso brasileiro, a seleção de tropas para FORPRON tem por objetivo assegurar o atingimento de um nível de adestramento adequado, em detrimento dos recursos aplicados à outras tropas.

Do ponto de vista do conceito de prontidão, os exércitos dos três países possuem entendimentos semelhantes. A diferença se encontra na aplicação do conceito, em termos de desdobramento efetivo de tropa em operações militares, o que, em tese, favorece a retroalimentação do processo e valida o método desenvolvidos pelos EUA e Canadá.

No que concerne a comparação dos modelos de prontidão, ambos os exércitos possuem sistemáticas próprias. Os EUA apresentam um conjunto de processos integrados mais complexos, em termos de seleção de tropas e níveis de prontidão. Já no caso canadense, o *MRP* é semelhante à FORPRON, prevendo ciclos de 3 fases: preparação, treinamento e prontidão. Com a ressalva feita à 1ª fase do *MRP*, definida em recuperação de tropa, não incluída nas diretrizes da FORPRON.

Em relação ao valor das tropas de pronta-resposta e sua integração, os *US Army* e o *CA* são semelhantes, utilizando a brigada como módulo básico, porém diferem-se da FORPRON. No caso do Brasil, as FORPRON de uma brigada são organizadas por SU de OM distintas. Assim, o EB dispõe de forças valor Unidade com módulos de apoio ao combate em reforço, todas mobiliadas por elementos de OM distintas, podendo afetar a integração da tropa.

No tocante ao treinamento, verifica-se a dinâmica semelhante em todos os exércitos. Ambos abordam uma sequência crescente de instrução, desde o nível básico individual até o mais avançado, com frações constituídas nos mais diversos escalões. Cabe ressaltar que os EUA e o Canadá direcionam o treinamento a objetivos e padrões desejados para atender ao desdobramento de tropas, fruto dos compromissos assumidos por seus países.

Ainda em relação ao adestramento das forças de pronta resposta, ambos os modelos aplicam avaliações e validações do treinamento, com o objetivo de certificar as tropas para uma determinada missão. Destaca-se o *SRM* dos EUA, que prevê métricas distintas de avaliação para níveis e módulos de prontidão variados, ensejando certificações em níveis diferentes.

Referente à estrutura de apoio e coordenação do emprego desses recursos, observa-se que todos os exércitos possuem centros de treinamento ou adestramento, centralizando os meios de simulação e apoio à instrução, também responsáveis pelas certificações. O cronograma de utilização desses meios é feito de modo integrado e sistematizado por órgãos centrais dos respectivos exércitos. Salienta-se que, no Brasil, os Centros de Adestramento (Sul e Leste) possuem vinculação com o COTER, porém não estão subordinados a um centro exclusivo de treinamento, tampouco possuem grandes quantidades de simuladores e campos de instrução independentes, aspecto diferente do *CADCT*, do *CA*, e os *CTC*, do *US Army*.

Finalmente, todos os exércitos analisados possuem modelos e sistemas que visam a priorizar a aplicação eficiente de recursos, com o objetivo de viabilizar a existência de tropas em alto nível de treinamento e a geração de força. Destaca-se a maior semelhança do sistema canadense com o brasileiro, particularmente em relação ao fracionamento de sua força, em 1/3 de partes, efetivamente priorizando o aporte de recurso para somente algumas organizações militares.

CONCLUSÃO

A FORPRON, do COTER, é uma das vertentes do SISPRON vocacionada para a formação e manutenção de tropas em prontidão operacional para o emprego por meio do SISEMP. Essa sistemática foi precedida de outras iniciativas do EB em organizar forças com capacidade de pronta-resposta, em especial a partir da década de 2010 com o advento do Programa de Transformação do EB. Dessa feita, traduz uma intenção recorrente da instituição em desenvolver novas soluções para agregar operacionalidade à F Ter, o que traz oportunidades de estudos e aperfeiçoamentos.

Do exposto, o propósito desta pesquisa era responder se o modelo de preparo de FORPRON contribuiu para o estado de prontidão operacional da F Ter, verificando as possíveis melhorias quando comparados a outros programas conduzidos pelo Brasil e em outros países, em especial EUA e Canadá. Em face desses objetivos, identificou-se que a prontidão operacional é condicionada à capacidade de pronta-resposta, por sua vez adquirida pela conjugação do DOAMEPI, particularmente em termos de seleção e preparação de tropas em condições de conduzirem operações militares de modo célere, efetivo e em qualquer parte do território nacional.

A partir da comparação da FORPRON com as FAR Estrt e com as forças de pronta-respostas do CMS e do CMO, foram identificadas práticas comuns a todas as sistemáticas. Os modelos compartilhavam de bases doutrinárias, visavam inserir-se na concepção de emprego da F Ter vigente, seguiam a metodologia de instrução prevista no SIMEB e, no caso específico das FAR Estrt e FORPRON, definiam-se prioridades de distribuição de recursos e uso de simuladores. Ainda de maneira semelhante, ambas as iniciativas selecionavam tropas valor U, compostas por SU de diferentes OM no âmbito das brigadas, e apresentavam diretrizes limitando a organização das frações ao emprego de soldados do EP.

Nesse mesmo sentido, observou-se vantagens do modelo FORPRON, uma vez que o COTER passou a definir e ter vinculação com o preparo das forças de prontidão. Entre os aspectos levantados, destaca-se o maior alinhamento do preparo de tropas com as atividades e tarefas requeridas pelos PEECFA nas respectivas HE e o estabelecimento de parâmetros de confirmação de níveis de adestramento por meio da certificação. Além disso, identificou-se maior esforço para a otimização de recursos

logísticos, financeiros e do SSEB. Assim, a FORPRON representa a busca de maior governança no que concerne à preparação de tropas.

Identificou-se, também, pontos semelhantes da FORPRON com os modelos de preparo de tropas em estado de prontidão dos EUA, o *SRM*, e o Canadá, o *MRP*. Ambos os modelos são coordenados por órgão centrais dos respectivos exércitos e existe o escalonamento de grupos de emprego. Adicionalmente, desenvolvem-se programas cíclicos de preparo de tropas, em termos de fase de reestruturação, preparo/avaliação e prontidão ou desdobramento, tudo isso inserido em princípios de gestão otimizada de recursos. A sistemática de treinamento é sequencial e de gradativo grau de complexidade e realismo, assim como todos os países valem-se de centros de treinamento para avaliar e certificar suas forças de prontidão, empregando recursos de simulação construtiva, virtual e viva.

O mesmo processo de comparação identificou diferenças entre as práticas dos países citados e do Brasil. Em que pese as dimensões dos exércitos do EUA e do Canadá, verificou-se que as forças de prontidão são baseadas no módulo brigada, constituída de todos os seus elementos orgânicos, integrados e abrangendo as funções de combate necessárias. No caso particular dos EUA, são estabelecidos níveis distintos de prontidão e com processos particulares de certificação. Já o Canadá prepara aproximadamente 1/3 de sua Força Regular, por meio de suas divisões.

Valendo-se da ressalva das limitações orçamentárias do EB e partindo da premissa que os processos estudados dos exércitos estrangeiros podem ser considerados efetivos, uma vez que selecionam, preparam e desdobram tropas em operações militares em regiões de crise, pode-se identificar que a FORPRON corresponde a uma solução moderna para a gestão de tropas em prontidão operacional.

Conclui-se, ainda, que o advento do SIPRON, no contexto do SISOMT, contribuiu para a sistematização da seleção e do preparo das tropas com capacidade de pronta-resposta. O COTER, como órgão central do sistema, pode integrar esforços com outros ODS e C Mil A, viabilizando a otimização do emprego dos recursos existentes, cada vez mais restritivos, e a vinculação do preparo e emprego das FORPRON ao COTER. Assim, além de organização e procedimento próprio, o sistema pode prover suporte em material, pessoal e infraestrutura à FORPRON.

Outra possível contribuição é o incremento de uma metodologia de certificação de tropas, baseada no treinamento gradativo, com certo grau de integração das funções de combate, avaliadas e certificadas com o apoio dos CA e valendo-se de resultado obtidos pelos simuladores de combate. Dessa feita, é possível mensurar o nível de adestramento, explorar aspectos doutrinários, identificar deficiências operacionais e alimentar os comandantes com dados objetivos do desempenho dos seus militares e frações, permitindo o aperfeiçoamento da instrução militar. Esse conjunto de elementos podem melhorar o adestramento da tropa e fortalecer a base doutrinária, principalmente em termos de organização das OM para as operações ofensivas e defensivas.

Entretanto, foi possível identificar óbices que podem comprometer a prontidão operacional da FORPRON. A indisponibilidade de recursos, a ausência de campos de instrução vocacionados aos CA ou às FORPRON, número insuficiente de OCA especializados, falta de manutenção de MEM e simuladores e a resistência à cultura de avaliação podem levar a treinamentos negativos. No que se refere à organização das tropas, a seleção de frações de distintas OM para compor uma Unidade FORPRON podem afetar a integração dos efetivos, impactando negativamente a eficiência operacional da tropa.

A atual política de pessoal também pode indicar um óbice para a sustentabilidade da FORPRON. Os altos percentuais de soldados EV nas Bda do SISPRON e as restrições impostas pela LSM impactam a seleção exclusiva de soldados EP para as forças. Além disso, a organização de planos de férias, os procedimentos de movimentação de militares, seleção para cursos e conseqüentemente, a rotatividade de pessoal nas OM podem afetar a disponibilidade de pessoal certificado, na fase de prontidão.

Ademais, fruto da pesquisa realizada, é possível indicar alguns desafios para a sustentabilidade da FORPRON, o que pode acarretar conseqüências para a prontidão operacional da F Ter. Um primeiro desafio é a adoção efetiva de uma cultura institucional de racionalização, otimização e, principalmente, de priorização de recursos e tropas selecionadas para o SISPRON. Assim, há a demanda recorrente de integração do ODOp e demais ODS em consonância com os objetivos do SISPRON.

No tocante ao treinamento, outro desafio é a necessidade de maior integração das diversas funções de combate, tanto na seleção quanto na preparação das

FORPRON, visando a agregar poder de combate às tropas da F Ter em prontidão operacional. Ademais, o estabelecimento de uma estrutura de comando que agrupe as FORPRON em Bda e DE constitui-se, também, de grande desafio para o futuro do SISPRON.

Em síntese, existem indicações que o modelo FORPRON trouxe aperfeiçoamentos ao processo de seleção e preparo de tropas em estado de prontidão. Ainda que apresente óbices, desafios e oportunidades de melhoria, o atual modelo do COTER agregou novas práticas, no contexto de um sistema âmbito EB, e coerente com práticas desenvolvidas em países que desdobram efetivos militares em operações militares. Ademais, a FORPRON contribui para o estado de prontidão da F Ter, agregando possibilidades de melhoria da capacidade de pronta-resposta da Força, assim como viabilizando ao COTER identificar e mensurar quais as unidades o EB tem à sua disposição para emprego imediato.

Com base no que foi exposto, incentiva-se o estímulo e a continuidade do estudo sobre o tema, ao passo que sugere-se pesquisas abordando a viabilidade de organizar a FORPON no escalão DE, a necessidade de atualização dos PPECFA, fruto da sobreposição de tarefas e atividades das FORPRON e suas brigadas de origem, e os impactos da FORPRON para a concepção de emprego da F Ter. Ademais, são interessantes novos estudos no tocante às mudanças necessárias na LSM e na política de pessoal do EB, a fim de aperfeiçoar a seleção e manutenção de efetivos em estado de prontidão.

Finalmente, podemos concluir que há um alinhamento de esforços dentro do EB para alcançar o estado final desejado pelo SISPRON, em termos de FORPRON. O presente trabalho identificou o esforço para a preparação e certificação de tropas, consolidando um poder de combate real e em condições de serem acionados pela F Ter, em resposta a eventuais ameaças aos interesses do País, elementos fundamentais de uma efetiva prontidão operacional.

REFERÊNCIA

A SIMULAÇÃO como ferramenta no adestramento da tropa. **Revista Verde Oliva**, Brasília, DF, ano XLI, n. 222, p. 9-11, dez 2013.

A SITUAÇÃO da Simulação de Combate no Exército Brasileiro. **Revista Verde Oliva**, Brasília, DF, ano XLIII, n. 232, p. 14-16, jun 2016.

ABNT NBR 6032, Informação e documentação – Referências – Elaboração

AMORIM, Rodolfo Leonardo Borges Carneiro. **Simulação virtual: sua contribuição na geração de capacidade para a Força Terrestre**. 2019. 103f. Dissertação (Mestrado em Ciências Militares) - Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2019.

AVALIAÇÃO. In: Ferreira A. B. H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1999. p. 238.

AVALIAR. In: Ferreira A. B. H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1999. p. 238.

BONIFÁCIO, Marcus Vinicius Gomes. **Uma análise cognitiva, afetiva e econômica dos exercícios táticos com apoio de sistemas de simulação de combate (ETASS) no adestramento de Estados-maiores de grande unidade**. 2011. 90 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares) - Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2011.

BRASIL. Ministério do Exército. Estado-Maior do Exército. **Programa-Padrão de Adestramento Cav/3: adestramento básico nas Unidades de Cavalaria**. Inicial. ed. Brasília, DF, 1983.

BRASIL. Lei Complementar nº 97, de 9 de junho de 1999. Dispõe sobre as normas gerais para a organização, o preparo e o emprego das Forças Armadas. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 10 de junho de 1999.

BRASIL. Lei Complementar nº 117, de 2 de setembro de 2004. Dispõe sobre as normas gerais para a organização, o preparo e o emprego das Forças Armadas, para estabelecer novas atribuições subsidiárias. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 3 de setembro de 2004.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comandante Militar do Oeste. **Diretriz para o Preparo e Emprego da Força Pantanal (FORPAN)**. Campo Grande, MS, 2007a.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comandante Militar do Oeste. **Plano de implantação da Força Pantanal (FORPAN) no CMO**. Campo Grande, MS, 2007b.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comandante da 4ª Brigada de Cavalaria Mecanizada. **Plano de implantação da Força Pantanal (FORPAN)**. Dourados, MS, 2007c.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. **Programa de Instrução Militar (PIM) para o ano de 2009**. Brasília, DF, 2008.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. **Programa de Instrução Militar (PIM) para o ano de 2010**. Brasília, DF, 2009.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. **Programa de Instrução Militar (PIM) para o ano de 2011**. Brasília, DF, 2010a.

BRASIL. Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. **O Processo de Transformação do Exército**. 3. ed. Brasília, DF, 2010b.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. **Programa de Instrução Militar (PIM) para o ano de 2012**. Brasília, DF, 2011a.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. **Sistema de Instrução Militar do Exército Brasileiro (SIMEB)**. Brasília, DF, 2011b.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. Portaria nº019, de 3 de dezembro de 2013. Aprova o Programa de Instrução Militar (PIM) para o ano de 2014. **Boletim do Exército**, Brasília, DF, n.49, 6 de dezembro de 2013.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. Portaria nº012, de 1º de dezembro de 2014. Aprova o Programa de Instrução Militar (PIM) para o ano de 2015. **Boletim do Exército**, Brasília, DF, n.53, 26 de dezembro de 2014a.

BRASIL. Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. Portaria nº55, de 27 de março de 2014. Aprova a Diretriz para o Funcionamento do Sistema de Simulação do Exército – SSEB (EB20-D-10.016). **Boletim do Exército**, Brasília, DF, n.14, p.36-45, 04 de abril de 2014b.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. **Programa de Instrução Militar (PIM) para o ano de 2016**. Brasília, DF, 2015a.

BRASIL. Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. Portaria nº309, de 23 de dezembro de 2014. Aprova o catálogo de capacidades do Exército Brasileiro. **Boletim do Exército**, Brasília, DF, n.1, 02 de janeiro de 2015b.

BRASIL. Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. Portaria nº76, de 08 de abril de 2015. Aprova a Diretriz Implantação do Centro de Adestramento e Avaliação – Sul. **Boletim do Exército**, Brasília, DF, n.16, p.43-49, 17 de abril de 2015c.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**; Promulgada em 5 de outubro de 1988: atualizada até Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo

Decreto Legislativo no 186/2008. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016a.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. Portaria nº066, de 28 de setembro de 2016. Aprova o Programa de Instrução Militar (PIM) para o ano de 2017. **Boletim do Exército**, Brasília, DF, n.40, 7 de outubro de 2016b.

BRASIL. Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. Portaria nº270, de 18 de julho de 2016. Cria o Programa de Modernização do Sistema Operacional Militar Terrestre - SISOMT (EB20-P-03.001). **Boletim do Exército**, Brasília, DF, n.29, p.35, 22 de julho de 2016c.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Estratégia Nacional de Defesa**. Brasília, DF, 2016d.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Livro Branco de Defesa Nacional**. Brasília, DF, 2016e.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Política Nacional de Defesa**. Brasília, DF, 2016f.

BRASIL. Ministério da Defesa. Portaria nº9, de 13 de janeiro de 2016. Aprova o Glossário das Forças Armadas MD35-G-01(5ª Edição/2015). **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, n.14, 21 de janeiro de 2016g.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comandante do Exército. Portaria nº1.550, de 08 de novembro de 2017. Aprova as Instruções Gerais para o Sistema de Doutrina Militar Terrestre (SIDOMT) (EB10-IG- 01.005), 5ª Edição, 2017. **Boletim do Exército**, Brasília, DF, n.46, 17 de novembro de 2017a.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. Portaria nº18, de 8 de maio de 2018. Caderno de Instrução de Exercício de Simulação Construtiva (EB70-CI-11.410), 1ª Edição, 2017. **Boletim do Exército**, Brasília, DF, n.21, 26 de maio de 2017b.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. Portaria nº21, de 23 de maio de 2017. Aprova o Caderno de Instrução de Análise Pós-Ação (EB70-CI-11.413), Edição Experimental, 2017. **Boletim do Exército**, Brasília, DF, n.22, 2 de junho de 2017c.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. Portaria nº051, de 08 de junho de 2017. Aprova o Manual de Campanha EB70-MC-10.223 Operações, 5ª Edição, 2017. **Boletim do Exército**, Brasília, DF, n.25, 23 de junho de 2017d.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comandante do Exército. Portaria nº1.042, de 18 de agosto de 2017. Plano Estratégico do Exército 2016- 2019/3ª Edição, integrante da Sistemática de Planejamento Estratégico do Exército. **Boletim Especial do Exército**, Brasília, DF, n.6, 12 de setembro de 2017e.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comandante Militar do Sul. **Diretriz Nº 09-CCOp/3ª DE: Forças de Emprego Imediato da 3ª DE, FORSUL CHARLIE**. Santa Maria, RS, 2018a.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. Portaria nº122, de 06 de novembro de 2018. Aprova a Concepção de Preparo e Emprego da Força Terrestre (EB70-D-10.002), 1ª edição. **Boletim do Exército**, Brasília, DF, n.47, 23 de dezembro de 2018b.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. Portaria nº147, de 3 de dezembro de 2018. Aprova o Sistema de Instrução Militar do Exército Brasileiro (SIMEB), Edição 2019. **Boletim do Exército**, Brasília, DF, n.50, 14 de dezembro de 2018c.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. **Programa de Instrução Militar (PIM) para o ano de 2019**. Brasília, DF, 2018d.

BRASIL. Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. Portaria nº134, de 17 de agosto de 2018. Aprova a Diretriz de Implantação do Programa Estratégico do Exército Modernização do Sistema Operacional Militar Terrestre - Prg EE SISOMT (EB20-D-08-017). **Boletim do Exército**, Brasília, DF, n.33, p.36-48, 08 de agosto de 2018e.

BRASIL. Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. Portaria nº158, de 16 de agosto de 2018. Aprova a Diretriz do Sistema de Simulação do Exército Brasileiro (EB20-D-03-015). **Boletim do Exército**, Brasília, DF, n.34, p.20-34, 23 de agosto de 2018f.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comandante da 5ª Brigada de Cavalaria Blindada. **Diretriz de Instrução Militar**. Ponta Grossa, PR, 2019a.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comandante do Exército. **Diretriz do Comandante do Exército**. Brasília, DF, 2019b.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comandante do Exército. **Política Militar Terrestre**. Brasília, DF, 2019c.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comandante do Exército. Portaria nº1.967, de 03 de dezembro de 2019. Aprova a Concepção Estratégica do Exército 2019, integrante do Sistema de Planejamento Estratégico do Exército. **Boletim do Exército**, Brasília, DF, n.51, p.25, 20 de dezembro de 2019d.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comandante do Exército. Portaria nº1.968, de 03 de dezembro de 2019. Aprova o Plano Estratégico do Exército 2020-2023, integrante do Sistema de Planejamento Estratégico do Exército. **Boletim do Exército**, Brasília, DF, n.51, p.26, 20 de dezembro de 2019e.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comandante do Exército. Portaria nº815, de 6 de junho de 2019. Aprova as Instruções Gerais para o Funcionamento dos Centros de Instrução, dos Centros de Adestramento e das Organizações Militares de Emprego Peculiar com Encargo de Ensino do Exército Brasileiro (EB10-IG-06.002), 1ª Edição, 2019. **Boletim do Exército**, Brasília, DF, n.25, p. 13-22, 21 de junho de 2019f.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comandante Militar do Sul. **Diretriz N° 001-CCOp/CMS-2019**: Ciclo de exercícios de preparação da FORSUL, preparação orgânica de 2019. Porto Alegre, RS, 2019g.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. Portaria n°216, de 18 de novembro de 2019. Aprova a Concepção de Preparo e Emprego da Força Terrestre (EB70-D-10.002), 2ª edição. **Boletim do Exército**, Brasília, DF, n.49, p.61, 06 de dezembro de 2019h.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. Portaria n°219, de 13 de novembro de 2019. Aprova a Diretriz Organizadora do Sistema de Prontidão Operacional da Força Terrestre (SISPRON). **Boletim do Exército**, Brasília, DF, n.49, p.61-70, 06 de dezembro de 2019i.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando de Operações terrestres. Portaria n°230, de 13 de dezembro de 2019. Aprova o Programa de Instrução Militar 2020/2021 (EB70-P-11.001). **Boletim do Exército**, Brasília, DF, n.52, 27 de dezembro de 2019j.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. Portaria n°188, de 18 de novembro de 2019. Aprova o Manual de Campanha EB70-MC- 10.310 – Brigada Blindada. **Boletim do Exército**, Brasília, DF, n.48, 29 de novembro de 2019k.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. Portaria n°187, de 18 de novembro de 2019. Aprova o Manual de Campanha EB70-MC- 10.309 – Brigada de Cavalaria Mecanizada. **Boletim do Exército**, Brasília, DF, n.48, 29 de novembro de 2019l.

BRASIL. Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. Portaria n°326, de 31 de outubro de 2019. Aprova o Manual de Fundamentos Doutrina Militar Terrestre (EB20-MF-10.102), 2ª Edição, 2019. **Boletim do Exército**, Brasília, DF, n.45, 08 de novembro de 2019m.

BRASIL. Exército Brasileiro. Centro de Adestramento Sul. **Relatório de exercício de adestramento simulação construtiva Nr 03**: FORPRON/4ª Bda C Mec. Santa Maria, RS, 2020a.

BRASIL. Exército Brasileiro. Centro de Adestramento Sul. **Relatório de exercício de adestramento simulação construtiva Nr 04**: FORPRON/5ª Bda C Bld. Santa Maria, RS, 2020b.

BRASIL. Exército Brasileiro. Centro de Adestramento Sul. **Relatório de exercício de adestramento simulação construtiva Nr 05**: FORPRON/15ª Bda Inf Mec. Santa Maria, RS, 2020c.

BRASIL. Exército Brasileiro. Centro de Adestramento Sul. **Relatório de exercício de adestramento simulação virtual Nr 01**: FORPRON/4ª Bda C Mec. Santa Maria, RS, 2020d.

BRASIL. Exército Brasileiro. Centro de Adestramento Sul. **Relatório de exercício de adestramento simulação virtual Nr 02**: FORPRON/5ª Bda C Bld. Santa Maria, RS, 2020e.

BRASIL. Exército Brasileiro. Centro de Adestramento Sul. **Relatório de exercício de adestramento simulação virtual Nr 03**: FORPRON/15ª Bda Inf Mec. Santa Maria, RS, 2020f.

BRASIL. Exército Brasileiro. Centro de Adestramento Sul. **Relatório de exercício de adestramento simulação viva Nr 01**: FORPRON/4ª Bda C Mec. Santa Maria, RS, 2020g.

BRASIL. Exército Brasileiro. Centro de Adestramento Sul. **Relatório de exercício de adestramento simulação viva Nr 02**: FORPRON/5ª Bda C Bld. Santa Maria, RS, 2020h.

BRASIL. Exército Brasileiro. Centro de Adestramento Sul. **Relatório de exercício de adestramento simulação viva Nr 03**: FORPRON/15ª Bda Inf Mec. Santa Maria, RS, 2020i.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comandante da 15ª Brigada de Infantaria Mecanizada. **Diretriz Nr 001**: Plano de preparo da FORPRON da 15ª Bda Inf Mec. Cascavel, PR, 2020j.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comandante da 4ª Brigada de Cavalaria Mecanizada. **Ordem de Serviço Nr 017-E3**: FORPRON 2020. Dourados, MS, 2020k.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comandante da 5ª Brigada de Cavalaria Blindada. **Ordem de Instrução Nr 06 – E3**: Fase de certificação da 5ª Bda C Bld. Ponta Grossa, PR, 2020l.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comandante da 5ª Brigada de Cavalaria Blindada. **Ordem de Instrução Nr 09 – E3**: Fase de prontidão da 5ª Bda C Bld. Ponta Grossa, PR, 2020m.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comandante da 5ª Brigada de Cavalaria Blindada. **Relatório da fase de certificação da 5ª Bda C Bld:1ªCiclo**. Ponta Grossa, PR, 2020n.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comandante da 5ª Divisão de Exército. **Diretriz de Planejamento Nr 001-E5**: FORPRON 5ª DE. Curitiba, PR, 2020o.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. **Diretriz do Projeto-Piloto do Sistema de Prontidão da Força Terrestre**. Brasília, DF, 2020p.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. Portaria nº142, de 23 de outubro de 2020. Aprova o Programa de Instrução Militar (EB70-P-11.001), para

o ano de 2021, e dá outras providencias. **Boletim do Exército**, Brasília, DF, n.45, 6 de novembro de 2020q.

BRASIL. Exército Brasileiro. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. **Organização das Forças Militares do Teatro de Operações**. Rio de Janeiro, RJ, 2020r.

BRASIL. Ministério da Defesa. Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas. Portaria Normativa nº084, de 15 de setembro de 2020. Aprova Doutrina de Operações Conjuntas (MD30-M-01). Vol 2. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, n.178, 15 de setembro de 2020s.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando da 5ª Brigada de Cavalaria Blindada. **Organização Militares Diretamente Subordinadas**. Disponível em: <http://www.5bdacblld.eb.mil.br/index.php/organizacoes>. Acesso em: 29 maio 2021a.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando da 15ª Brigada de Infantaria Mecanizada. **Organização**. Disponível em: <http://www.15bdainfmec.eb.mil.br/index.php/organizacao-15-bda-inf-mec>. Acesso em: 02 jun 2021b.

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. Portaria nº024, de 18 de março de 2021. Aprova a Diretriz de Acionamento de Tropa dos Grupos de Emprego da Força Terrestre. **Boletim do Exército**, Brasília, DF, n.12, 26 de março de 2021c.

CANADÁ. Chief of Staff Army Training Authority. **Army Training for Land Operations**. Kingston, ON, 2014.

CARVALHO, Vagner Knopp de. A utilização de dispositivos de simulação na redução de custos e no incremento da capacitação das Unidades Blindadas. **Coleção Meira Mattos: revista das ciências militares**, n. 23, 2010.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. United States Army. Departamento of the Army. **Force Generation- Sustainable Readiness**. Washington, DC, EUA, 2019.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. United States Army. Departamento of the Army. **Training: FM 7-0**. Washington, DC, EUA, 2021.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. United States Army. **MCoE Supplemental Manual 3-90 force structure reference data: Armored Brigade Combat Team**. Fort Benning, GE, EUA, 2017a.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. United States Army. **MCoE Supplemental Manual 3-90 force structure reference data: Infantry Brigade Combat Team**. Fort Benning, GE, EUA, 2017b.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. United States Army. **MCoE Supplemental Manual 3-90 force structure reference data**: Stryker Brigade Combat Team. Fort Benning, GE, EUA, 2017c.

FERRER, Isaac Newton Siqueira. **Análise do projeto centro de adestramento do Exército Brasileiro**: uma abordagem multicritério. 2019. 85f. Dissertação – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

FREITAS, Daniel Corrêa de. **Relatório sobre o programa de preparação das tropas de pronto emprego da 82nd Airborne Division (US Army)**. Fort Bragg, NC,EUA, 2021.

GARCIA, Flavio dos Santos Lajoia. **O Emprego da Simulação de Combate como ferramenta de apoio ao projeto organizacional e doutrinário da Força Terrestre Brasileira**. 2005. 201f. Dissertação (Mestrado em Ciências Militares) - Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2005.

GARCIA, Roberto Ferreira Lajoia. **O adestramento como instrumento multiplicador do poder de combate**. 2006. 194f. Dissertação (Mestrado em Ciências Militares) - Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GONSALVES, Rudimar Pucheta. O sistema de doutrina e treinamento do Exército Canadense. **Doutrina Militar Terrestre em Revista**, v. 7, n. 19, p. 26-35, 2019.

JUNIOR, Ersino Albano da Silva. O Centro de Adestramento Sul. **Doutrina Militar Terrestre em Revista**, v. 7, n. 19, p. 48-55, 2019.

JUNIOR, Jobel Sanseverino. O emprego de simuladores de combate para tropas blindadas e mecanizadas: uma experiência brasileira bem-sucedida. **Revista do Exército Brasileiro**, v. 154, n. 3, 2018.

LEÃO, Ivon Barreto. A prontidão do Exército Canadense. **Doutrina Militar Terrestre em Revista**, v. 1, n. 25, p. 60-71, 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MITRE, B. **O alinhamento do Projeto Estratégico Proteger com as Forças de Prontidão na Amazônia**: uma proposta. 2016. 79f. Projeto de pesquisa (Altos Estudos de Política e Estratégia) - Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, 2016.

NUNES, Rinaldo Marques. **A simulação de combate no Exército Brasileiro e sua contribuição à sua operacionalidade da Força Terrestre**. 2020. 62f. Trabalho de Conclusão de Curso (Altos Estudos de Política e Estratégia) – Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro, 2020.

PERNIN, Christopher G. et al. **Enabling the Global Response Force: Access Strategies for the 82nd Airborne Division**. RAND Arroyo Center Santa Monica United States, 2016.

RIBEIRO, Marcelo Carvalho. **Adestramento de estados-maiores conjuntos com emprego de simulação construtiva**. 2016. 55f. Trabalho de Conclusão de Curso (Altos Estudos de Política e Estratégia) – Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro, 2016.

SIMULAÇÃO. In: Ferreira A. B. H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1999. p. 1857.

SOUZA, Alessandro Fagundes. A Arquitetura da Simulação no CIBLD. **Ação de Choque**, Santa Maria, RS: Centro de Instrução de Blindados General Walter Pires, n.13, p. 07-23, 2015a.

SOUZA, Alessandro Fagundes. O Emprego da Simulação Virtual no Treinamento Militar: A Experiência do Centro de Instrução de Blindados. **Ação de Choque**, n. 13, p. 42-51, 2015b.

ANEXO A –ENTREVISTA COM MEMBROS DO COTER

Identificação do Entrevistado:

Nome completo: GERSON ROLIM DA SILVA.

Posto/Grad: Coronel

A presente entrevista de caráter exploratório constitui-se em um instrumento de pesquisa sobre **“A contribuição do SISPRON para o estado de prontidão operacional da Força Terrestre: estudo comparativo de modelos de Forças de Prontidão”**, estudo a ser apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército pelo Maj Cav Edimar Schumacker Soares, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa Nacional.

A finalidade desta entrevista é levantar informações e opiniões baseadas no conhecimento especializado e na experiência profissional do entrevistado, como representante do COTER, junto ao SISPRON, com vistas a ampliar o entendimento sobre o tema em questão. Como resultado, espera-se que seja possível compreender de que maneira o modelo de preparo de FORPRON (seleção e preparo de forças), do COTER, contribuiu para o estado de prontidão operacional da Força Terrestre.

- Entrevista realizada em: 19JUL2021

- Conhecimento junto a FORPRON: Responsável pela implementação da FORPRON, junto ao COTER em 2019 e 2020.

01. No tocante a manutenção do estado de prontidão da F Ter, qual era a concepção adotada pelo COTER antes das FORPRON?

Em 1994, quando eu era Aspirante e recém ingressado na tropa, participei das SU de Pronto Emprego, termo que perdurou por um longo tempo no Exército. Havia um direcionamento do EB, mas tudo dependia das iniciativas dos C Mil A, a exemplo a FORSUL no CMS. A diferença é que o SISPRON está inserido no SISOMT, logo por ser um sistema é passível de medições, ainda que com restrições de recursos. Dessa forma, o EB pode dispor de medições para definir se as tropas estão ou não em condições de emprego, estabelecendo níveis de treinamento, traduzidas em dados objetivos, em números, inclusive para a correção de atitudes na fase 3 do ciclo da FORPRON. Com isso, as avaliações possibilitam diagnosticar as deficiências da tropa, os pontos que devem ser melhorados, apoiando o planejamento de novos ciclos de treinamento. Tudo isso, contribuirá para a evolução da preparação da tropa, inclusive identificando se há problemas de material e pessoal que influenciam na nesse treinamento. Concluindo, o SISPRON visa disponibilizar, de maneira efetiva e quantificada, o valor em tropas, que a F Ter possui em prontidão e em condições de emprego.

02. A concepção da FORPRON, no modelo adotado pelo SISPRON, foi baseada em alguma força de prontidão de exército estrangeiro?

Sim, houve grande influência de outros exércitos. Pesquisamos o modelo dos EUA, porém a concepção adotada pelo COTER é mais semelhante as sistemáticas canadenses e europeias. Em particular, foram pesquisados os cadernos de avaliação. Além disso, forma realizadas visitas aos centros de treinamentos canadenses, inclusive houve a previsão de envio de 01 (um) pelotão de cavalaria

mecanizada para este centro canadense visando a certificação, porém, em decorrência da pandemia do COVID 19, a missão não foi concluída.

03. Em termos de estado final desejado para a prontidão operacional da F Ter, qual era a intenção com o projeto piloto das FORPRON? Os resultados planejados inicialmente se concretizaram?

Todo as tropas do SISPRON estão voltadas para as HE, ou seja, que a tropa esteja em condições de atender essas missões. A intenção do Projeto Piloto efetivamente era ver a viabilidade da FORPRON. A partir desse 1º ciclo, foram identificados diversos problemas de material, pessoal, infraestrutura etc. Um desses problemas foi a questão de 3º Sgt, mesmo diante da situação de falta dessa graduação nas OM da F Ter, foi coordenado junto ao DGP novas vagas e oportunidades de Cursos de Formação de Sargentos Temporários (CFST), assim, aumentou-se os efetivos das FORPRON. Dessa forma, seria mais um diagnóstico sobre a FORPRON, o que possibilitou, logo após o final da 2ª Fase do 1º Ciclo, o planejamento da participação dos escalões de comando, iniciando o planejamento de um exercício que contemplasse escalões mais altos, algo que está se consumando em 2021, com a Operação Orariquera, assim incluindo comandos de brigadas e divisão.

04. Considerando os resultados do projeto piloto do SISPRON 2020:

a. Quais os principais reflexos do modelo FORPRON, do COTER, sobre a concepção de emprego do EB (forças de resposta imediata, atuação ampliada e esforço total) e na base doutrinária das respectivas forças de prontidão?

A FORPRON não altera a concepção de emprego, na verdade é a uma forma de viabilizar a concepção de emprego do EB. Dessa concepção, o COTER extrai as missões que devem ser trabalhadas pelas diversas brigadas, sendo que as F Emp Estr cumprem todas as missões, não necessariamente em um mesmo ciclo de prontidão.

b. Há a intenção ou já foi implementadas mudanças no SIMEB (em termos de organização da instrução militar e adestramento do EB), para o processo de preparo e coordenação do sistema pelo COTER, fruto do modelo FORPRON, do SISPRON?

Não posso afirmar, mas acredito que possa haver mudanças no SIMEB, principalmente pelas práticas adotadas nas tropas blindadas. Possivelmente ocorrerão mudanças somente depois de 2 ou mais ciclos de prontidão.

c. Quais as principais mudanças dos ciclos de adestramento da F Ter que serão efetivadas em prol do prosseguimento do modelo FORPRON de tropas em prontidão? Haverá mudanças nos ciclos de adestramento ou programas-padrão?

Não deve haver mudanças nos níveis de preparação, na verdade a FORPRON somente prioriza os recursos em prol do atingimento da preparação completa.

d. Quais os principais reflexos do modelo FORPRON na distribuição de recursos para o adestramento e preparo da F Ter, em termos de MEM e recursos financeiros?

A distribuição de recursos foi direcionada as tropas da FORPRON, inclusive éramos responsáveis pela distribuição dos recursos, como: munição,

combustível e recursos financeiros. Assim, posso confirmar que as FORPRON foram muito priorizadas.

e. Quais os principais reflexos do modelo FORPRON na política de pessoal do EB (serviço militar, movimentação e plano de carreira)? Considerando, também, os reflexos do percentual de soldados do EP e EV nas Brigadas FORPRON. Tais reflexos impactam o estado de prontidão operacional da F Ter?

Houve problemas em relação a pessoal. Um deles foi a restrição de matrículas em cursos, a partir do momento que foi visualizado o impacto negativo para atrair talentos às FORPRON, decidiu-se pela flexibilização de algumas situações. Assim, foram autorizadas as matrículas em cursos correlatos as missões da FORPRON, por exemplo: cursos de mestre de saltos aos integrantes da FORPRON/ Bda Pqdt e do CIBld aos elementos da FORPRON/5ª Bda C Bld.

As férias também representaram um problema, foi sugerido a adoção de percentual majorado, a fim de flexibilizar a composição das tropas.

Os soldados EV foram outro problema, o que se observou é que o soldado EP, com o passar do tempo serão “soldados de prontidão”, podendo repetir ciclos contínuos. A única questão seria o afastamento por conta de férias, mas tal situação pode ser flexibilizada, uma vez que o soldado já passou por sucessivos ciclos de prontidão, a obrigatoriedade seria participar da certificação.

05. Qual foi a principal oportunidade de melhoria levantado pelo COTER com o projeto piloto da FORPRON, do SISPRON, a fim de aperfeiçoar o estado de prontidão operacional da F Ter?

A oportunidade de melhoria deve ser a manutenção da priorização de recursos, uma vez que não há meios para o mesmo padrão de adestramento de todas as OM da F Ter

06. Na visão do COTER, quais foram os principais óbices do projeto FORPRON que podem impactar o estado de prontidão operacional da F Ter? O principal óbice está vinculado com a questão acima, ou seja, a alocações e priorização de recursos.

Identificação do Entrevistado:

Nome completo: JOEL CAJAZERIA FILHO

Posto/Grad.: Tenente-Coronel

A presente entrevista de caráter exploratório constitui-se em um instrumento de pesquisa sobre **“A contribuição do SISPRON para o estado de prontidão operacional da Força Terrestre: estudo comparativo de modelos de Forças de Prontidão”**, estudo a ser apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército pelo Maj Cav Edilmar Schumacker Soares, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa Nacional.

A finalidade desta entrevista é levantar informações e opiniões baseadas no conhecimento especializado e na experiência profissional do entrevistado, como representante do COTER, junto ao SISPRON, com vistas a ampliar o entendimento sobre o tema em questão. Como resultado, espera-se que seja possível compreender de que maneira o modelo de preparo de FORPRON (seleção e preparo de forças), do COTER, contribuiu para o estado de prontidão operacional da Força Terrestre.

Função: Adjunto da Divisão de Adestramento e Prontidão, da Chefia de Preparo, do COTER.

Entrevista realizada em 30 de junho de 2021, por meio de videoconferência.

07. No tocante a manutenção do estado de prontidão da F Ter, qual era a concepção adotada pelo COTER antes das FORPRON?

Anteriormente a FORPRON não havia um modelo, com metodologia e controle centralizado pelo COTER. O que existiam eram grupamentos coordenados pelos C Mil A, de acordo com as prioridades daquela região, não havia uma organização nível EB. Essas tropas realizavam os adestramentos de acordo com o já revogado PBIM.

Tais condições diferem da FORPRON, uma vez que há uma metodologia de adestramento e certificação, conduzida pelos Centros de Adestramento (CA-Sul e CA-Leste). Desse processo, há dados objetivos do adestramento, por meio de relatórios e gráficos. Informações obtidas nos exercícios de simulação construtiva, virtual e viva.

08. A concepção da FORPRON, no modelo adotado pelo SISPRON, foi baseada em alguma força de prontidão de exército estrangeiro?

Sim, toda a modelagem foi influenciada por exemplos de outros países, como: Canadá, França, Inglaterra, Espanha, Portugal, e , principalmente, os EUA.

A FORPRON foi bastante influenciada pelo modelo americano de rotações de tropas para envio ao exterior. Acredito, que no caso dos EUA as forças em prontidão somam 11 brigadas.

09. Em termos de estado final desejado para a prontidão operacional da F Ter , qual era a intenção com o projeto piloto das FORPRON? Os resultados planejados inicialmente se concretizaram?

Inicialmente, em 2019, o projeto piloto visualizava testar a metodologia de preparo, avaliação e certificação das tropas, em particular das 06 F Emp Estr. Ao longo da execução do projeto piloto, observou-se a capacidade gerada em valor de

tropa da FORPRON, e iniciou-se os estudos para ampliar as possibilidades e agregar capacidades. Dessa forma, ampliou-se o estado final desejado, em termos de 01 Divisão de Exército em prontidão operacional a partir de 2023.

10. Considerando os resultados do projeto piloto do SISPRON 2020:

f. Quais os principais reflexos do modelo FORPRON, do COTER, sobre a concepção de emprego do EB e na base doutrinária das respectivas forças de prontidão?

A sistemática de adestramento não sofreu alterações. As FORPRON seguem o modelo de treinamento a partir do programa de instrução básica até o adestramento. No caso particular das FORPRON, o COTER direciona a instrução das brigadas incluídas no SISPRON em alinhamento com as previsões de emprego e as missões dos PEECFA. Podemos exemplificar da seguinte forma, para 2021, o COTER previu como OA para a 10ª Bda Inf Mtz a ocupação de ponto forte, cientes de que essa seria uma missão específica dessa brigada em um PEECFA. Dessa feita, as brigadas têm a oportunidade de testar e avaliar sua base doutrinária no contexto do emprego já planejado para aquela tropa, alinhando assim o planejamento e o preparo dessa tropa.

Sobre a base doutrinária, podemos resumir que a FORPRON cria possibilidade para identificar oportunidades de melhoria e evolução das bases doutrinárias tipo e das FORPRON, em específico. Ainda como exemplo citamos o caso da 15ª Bda Inf Mec, FORPORN e UNPCRS, cuja base doutrinária define um Esqd C Mec como elemento de combate, já observamos, fruto dos exercícios, avaliações e certificações que é oportuno agregar capacidades substituindo a SU por um RCC. Além disso, identifica-se outras deficiências como o fato dos batalhões da brigada citadas serem tipo 2 e com alto percentual de soldados EV. Assim, o modelo FORPRON possibilita identificar as possibilidades de mudança de bases doutrinárias.

Outra oportunidade gerada pela FORPRON é verificar questões planejadas nos PEECFA e sua viabilidade. Um exemplo seria a efetividade e exequibilidade de existir uma brigada de selva para contrapor um ameaça identificada como tropa blindada.

Em relação a concepção de emprego do EB, o modelo FORPRON ratifica o planejamento já existente. Além de não prever alteração no escalonamento da resposta a ameaça, prevista em resposta imediata, ampliação e esforço total, as FORPRON já foram concebidas junto a brigadas previstas em PEECFA e potencialmente responsáveis por uma resposta imediata em caso de defesa, podemos exemplificar o caso da 4ª Bda C Mec e a 15ª Bda Inf Mec.

g. Quais os principais impactos do modelo FORPRON, para a organização de meios do EB, em termos de estrutura organizacional, valor e natureza de tropas em estado de prontidão? Como se dará o comando e controle de toda essa estrutura em estado de prontidão do EB?

O estado final desejado para a FORPRON é compor uma força em prontidão no valor de 01 (uma) DE, a 02 (duas brigadas), até 2023. Com isso, o projeto piloto que englobava somente as 06 (seis) F Emp Estrt, será ampliado em 2021 para outras 02 (duas) brigadas, as 1ª Bda Inf Selva e a 10ª Bda Inf Mtz, já em 2022, a GUEs/ 9ª Bda Inf Mtz e a 6ª Bda Inf Bld, completando 10 brigadas nos ciclos de prontidão somado os 14 (quatorze) módulos especiais. Dessa feita, em 2023 visualiza-se um efetivo de 10 a 15 mil homens participando dos ciclos de prontidão.

Uma implicação já observada com esse modelo é a necessidade de atualização dos PEECFA, uma vez que unidades de brigadas estão simultaneamente com missões previstas nos seus escalões orgânicos e como tropas da FORPRON. Assim, é importante ajustar essas redundâncias nos planejamentos. Fruto desses dados já levantados, o COTER será reforçado com oficiais com CPAEx para analisar esses impactos nos diversos PEECFA.

h. Há a intenção ou já foi implementadas mudanças no SIMEB (em termos de organização da instrução militar e adestramento do EB), para o processo de preparo e coordenação do sistema pelo COTER, fruto do modelo FORPRON, do SISPRON?

Não haverá a mudança no SIMEB, na verdade a preparação da FORPRON reforça as diretrizes e processos listados no SIMEB. Tal premissa se aplica para as tropas que compõem e as que não compõem FORPRON.

Dessa forma, no caso específico das FORPRON, o objetivo do adestramento é atingir a preparação completa, podendo chegar a preparação específica. Para tanto, essas tropas contam com os diversos recursos de simulação, incluindo os EM das brigadas são avaliados e certificados em exercícios de simulação construtiva, oportunidade em que se explora o previstos no processo de planejamento e condução de operações terrestres (PPCOT).

i. Quais as principais mudanças dos ciclos de adestramento da F Ter que serão efetivadas em prol do prosseguimento do modelo FORPRON de tropas em prontidão? Haverá mudanças nos ciclos de adestramento ou programas-padrão?

Os ciclos de prontidão da FORPRON não impactaram o adestramento de outras brigadas. O PIM já é organizado dessa forma, estabelece os diversos padrões de adestramento a serem atingidos .

O que de fato ocorreu foi uma maior organização dos recursos a cargo do COTER, em especial o emprego dos Centros de Adestramento. Esses centros foram impactados com o aumento da demanda de apoio e suporte, a título de exemplo as equipes do CA- Leste, no ano de 2021, ficarão, em média, 150 dias afastados das sedes, apoiando os diversos exercícios de avaliação e certificação.

j. Quais os principais reflexos do modelo FORPRON na distribuição de recursos para o adestramento e preparo da F Ter, em termos de MEM e recursos financeiros?

Um primeiro aspecto a abordar é que os recursos financeiros para as FORPRON são retirados da reserva do Cmt EB, ou seja, não impactam o montante planejado para o preparo de toda a F Ter.

Ao COTER cabe priorizar demais cotas e recursos, em particular o Classe III e V. Com isso, o intuito é manter suprimento de munição e combustível para que as FORPRON atinjam os objetivos de preparação completa, ao mesmo tempo que mantenham condições para as demais brigadas manterem seus planos de instrução, conforme estabelecido pelo PIM e lançado no SAP. Cabe destacar, que este equilíbrio na distribuição dos recursos se constitui de grande desafio.

As FORPRON também são priorizadas para a distribuição de itens do projeto COBRA, como uniformes, armamento (Fuzil IA2) e outros equipamentos, além de intercâmbios diversos como o caso da Operação *Culminating*.

k. Quais as principais observações do COTER, sobre o desenvolvimento de

habilidades de pessoal, conhecimento militar e valores, que poderão impactar o estado de prontidão da F Ter?

Podemos destacar duas ideias sobre este ponto:

- O primeiro diz respeito a projetos de valorização de pessoal. Considerado que o período de prontidão implica em algumas restrições para o pessoal, como a impossibilidade de movimentação, gozo de férias e matrícula em diversos cursos que impliquem em afastamento do militar da OM. Assim, com o objetivo de estimular e criar uma cultura de valorização das FORPRON, forma iniciados os estudos e projetos, junto ao DGP, de valorização de militares que participaram dos ciclos de prontidão, especialmente em termos de pontuação, medalhas, priorização em processos de seleção em cursos, missões no exterior e movimentações.

- O segundo ponto, diz respeito aos soldados. Há o entendimento que, diferentemente dos Oficiais, Subtenentes e Sargento, os cabos e soldados de uma OM repetirão os diversos ciclos de prontidão, com isso, naturalmente, haverá um padrão de soldado FORPRON, haja vista que em determinado momento todos os militares do efetivo profissional da OM terão participado dos períodos de prontidão, eventualmente mais de um ciclo. Assim, visualiza-se um incremento no nível de instrução desses soldados, desenvolvendo-se uma cultura de Soldado FORPRON.

I. Quais os principais reflexos do modelo FORPRON na política de pessoal do EB (serviço militar, movimentação e plano de carreira)? Considerando, também, os reflexos do percentual de soldados do EP e EV nas Brigadas FORPRON. Tais reflexos impactam o estado de prontidão operacional da F Ter?

As imposições das diretrizes de seleção de pessoal para as FORPRON geraram reflexos para as brigadas. Assim, ainda no nível brigada, há a necessidade de coordenar o rodízio de pessoal, o emprego dos militares EP, controlar a movimentação de militares incluídos nos ciclos de prontidão. Em particular, verificou-se os impactos nos planos de férias, um fator complicador para as FORPRON.

Além disso, existem outras questões carente de estudo, como os casos das brigadas de selvas e de fronteira que anualmente atingem uma rotatividade de até 70% de seus quadros. Questões essas ainda sem um diretriz específica.

11. Na visão do COTER, quais foram os principais óbices do projeto FORPRON que podem impactar o estado de prontidão operacional da F Ter?

Podemos enunciar os óbices para a seleção, preparo e execução dos ciclos de prontidão, em 02 (dois) grupos, pessoal e material.

Sobre pessoal podemos destacar:

- Soluções para unidade não completas. Por exemplo BIB quaternários, sem a 4ª Cia efetivada e outras OM grupo 5 ou 6 com um alto percentual de militares do efetivo variável.

- Os planos de movimentação deverão ser reestrudados para contemplar soluções para a seleção de pessoal para as FORPRON.

- Questões da Leis do Serviço Militar, como as questões de férias e o próprio recrutamento de pessoal.

12. Existem estudos ou diretrizes já elaboradas que abordem ou incluam as capacidades de mobilidade estratégicas para as Brigadas FORPRON?

Sim, existem estudos nesse sentido, inclusive nos PECFA. Assim, o COTER busca aproveitar oportunidades e exercícios para desenvolver essas capacidades.

Um exemplo disso será a Operação URARIQUERA, quando será executado transporte de tropas do Centro-Sul para o Norte do Brasil, com o apoio da Base de Apoio Logístico do Exército.

Com isso, essas atividades possibilitam o levantamento de necessidades e confecção de dados médios de planejamento visando a mobilidade das tropas.

13. Na visão do COTER, quais as principais vantagens do projeto FORPRON para a operacionalidade da F Ter ?

Um ponto importante é a integração dos diversos escalões operacionais e os ODS, como COTER, COLOG, DGP e outros.

Abordando um viés dissuasório, é possível que todos observem que o EB segue parâmetros de prontidão de tropas coerentes com o executado nos exércitos modernos e robustos de outros países, como os EUA.

No nível brigada e OM, podem trabalhar com meios e capacidades passadas em comando ou controle operacional, que viabilizam novas oportunidades e ensinamentos para o planejamento e condução de operações militares.

Possibilidade de manter um trabalho de atualização constante dos PEECFA.

O aumento da qualidade dos exercícios das FORPRON, haja vista o apoio dos CA, que viabiliza um maior realismo aos exercícios. Agregando, inclusive, melhores dados de desempenho de tropa, por meio dos diversos relatórios dos exercício, obtido por meio dos simuladores.

Acreditamos que todas essas ideias contribuem para a melhoria da operacionalidade do EB.

ANEXO B –QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PARTICIPANTES DA FORPRON

Identificação:

Nome completo: RODRIGO VIERIA DE PACHECO Posto/Grad: Major

A presente entrevista de caráter descritivo constitui-se em um instrumento de pesquisa sobre **“A contribuição do SISPRON para o estado de prontidão operacional da Força Terrestre: estudo comparativo de modelos de Forças de Prontidão”**, estudo a ser apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército pelo Maj Cav Edilmar Schumacker Soares, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa Nacional.

A finalidade desta entrevista é levantar informações e opiniões baseadas no conhecimento especializado e na experiência profissional do entrevistado, participante de FORPRON, junto ao SISPRON, com vistas a ampliar o entendimento sobre o tema em questão.

Como resultado, espera-se que seja possível compreender de que maneira o modelo de preparo de FORPRON (seleção e preparo de forças), do COTER, contribui para o estado de prontidão operacional da Força Terrestre.

01. Qual a função foi exercida pelo senhor junto a FORPRON/SISPRON?

Oficial de Operações da 4ª Bda C Mec, responsável pelo ciclo de prontidão previsto para maio do corrente ano.

02. O senhor já participou de algum outro modelos de forças de prontidão adotados nos diversos Comandos Militares de Área?

Não participei de modelos de prontidão anteriores ao da FORPRON. A atividade corrente é minha primeira experiência.

03. Na percepção do senhor, o modelo adotado para o preparo da FORPRON trouxe oportunidades para explorar a base doutrinária das OM? Considerando modelos anteriores, a FORPRON trouxe quais modificações?

Sim, a FORPRON trouxe oportunidades de explorar a base doutrinária das OM. Considerando modelos anteriores, particularmente, a execução do exercício de simulação viva, possibilitou auferir dados que colaboram com alterações na estrutura dos RC Mec, como a inclusão de uma turma de caçadores no Pel Cmdo/ Esqd C Ap/ RC Mec e acréscimo de material na seção de vigilância terrestre, fruto, também, dos radares (modelo SENTIR M20) provenientes do Projeto SISFRON.

04. Foi possível estabelecer a estrutura organizacional da FORPRON conforme previsto pela Diretrizes do Projeto Piloto, de maneira que permitisse a criação de espírito de corpo da tropa? Considerando modelos anteriores a FORPRON trouxe quais modificações?

Foi possível estabelecer a estrutura organizacional prevista pelas diretrizes iniciais. No entanto, o envolvimento de pessoal de distintas Organizações Militares, alocadas em diferentes guarnições, prejudicou uma estrutura com espírito de corpo adequado. Assim, a reunião de toda a Unidade FORPRON limitou-se a 2ª fase do ciclo, durante a avaliação e certificação, afetando o espírito de corpo da FORPRON e, em algum grau, o adestramento da tropa.

Considerando modelos anteriores, pode-se auferir que foram agregados os

diversos apoios, inclusive o apoio de fogo e proteção antiaérea, o qual ocorreu do 1º ciclo para o ciclo corrente. Destaca-se, a existência do destacamento logístico do 28º Batalhão Logístico (28º B Log) na estrutura da FORPRON, inclusive com a capacidade de auditar o desempenho desses apoios, por meio da atuação dos OCA.

05. No que tange ao adestramento foi possível executar as instruções previstas em PP para a preparação completa da OM? Do modelo adotado anteriormente, a FORPRON trouxe vantagens?

A execução das instruções previstas em PP para a preparação completa, no 1º ciclo, foi parcialmente concluída, aproximadamente 80% do planejado. Tal fato foi causado pela imposições de calendário, quando paralelamente a 1ª fase do ciclo de prontidão ocorreram diversas operações como Ágata, Verde Brasil e Carcará, cujo pessoal existente na OM para emprego coincidiu com o alocado para a FORPRON, comprometendo a instrução.

Do modelo anterior, considera-se que a FORPRON trouxe vantagens, pois possibilitou algo fundamental para o adestramento, que é a integração das funções de combate. No nível brigada foi possível agregar valor em apoio de fogo, defesa antiaérea, engenharia, entre outros. Dessa forma, esse modelo do COTER possibilitou a conotação de programa de adestramento avançado a FORPRON e , conseqüentemente, a integração de meios da brigada junto ao nível unidade.

06. Ao final do ciclo de certificação da tropa, o senhor considera que sua FORPRON, apresentou condições de ser empregada em situação real? Comparadas a preparações (treinamentos) anteriores, a FORPRON trouxe melhorias?

Sim, consideramos que a FORPRON possui condições de emprego. Em relação a modelos anteriores, o estabelecido pelo PIM/COTER permitiu a integração de meios das diversas funções de combate. Na avaliação do brigada, tal composição e treinamento integrado com os apoios ao combate e logístico nos permite auferir que há condições de destacar a tropa para emprego em situação real.

07. Referente a pessoal, o senhor considera que o modelo da FORPRON possibilita a manutenção de uma tropa adestrada em situação de alerta para pronto-emprego?

Permite de maneira parcial. Tal afirmação é baseada no fato que após a certificação as diversas frações que compõem a FORPRON são separadas e retornam para suas OM de origem, afetando a integração e o adestramento, pontos já listados nas questões anteriores. Assim, o pronto emprego, propriamente dito, depende de novos exercícios, mesmo de curta duração, para a retomada dos padrões de desempenho e integração. Assim, a brigada esta planejando exercícios na 3ª fase para atender a deficiências já observadas e garantir a manutenção da prontidão da tropa.

Ainda sobre pessoal, a estrutura da FORPRON com soldados EP somente vem sendo seguida devido a duas situações. A primeira foi o entendimento que a FORPRON substituiria a Força Pantanal (FORPAN), organização de tropas definidas pelo CMO para as ações subsidiárias, não havendo assim a imposição de duas composições de tropas exclusivas com EP. Já a outro ponto é a própria constituição das OM da brigada, as quais possuem uma proporção em relação ao EV de 70% a 80% de EP, em uma situação menos vantajosa estão as OM de apoio com cerca de 60% de EP, no entanto é possível manter a organização dos ciclos de prontidão.

Assim, mantemos na brigada a situação geral em termos do efetivo varável em preparação e o EP em condições de emprego, condição que se reflete nos RC Mec desta GU, que possuem 01 SU de Ev e 02 SU de EP.

08. O senhor considera que a FORPRON recebeu prioridade de distribuição de recursos para a preparação, tanto financeiros quanto equipamentos e melhoria de instalações? Outros modelos de forças de prontidão que o senhor tenha participado, receberam a mesma prioridade?

Consideramos que sim, principalmente a percepção junto aos integrantes de Estados-maiores de outras brigadas, podemos observar a priorização dos recursos para a FORPRON. Outro indicador são os próprios recursos alocados para a brigada, destaco nesta questão é o contínuo suprimento de combustível, ponto que é gargalo para o adestramento de tropas mecanizadas. Adicionalmente, são as indicações dos próprios representantes do COTER que está ocorrendo distribuição prioritária de recursos para a FORPRON.

09. O senhor considera que o atual modelo da FORPRON possibilita a construção de uma cultura institucional voltada para priorização de recursos, preparação e manutenção de tropas em condições de pronto-emprego?

Sim, o modelo FORPRON é muito bom, à medida que contempla a integração dos diversos apoios aos elementos de combate. Aspectos históricos e a doutrina brasileira, nos permite observar que o módulo brigada é a base para emprego de tropas, haja vista ser o menor escalão que integra funções de combate. O modelo FORPRON ao definir forças com grau de integração segue a mesma lógica e contribui para a construção de uma cultura institucional de emprego. Tal premissa, reflete na prioridade de recursos, a qual é otimizada pela característica da brigada de possuir OM também unidades gestoras, o que permite a utilização célere e efetiva dos recursos descentralizados.

Além disso, o modelo FORPRON impõem um comprometimento de todas as OM da brigada. Diferente de modelos anteriores, que por vezes dependiam de iniciativas estanques de algumas OM, a atual modelagem impõe uma integração de todos os elementos da brigada. Tal fato, com certeza contribui para a criação de uma cultura institucional voltada para a preparação de tropa em condições de pronto-emprego.

Ressalto, que a manutenção dos padrões, ainda se observa a necessidade de exercícios ao longo da prontidão. Uma vez que, há uma grande ênfase a preparação para a certificação, porém, ainda não foi medido, o real impacto na preparação da tropa a rotina na 3ª fase.

10. Na percepção do senhor, quais as principais vantagens do modelo FORPRON para a manutenção de tropas em condições de Pronto-emprego?

A principal vantagem foi a já citada integração das diversas funções de combate no nível OM. Na prática, o modelo FORPRON trouxe um novo calendário de exercícios de adestramento, atividade que possibilita vantagens para o adestramento, destaco nessa questão a preparação para a simulação viva. Assim, as vantagens da FORPRON se sustentam em dois pilares a integração dos apoios e a existência de novos exercícios com simulação viva.

11. Na percepção do senhor, quais as principais desvantagens ou óbices do modelo FORPRON para a manutenção de tropas em condições de Pronto-emprego?

Não observo desvantagens, no entanto podemos elencar óbices. O primeiro foi a distância entre as OM, já citado, que dificulta o treinamento e novos exercícios de integração das frações, haja vista, principalmente, recursos para as atividades, destacando-se a necessidade de combustível. O segundo óbice é a ausência de um campo de instrução compatível para a instrução da FORPRON, fator esse determinante para o nível de adestramento da FORPRON.

Identificação:

Nome completo: ANDRÉ ROLIM DA SILVA. Posto/Grad.: Major

A presente entrevista de caráter descritivo constitui-se em um instrumento de pesquisa sobre **“A contribuição do SISPRON para o estado de prontidão operacional da Força Terrestre: estudo comparativo de modelos de Forças de Prontidão”**, estudo a ser apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército pelo Maj Cav Edilmar Schumacker Soares, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa Nacional.

A finalidade desta entrevista é levantar informações e opiniões baseadas no conhecimento especializado e na experiência profissional do entrevistado, participante de FORPRON, junto ao SISPRON, com vistas a ampliar o entendimento sobre o tema em questão.

Como resultado, espera-se que seja possível compreender de que maneira o modelo de preparo de FORPRON (seleção e preparo de forças), do COTER, contribui para o estado de prontidão operacional da Força Terrestre.

12. Qual a função foi exercida pelo senhor junto a FORPRON/SISPRON?

Fui E3 da 5ª Bda C Bld, participei da implantação do SISPRON no âmbito da 5ª Bda C Bld.

13. O senhor já participou de algum outro modelos de forças de prontidão adotados nos diversos Comandos Militares de Área?

Sim. Nos anos de 2003 e 2004 servia no 3ª Esqd C Mec em Brasília, sendo esta OM designada Pronto Emprego, havia certa priorização de recursos. Além disso, a OM possuía um calendário bastante intenso de adestramento e priorização de efetivo profissional, na época núcleo base.

14. Na percepção do senhor, o modelo adotado para o preparo da FORPRON trouxe oportunidades para explorar a base doutrinária das OM? Considerando modelos anteriores, a FORPRON trouxe quais modificações?

Com relação a base doutrinária, entendemos as atividade e tarefas esperadas por aquela OM ou determina tropa, o que possui de capacidade ou está apta a cumprir. Tal premissa é resumida nos programas padrão de adestramento, os objetivos de adestramento e as missões de combate, previstas no PPA utilizados. Assim, não se visualiza a modificações do modelo preparação tanto por influência da FORPRON, quanto pela comparação com outras iniciativas de tropas de prontidão.

Atualmente, cada OM possui a sua base doutrinária, no entanto o que guia o treinamento da tropa são as missões de combate, particularmente no nível SU ou OM. Para tanto, as OM se valem dos PPA e cumpre-se os objetivos previstos neste documento. Atingindo o padrão mínimo previsto no PPA a OM atinge condições para emprego. A FORPRON busca sistematizar esse método para as tropas selecionadas e retomar o método de adestramento, gerando uma tropa em condições de emprego imediato.

15. Foi possível estabelecer a estrutura organizacional da FORPRON conforme previsto pela Diretrizes do Projeto Piloto, de maneira que permitisse a criação de espírito de corpo da tropa? Considerando modelos anteriores a FORPRON trouxe quais modificações?

O COTER operacionalizou a Diretriz do Projeto Piloto do COTER. Em relação a 5ª Bda C Bld, inicialmente, foram realizadas gestões para a preparação de 01 OM a 02 SU, mantendo a coerência com o previsto da referida diretriz. Os planejamentos evoluíram para a organização de uma força valor OM a 4 SU, moduladas em FT, misturando Fuz Bld e CC, nesses termos cada OM (Inf Cav) da Bda cederia 01 SU, sendo que 01 SU contaria com o apoio em pessoal da 6ª Bda Inf Bld.

A 5ª Bda C Bld mobilizou mais meios que o previsto, extrapolando os meios de combate e agregando 01 Bia O Ap (5ª GAC Ap), 01 Pel Em, 01 Pel Com (5ª Cia Com Bld) e 01 Módulo Logístico do 5º B Log, provendo a sustentação logística da FORPRON. Acredito que essa constituição representou um avanço em relação a diretriz do projeto piloto. Ao final do ano, observou-se ainda a necessidade de estruturas de posto de comando da Bda, visualizando-se assim elementos do Esqd C/5ª Bda C Bld e do 25º Pel PE para serem incluídos na FORPRON.

Para 2021, isso previsto no PIM, haveria a necessidade de todas as OM das Bda participantes do SISPRON, assim, cederiam 01 fração, proporcionalmente a seu valor em tropa, o que agregará mais meios e capacidades.

Dessa feita, a 5ª Bda C Bld foi além do previsto na Diretriz do Projeto Piloto, incluindo o apoio de fogo e ao combate como comunicações, engenharia e logística.

16. No que tange ao adestramento foi possível executar as instruções previstas em PP para a preparação completa da OM? Do modelo adotado anteriormente, a FORPRON trouxe vantagens?

Em relação ao modelo da FORPRON, o grande avanço talvez tenha sido a possibilidade de determinar exatamente o período e o que realizar ao longo da fase de preparação. Selecionando o período do ano, quando o EP ira se preparar da melhor forma para a certificação, a qual se constitui do teste dos objetivos alcançados. Ressalta-se que o calendário da FORPRON é diferente do ano de instrução previsto de uma Bda ou OM, com a IIB, IIQ e o adestramento, propriamente dito. Assim, a preparação da FORPRON é mais um encargo para a Bda e OM. Nesse sentido, podemos exemplificar a situação dos RCC que, além da FORPRON, necessitam realizar o treinamento específico e certificação de suas guarnições e pelotões, incluindo o apoio do CIBld nesta tarefa. Assim, observa-se que os Pel Fuz Bld, no contexto da FORPRON, estão seguindo uma rotina semelhante aos Pel CC no que tange a preparação e certificação, possivelmente será uma evolução considerável para a preparação dessas tropas.

Os PP foram cumpridos, porém selecionamos os objetivos que melhor traduziam a intenção de preparação das tropas. Assim, não houve alteração no PP, mas sim, uma abreviação do período, a partir da seleção e priorização de objetivos, o que foi confeccionado desde as pequenas frações até SU. Inclusive, observou-se que o PP CTTEP pouco foi aproveitado para a preparação da FORPRON.

17. Ao final do ciclo de certificação da tropa, o senhor considera que sua FORPRON, apresentou condições de ser empregada em situação real? Comparadas a preparações (treinamentos) anteriores, a FORPRON trouxe melhorias?

Sim, considero que a tropa estaria em condições de emprego, mas é importante

destacar que a FORPRON foi treinada no contexto de situações de guerra, de acordo com PEECFA e hipótese de emprego selecionado. Em caso de emprego real, em missões distintas destas que foram citadas, haveria, ainda, a necessidade de uma preparação específica, para a missão de combate específica para qual a tropa foi designada.

O principal aspecto que trás essa percepção de preparação e, também, a principal melhoria comparada a modelos anteriores é, justamente, a participação do CA-Sul. Particularmente com a certificações e emprego de simuladores, que possibilitou maior realismo e a quantificação do adestramento da tropa. Com isso, acredito que a participação do CA- Sul foi o grande avanço para a FORPRON, trazendo todo esse suporte e *feedback* do nível de adestramento da tropa.

18. Referente a pessoal, o senhor considera que o modelo da FORPRON possibilita a manutenção de uma tropa adestrada em situação de alerta para pronto-emprego?

A FORPRON busca manter a tropa certificada em estado de prontidão, porém a cultura de gestão de pessoal no EB gera pontos de fricção. Em uma análise geral, a questão do pessoal constitui-se de ponto mais sensível para a manutenção do estado de prontidão, tal condição é vulnerável devido a rotatividade de pessoal, dada a execução dos planos de movimentação; matrículas em cursos, aspecto de interesse institucional e individual; planos de férias; aspectos do recrutamento e serviço temporário, dificultando os ciclos de prontidão com períodos concorrentes aos meses de janeiro a março, e o percentual de soldados do efetivo variável nas OM.

19. O senhor considera que a FORPORN recebeu prioridade de distribuição de recursos para a preparação, tanto financeiros quanto equipamentos e melhoria de instalações? Outros modelos de forças de prontidão que o senhor tenha participado, receberam a mesma prioridade?

Sim a FORPRON foi priorizada, principalmente pelo ODOp. A percepção da brigada era que o COTER atendia de maneira efetiva e célere as demandas de recursos para a preparação da FORPRON, isso inclui crédito para apoio a instrução, para passagens e diárias. Um exemplo bem significativo foram os aluguéis de ônibus para transporte de pessoal para o exercício de certificação no Campo de Instrução Barão de São Borja, uma necessidade aproximada de R\$ 110.000,00, que foi disponibilizado pelo COTER de maneira bastante rápida, apoiando o transporte de tropa para o exercício.

Com isso, é possível elencar que o apoio em recursos financeiros é um dos pontos fortes da FORPRON.

Acredito, como oportunidade de melhoria, seria a mesma priorização nos recursos sob responsabilidade de outros ODS, como material classe II, armamentos e demais equipamentos.

20. O senhor considera que o atual modelo da FORPRON possibilita a construção de uma cultura institucional voltada para priorização de recursos, preparação e manutenção de tropas em condições de pronto-emprego?

Acredito que a FORPRON almeja a construção de uma cultura institucional voltada para priorização de recursos, preparação e manutenção de tropas em condições de pronto-emprego, a percepção é que o modelo possibilita essa mudança. Talvez esse seja o grande desafio da FORPRON, o de romper a cultura vigorante de

dividir recursos de maneira igualitária ou proporcional entre todas as OM, da mesma forma, romper a ideia de que todos têm a mesma prioridade. Assim, o referido desafio é materializar a priorização da preparação de determinadas tropas, particularmente, das Forças de Emprego Estratégico.

21. Na percepção do senhor, quais as principais vantagens dos modelos FORPRON para a manutenção de tropas em condições de Pronto-emprego?

A FORPRON trouxe muitas vantagens para a preparação da tropa. Primeiramente, o modelo estabelecido possibilita uma dinâmica muito clara, no tempo e espaço no calendário anual de instrução, para a contínua preparação da FORPRON, ressaltando que esta preparação não exclui o tradicional preparo de tropas definido no PIM.

Outra vantagem, é a percepção de priorização de tropas para distribuição de recursos de toda a natureza. Entendendo que a atual realidade do EB, de recursos limitados não possui uma perspectiva de alteração, cresce de importância a priorização de determinadas tropas, sob pena de degradação como um todo, do nível de adestramento da F Ter. Assim, a FORPRON materializa essa priorização de recursos e viabiliza a existência de tropas em condições de pronto-emprego.

Ademais, a participação ativa dos centros de adestramento. Como já explanado em outras respostas, amplia a possibilidade de adestramento, agrega grande qualidade à preparação da tropa.

Outra vantagem, a FORPRON trás subsídios claros para a análise de deficiências na instrução da tropa, favorecendo uma recuperação de padrões e identificação de vulnerabilidades da instrução da tropa, isto fruto da certificação conduzida pelos Centros de Adestramento. Como exemplo, podemos citar o caso da infantaria blindada, na certificação foi possível identificar deficiências, talvez até doutrinárias, de maneabilidade, coordenação de fogos e emprego de Mtr .50, dados obtidos pelos simuladores, que antes o Cmt OM e a Bda não possuíam acesso. Com isso, os responsáveis pela condução da instrução podem pontuar as falhas e atuar de maneira efetiva para o aprimoramento de seu treinamento.

22. Na percepção do senhor, quais as principais desvantagens ou óbices do modelo FORPRON para a manutenção de tropas em condições de Pronto-emprego?

Devido à já consagrada e cristalizada cultura organizacional do EB, a “quebra” de paradigma demandada pela FORPRON, pode constituir-se de grande desvantagem do modelo, ou seja, o fato de ir de encontro a uma política de gestão estabelecida no EB pode degradar o modelo e inviabilizá-lo.

No mesmo sentido, a “quebra” de paradigma na priorização de determinadas brigadas em detrimento de outras. Este é um grande desafio, o óbice é por conta de nossa cultura institucional.

Quando analisado o modelo FORPRON em si, não conseguimos identificar óbices significativos. Em que pese, como oportunidade de melhoria a flexibilização de alguns parâmetros da FORPRON, como a proibição de seleção de soldados EV para constituir as forças.

Desvantagens, período restrito de certificação, por exemplo a disponibilização de somente 2 dias para a simulação construtiva. Entendo que há a necessidade de explorar mais a constituição dos EM e sua capacidade de comando e controle em operações continuadas.

Outra desvantagem, é o fato que o modelo e sua sistemática de preparação

não exploram a sustentação logística ou o deslocamento estratégico da FORPRON. Este último é bem observado no caso da 5ª Bda C Bld, uma brigada pesada com meios volumosos que demandam grande suporte logístico, cuja concepção de emprego contempla regiões afastadas das suas sedes, tais necessidades ainda devem ser levantadas e experimentadas, a fim de mensurar a capacidade de prontidão para atender as diversas hipóteses de emprego.

Um exemplo em 2020, a 5ª Bda C Bld buscou estabelecer contato com a empresa de transporte ferroviário RUMO, a qual não respondeu ou demonstrou interesse no transporte dos meios da brigada.

De uma maneira sintética, poderia afirmar que a FORPRON busca uma nova mentalidade, porém ainda sofre com problemas antigos e ainda presentes na estrutura do EB e do país, como a sustentação logística, priorização de recursos e o deslocamento estratégico em um país de grandes dimensões. Assim, a FORPRON ainda necessita superar os mesmos óbices que afetaram modelos anteriores de forças de pronto emprego.

ANEXO C – QUESTIONÁRIO APLICADO A INTEGRANTE DO CA-SUL

Identificação do Entrevistado:

Nome completo: **ANDREY EDUARDO RODRIGUES** Posto/Grad.: MAJOR

A presente entrevista de caráter exploratório constitui-se em um instrumento de pesquisa sobre **A contribuição do SISPRON para o estado de prontidão operacional da Força Terrestre: estudo comparativo de modelos de Forças de Prontidão**, estudo a ser apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército pelo Maj Cav Edilmar Schumacker Soares, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa Nacional.

A finalidade desta entrevista é levantar informações e opiniões baseadas no conhecimento especializado e na experiência profissional do entrevistado, como especialista do Centro de Adestramento, em relação a avaliação e certificação de tropas, junto ao SISPRON, com vistas a ampliar o entendimento sobre o tema em questão. Como resultado, espera-se que seja possível compreender de que maneira o modelo de preparo de FORPRON (avaliação e certificação de tropas), do COTER, contribuiu para o estado de prontidão operacional da Força Terrestre.

1. Como se dava o processo de certificação de adestramento de tropas a cargo do CA Sul, para fins de prontidão operacional, anteriormente a implementação do modelo SISPRON de FORPRON?

O processo de certificação teve origem com a criação do SISPRON, sendo que anteriormente o Centro de Adestramento empregava a metodologia de simulação de combate, na modalidade viva, para contribuir com a avaliação da tropa pelo comando enquadrante. Onde a coleta de dados subjetivos e objetivos eram realizadas pelos OCAs, através das fichas de observação, e dispositivos de simulação de engajamento tático.

Com a criação do SISPRON este processo passou a ser implementado junto a certificação, sendo ajustado para os módulos didáticos de adestramento e dos objetivos de adestramento a serem realizado pelas FORPRON.

2. Como os centro de adestramentos, em particular o CA-Sul, estão inseridos no projeto FORPRON, do SISPRON?

Os CA estão inseridos no SISPRON por meio de sua Diretriz Organizadora no qual estabelece as atividades de responsabilidades dos Centro, como a formação de OCA e apoio aos GU durante a fase de certificação.

3. Como se procede a avaliação das FORPRON? Qual o objetivo dessa atividade?

A avaliação da FORPRON é de responsabilidade do seu Cmdo enquadrante, onde o CA apoia esta avaliação como ferramenta.

Avaliação de acordo com os PP

A avaliação do adestramento tem por objetivos:

- apreciar o nível de preparação orgânica atingido no adestramento anual, visando à concretização da operacionalidade da OM;

- apreciar a amplitude da preparação alcançada no adestramento de mobilização ou de prorrogação do tempo de serviço inicial, visando ao desenvolvimento da eficiência operacional e à produção do poder de combate.

- identificar as deficiências existentes, visando à orientação de medidas e providências para sua correção e de aprimoramento do próprio adestramento; e
- orientar a APA, a ser conduzida após cada exercício de campanha realizado.

4. Como se procede a certificação das FORPRON? Qual o objetivo dessa atividade?

A Certificação é uma fase do ciclo de prontidão, onde através do apoio do Apoio do Sistema de Simulação do EB (SSEB), ocorre os exercícios são realizadas as atividades de avaliação e certificação propriamente dita. A certificação ocorre através de um processo com o emprego de OCAs, meios de simulação (DSET, Jogos de Guerra, Simulação Virtual), um Força Oponente ou Partido Vermelho e APA. Ainda constam com o auxílio de fichas de observação (Baremas) permitindo o acompanhamento das ações a serem realizadas e uma coleta de dados.

5. Em termos gerais esse modelo FORPRON de avaliação e de certificação de tropas são subsídio para verificar o adestramento de tropas? Na sua visão quais os principais pontos fortes e óbices do modelo?

Sim este modelo de avaliação e certificação permite verificar o nível de adestramento atingido pelo tropa, bem como elencado seus pontos fortes, as oportunidades de melhoria, as lições aprendidas e as deficiências operacionais, onde através da análise entre as funções de combate e a geração da capacidades (DOAMEPII) permite-se identificar aspectos sobre o adestramento, bem como as outras capacidades.

Os pontos fortes deste modelo estão na busca de um alto grau de imersão e realismo com um trabalho apoiado em coleta da dados objetivos , por meios dos simuladores, e subjetivos por parte dos OCAs aferindo uma capacidade de retroalimentação do sistema de instrução militar e aperfeiçoamento da doutrina.

Já como óbices, cabem a compreensão dos pressupostos e fundamentos de emprego da simulação, orientando a condução desse processo com a vigilância constante em mapear as possibilidades de treinamento negativo, bem como as medidas da mitigar a ocorrência do mesmo. Aliado ao mapeamento do treinamento negativo, outro óbice enfrentado é a existência de campos de instrução adequados a execução das atividades no terreno, muita das vezes impactando diretamente na segurança e obtenção da imitação do combate. Que por muitas das vezes força uma quebra da situação vivida.

6. Os diversos parâmetros tratados acima, sobre avaliação e certificação de tropas, existiam antes do projeto FORPRON, do COTER?

Sim, os parâmetros empregados pelos Objetivos de Adestramento retirados do SIMEB, que vão permitir estabelecer as condições de execução, as ações (oque fazer ?) a realizar e o padrão mínimo, aliados a doutrina de emprego (como fazer) balizam as produções das fichas de observação.

1) Conceito

É o objetivo que define o desempenho coletivo desejado e que está relacionado a uma missão de combate para o grupamento operacional considerado.

É constituído por três elementos:

- missão de combate;

- condições de execução; e
- padrão mínimo.

7. Quais as principais vantagens e desvantagens do sistema FORPRON, quando comparado a esses modelos anteriores?

As vantagens são a obtenção de um sistema baseado no SIMEB, com o aperfeiçoamento da metodologia de emprego de simulação de combate o que permite uma obtenção da imitação de combate com maior efetividade.

As desvantagens permeiam a necessidade de mais investimento e infraestrutura nos campos de instrução, em meios de simulação e formação de recursos humanos o que as vezes tornam-se óbices impactantes nas atividades de certificação.